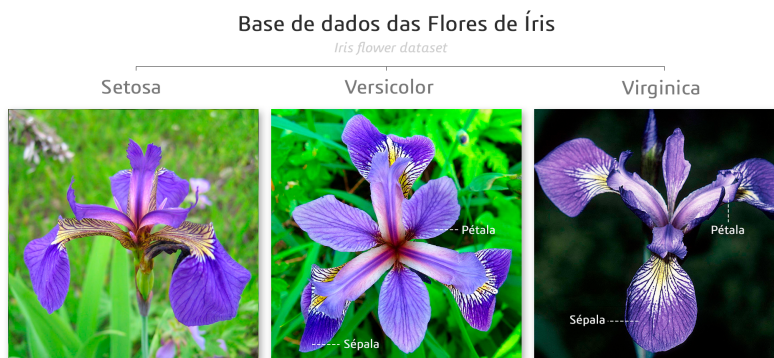


- ▶ Os slides de apoio às aulas teóricas baseiam-se na matéria da sebenta [Texto de Apoio de Álgebra Linear](#), e vários dos seus esquemas e/ou figuras provêm da sebenta ou são versões modificadas de esquemas e figuras da sebenta.
- ▶ A matéria exposta nestes slides deve ser complementada com a leitura dessa sebenta.

## Um pequeno exemplo para motivar :)

Um famoso conjunto de dados foi obtido por Ronald Fisher medindo o comprimento e a largura das sépalas e pétalas (em cm) de 50 lírios de cada uma de 3 espécies distintas, *Setosa*, *Versicolor* e *Virgínica*.



([https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto\\_de\\_dados\\_flor\\_Iris#/media/Ficheiro:Flores\\_de\\_Iris.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conjunto_de_dados_flor_Iris#/media/Ficheiro:Flores_de_Iris.png))

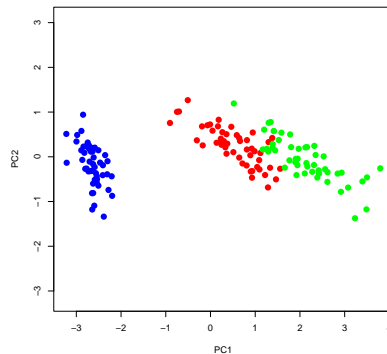
A tabela a seguir apresenta os valores obtidos para alguns dos lírios.

	Sepal.Length	Sepal.Width	Petal.Length	Petal.Width	Species
1	5.1	3.5	1.4	0.2	setosa
2	4.9	3.0	1.4	0.2	setosa
3	4.7	3.2	1.3	0.2	setosa
⋮	⋮	⋮	⋮	⋮	⋮
150	5.9	3.0	5.1	1.8	virginica

# O melhor retrato do conjunto de dados dos lírios

O conjunto de dados dos 150 lírios origina uma nuvem de 150 pontos num espaço a 4 dimensões **que não conseguimos visualizar**, em que o vetor de coordenadas de cada ponto contém o comprimento e a largura das sépalas e pétalas de cada lírio (vetor com 4 componentes).

Usando métodos de Álgebra Linear podemos projetar esta nuvem de pontos num plano de modo a obter-se o **melhor retrato** possível, no sentido em que melhor preserva as distâncias originais entre as flores, ou equivalentemente, a **variabilidade** do conjunto:



Pode-se observar no retrato que, por exemplo, os comprimentos e as larguras das sépalas e pétalas **diferenciam** claramente os lírios da espécie *Setosa* dos lírios das restantes 2 espécies *Versicolor* e *Virginica*. Este tipo de conjuntos de dados são estudados em áreas tais como a Estatística Multivariada, áreas essas que necessitam de forma crucial de diversos conceitos e resultados de Álgebra Linear.

## Vetores com $n$ componentes reais ( $\mathbb{R}^n$ )

- ▶ Recordemos que  $\mathbb{R}$  denota o conjunto dos números reais.
- ▶ O conjunto dos **vetores do plano** é o conjunto dos vetores com 2 componentes reais que se denota por  $\mathbb{R}^2$ , ou seja,

$$\mathbb{R}^2 = \{(x, y) : x, y \in \mathbb{R}\}.$$

Por exemplo,  $(1, -\pi) \in \mathbb{R}^2$ .

- ▶ Analogamente, o conjunto dos **vetores do espaço** é o conjunto dos vetores com 3 componentes reais, denotado  $\mathbb{R}^3$ , isto é,

$$\mathbb{R}^3 = \{(x, y, z) : x, y, z \in \mathbb{R}\}.$$

Por exemplo,  $(1, -\pi, 0) \in \mathbb{R}^3$ .

- ▶ Em geral, dado um inteiro  $n \geq 2$ , denotamos o conjunto dos vetores com  $n$  componentes reais por  $\mathbb{R}^n$ , ou seja,

$$\mathbb{R}^n = \{(x_1, x_2, \dots, x_n) : x_1, x_2, \dots, x_n \in \mathbb{R}\},$$

onde  $x_i$  é a componente do vetor  $x$  que se encontra na posição  $i$ .

Por exemplo, se  $x = (1, -\pi, 0, 2, 3, -4) \in \mathbb{R}^6$ , tendo-se  $x_4 = 2$ .

- ▶ Os **números reais** serão também designados por **escalares** por oposição a vetores

# Operações sobre vetores do plano ( $\mathbb{R}^2$ )

Recordemos as operações algébricas bem conhecidas sobre vetores do plano ( $\mathbb{R}^2$ ). Se  $x = (x_1, x_2)$  e  $y = (y_1, y_2)$  são vetores de  $\mathbb{R}^2$  e  $\lambda \in \mathbb{R}$ :

► **Adição de vetores:**

$$x + y = (x_1, x_2) + (y_1, y_2) = (x_1 + y_1, x_2 + y_2).$$

► **Produto de um vetor por um escalar:**

$$\lambda x = \lambda(x_1, x_2) = (\lambda x_1, \lambda x_2).$$

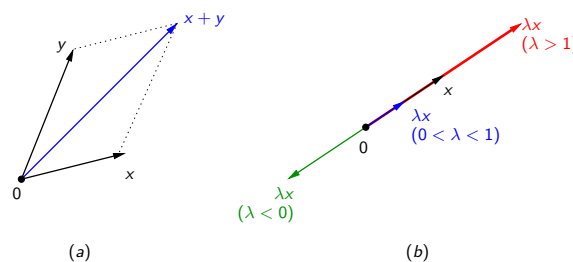
► **Produto escalar (ou interno) de vetores:**

$$x \cdot y = (x_1, x_2) \cdot (y_1, y_2) = x_1 y_1 + x_2 y_2.$$

Por exemplo, se  $x = (3, 1)$ ,  $y = (2, 5)$  e  $\lambda = 2$ , obtém-se

$$x + y = (5, 6), \quad 2(3, 1) = (6, 2), \quad (3, 1) \cdot (2, 5) = 11.$$

## Interpretação geométrica das operações sobre vetores



Para todos os vetores não nulos do plano,  $x$  e  $y$ , tem-se a relação bem conhecida,

$$\cos(\theta) = \frac{x \cdot y}{\|x\| \|y\|},$$

onde  $\theta$  é o ângulo formado por  $x$  e  $y$ . Resulta, em particular, da relação anterior a chamada **desigualdade de Cauchy-Schwarz** (C.-S.),

$$|x \cdot y| \leq \|x\| \|y\|,$$

onde  $\|x\|$  e  $\|y\|$  são os comprimentos dos vetores  $x$  e  $y$ , respetivamente.

A extensão das operações algébricas para vetores com um número arbitrário de componentes faz-se de modo óbvio.

## Definição

▶ **Adição de vetores:**

$$x + y = (x_1, x_2, \dots, x_n) + (y_1, y_2, \dots, y_n) = (x_1 + y_1, x_2 + y_2, \dots, x_n + y_n),$$

isto é, somam-se as componentes homólogas dos vetores

▶ **Produto de um vetor por um escalar:**

$$\lambda x = \lambda(x_1, \dots, x_n) = (\lambda x_1, \dots, \lambda x_n),$$

isto é, multiplicam-se todas as componentes do vetor pelo escalar

▶ **Produto escalar (ou interno) de vetores:**

$$x \cdot y = (x_1, x_2, \dots, x_n) \cdot (y_1, y_2, \dots, y_n) = x_1 y_1 + x_2 y_2 + \dots + x_n y_n,$$

sendo ainda válida a desigualdade de C.-S. neste caso.

**TPC:** dar exemplos em  $\mathbb{R}^4$  para as 3 operações anteriores.

## Propriedades das operações sobre vetores

Adição de vetores e o produto de vetores por escalares verificam várias propriedades que decorrem imediatamente das propriedades dos números reais (falaremos mais adiante nas propriedades do produto escalar).

### Propriedades das operações algébricas

Sejam  $x, y, z$  vetores de  $\mathbb{R}^n$ ,  $\vec{0} = (0, \dots, 0) \in \mathbb{R}^n$  e  $\lambda, \mu \in \mathbb{R}$ . Tem-se,

1.  $x + y = y + x$  (**comutativa**)
2.  $(x + y) + z = x + (y + z)$  (**associativa**)
3.  $x + \vec{0} = x$  (**existência de el. neutro**)
4.  $x + (-x) = \vec{0}$  (**existência de el. simétrico**)
5.  $\lambda(x + y) = \lambda x + \lambda y$  (**distributiva...**)
6.  $(\lambda + \mu)x = \lambda x + \mu x$  (**distributiva...**)
7.  $(\lambda\mu)x = \lambda(\mu x)$  (**compatibilidade dos produtos...**)
8.  $1x = x$  (**el. identidade da multiplicação por escalar**)

## Definição de matriz

Sejam  $m, n$  inteiros positivos. Chama-se **matriz do tipo  $m \times n$**  a uma coleção  $A = [a_{ij}]$  de  $mn$  números reais dispostos em  $m$  linhas e  $n$  colunas,

$$A = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & \dots & a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & \dots & a_{2n} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ a_{m1} & a_{m2} & \dots & a_{mn} \end{bmatrix}_{m \times n}.$$

$a_{ij}$ : elemento da matriz que se encontra na **linha  $i$**  e **coluna  $j$**  da matriz. O índice  $i$  percorre as linhas da matriz e designa-se por **índice de linha**. O índice  $j$  percorre as colunas da matriz e designa-se por **índice de coluna**.

As matrizes constituem uma extensão dos vetores adequada ao estudo dos sistemas lineares

## Exemplos

$$\blacktriangleright A = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} \\ a_{41} & a_{42} & a_{43} \end{bmatrix}_{4 \times 3} = \begin{bmatrix} 10 & 2 & 3 \\ 5 & 0 & 0 \\ 1 & 3 & -1 \\ 5 & 1 & -2 \end{bmatrix}_{4 \times 3}$$

O elemento de  $A$  que se encontra na linha 4 e coluna 1 é  $a_{41} = 5$

$\blacktriangleright A = [a_{ij}]_{2 \times 3}$  definida por  $a_{1j} = 10$  e  $a_{2j} = \pi$ , para todo o  $j$ , é

$$A = \begin{bmatrix} 10 & 10 & 10 \\ \pi & \pi & \pi \end{bmatrix}_{2 \times 3}$$

$\blacktriangleright A = [a_{ij}]_{3 \times 3}$  definida por  $a_{ij} = i + j$ , para  $i, j = 1, 2, 3$ , é

$$A = \begin{bmatrix} 1+1 & 1+2 & 1+3 \\ 2+1 & 2+2 & 2+3 \\ 3+1 & 3+2 & 3+3 \end{bmatrix}_{3 \times 3} = \begin{bmatrix} 2 & 3 & 4 \\ 3 & 4 & 5 \\ 4 & 5 & 6 \end{bmatrix}_{3 \times 3}$$

## Matriz-linha e matriz-coluna ou vetor

- ▶ Se  $m = 1$ ,  $A_{1 \times n} = [a_{11} \ \dots \ a_{1n}]$  designa-se por **matriz-linha**.  
Por exemplo,  $A = [1 \ 3 \ -2]$  matriz-linha do tipo  $1 \times 3$ .

- ▶ Se  $n = 1$ ,  $A_{m \times 1} = \begin{bmatrix} a_{11} \\ \vdots \\ a_{m1} \end{bmatrix}$  designa-se por **matriz-coluna** ou **vetor**.

Por exemplo,  $(2, 3, -1) = \begin{bmatrix} 2 \\ 3 \\ -1 \end{bmatrix} \in \mathbb{R}^3$

- ▶ Em geral,  $x \in \mathbb{R}^m$  pode ser representado como  $m$ -uplo de números reais ou como matriz-coluna do tipo  $m \times 1$ :

$$x = (x_1, \dots, x_m) = \begin{bmatrix} x_1 \\ \vdots \\ x_m \end{bmatrix}.$$

## Matriz definida por vetores e matriz quadrada

- ▶ Se  $v_1, v_2, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$ ,  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n]$  denota a matriz do tipo  $m \times n$  cujas colunas são os  $n$  vetores  $v_1, v_2, \dots, v_n$ .  
Por exemplo, se  $v_1 = (1, 0, 2)$ ,  $v_2 = (-1, 1, 1)$  e  $v_3 = (1, 10, 0)$ ,

$$A = [v_1 \ v_2 \ v_3] = \begin{bmatrix} 1 & -1 & 1 \\ 0 & 1 & 10 \\ 2 & 1 & 0 \end{bmatrix}_{3 \times 3}.$$

- ▶ Se uma matriz  $A$  é do tipo  $n \times n$ ,  $A$  diz-se **quadrada de ordem  $n$** .  
Por exemplo, a matriz  $[v_1 \ v_2 \ v_3]$  anterior é quadrada de ordem 3.
  - ▶ Chama-se **diagonal principal** de uma matriz quadrada  $A = [a_{ij}]$  ao conjunto dos elementos  $a_{ii}$ ,  $i = 1, \dots, n$ :

$$\begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & \dots & a_{1n} \\ a_{21} & a_{22} & \dots & a_{2n} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ a_{n1} & a_{n2} & \dots & a_{nn} \end{bmatrix}.$$

# Matriz triangular e matriz diagonal

$A = [a_{ij}]$  matriz quadrada de ordem  $n$

- ▶ A diz-se **triangular superior** se  $a_{ij} = 0$  para  $i > j$ , ou seja, se todos os elementos abaixo da diagonal principal são nulos.

Por exemplo,  $\begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \end{bmatrix}$  é triangular superior de ordem 3.

- ▶ A definição de **triangular inferior** é análoga e fica como exercício.
- ▶ A diz-se **diagonal** se  $a_{ij} = 0$  para todo  $i \neq j$ , isto é, se todos os elementos fora da diagonal principal de  $A$  forem nulos, e pode ser representada por  $A = \text{diag}(a_{11}, a_{22}, \dots, a_{nn})$ .

Por exemplo,  $\text{diag}(2, -1, 3) = \begin{bmatrix} 2 & 0 & 0 \\ 0 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & 3 \end{bmatrix}$  é uma matriz diagonal de ordem 3.

# Matriz escalar e matriz identidade

- ▶ Uma matriz diagonal  $A$  de ordem  $n$  diz-se **escalar** se todas as entradas da diagonal principal forem iguais entre si, isto é, se para algum  $\lambda \in \mathbb{R}$ ,

$$A = \text{diag}(\lambda, \lambda, \dots, \lambda) = \begin{bmatrix} \lambda & 0 & \dots & 0 \\ 0 & \lambda & \dots & 0 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 0 & 0 & \dots & \lambda \end{bmatrix}_{n \times n}$$

- ▶ Se  $\lambda = 1$ ,  $A$  designa-se por **matriz identidade de ordem  $n$**  e denota-se por  $I_n$  (ou simplesmente por  $I$ ). A matriz identidade representa o **elemento neutro da multiplicação de matrizes como veremos mais adiante**

Por exemplo, a matriz identidade de ordem 3 é a matriz

$$I_3 = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \end{bmatrix}$$

# Igualdade entre matrizes e matriz transposta

- ▶  $A = [a_{ij}]$  e  $B = [b_{ij}]$  do mesmo tipo dizem-se *iguais* se os elementos homólogos forem iguais, isto é, se  $a_{ij} = b_{ij}, \forall i, j$

$$\text{Por exemplo, } \begin{bmatrix} 5 & x \\ y & 6 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} z & 3 \\ 2 & w \end{bmatrix} \Leftrightarrow \begin{cases} x = 3 \\ y = 2 \\ z = 5 \\ w = 6 \end{cases}$$

- ▶ A *transposta* de  $A = [a_{ij}]$  do tipo  $m \times n$  é a matriz  $A^T = [a_{ji}]_{n \times m}$  do tipo  $n \times m$ , cujas colunas são as linhas de  $A$  pela mesma ordem.

$$\text{Por exemplo, se } A = \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ 4 & 1 \\ 5 & 6 \end{bmatrix}, \text{ então } A^T = \begin{bmatrix} 2 & 4 & 5 \\ 3 & 1 & 6 \end{bmatrix}.$$

Tem-se, obviamente,  $(A^T)^T = A$ .

- ▶  $A = [a_{ij}]$  quadrada diz-se *simétrica*, se  $A^T = A$ , isto é,  $a_{ij} = a_{ji}, \forall i, j$ .

$$\text{Por exemplo, } A = \begin{bmatrix} 2 & -2 & 1 \\ -2 & 1 & 5 \\ 1 & 5 & 10 \end{bmatrix} \text{ é simétrica.}$$

# Operações algébricas sobre matrizes: adição de matrizes

As operações algébricas sobre matrizes *estendem* as operações da *adição de vetores*, do *produto de um vetor por um escalar* e do *produto escalar de vetores* definidas anteriormente.

Se  $A = [a_{ij}]_{m \times n}$  e  $B = [b_{ij}]_{m \times n}$  são matrizes do mesmo tipo define-se a *soma de A com B*, por

$$A + B = [a_{ij} + b_{ij}]_{m \times n}.$$

Por outras palavras, os elementos de  $A + B$  obtêm-se *somando os elementos homólogos de A e de B*.

Por exemplo, se  $A = \begin{bmatrix} 2 & -1 & 0 \\ 4 & 5 & 3 \end{bmatrix}$  e  $B = \begin{bmatrix} 0 & 2 & 1 \\ -3 & 1 & 4 \end{bmatrix}$ , tem-se

$$A + B = \begin{bmatrix} 2+0 & -1+2 & 0+1 \\ 4-3 & 5+1 & 3+4 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 & 1 & 1 \\ 1 & 6 & 7 \end{bmatrix}.$$

## Produto de uma matriz por um escalar

Se  $\lambda \in \mathbb{R}$  e  $A = [a_{ij}]_{m \times n}$  define-se o *produto de A pelo escalar  $\lambda$* , por

$$\lambda A = [\lambda a_{ij}]_{m \times n}$$

Por outras palavras,  $\lambda A$  obtém-se multiplicando *cada elemento de A por  $\lambda$*

Se  $\lambda = -1$ ,  $\lambda A$  denota-se simplesmente por  $-A$

Por exemplo, se  $\lambda = 3$  e  $A = \begin{bmatrix} 20 & -1 & 13 \\ 18 & -2 & 81 \end{bmatrix}$ , então

$$\lambda A = 3 \begin{bmatrix} 20 & -1 & 13 \\ 18 & -2 & 81 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 3 \cdot 20 & 3 \cdot (-1) & 3 \cdot 13 \\ 3 \cdot 18 & 3 \cdot (-2) & 3 \cdot 81 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 60 & -3 & 39 \\ 54 & -6 & 243 \end{bmatrix}$$

## Propriedades da adição de matrizes e do produto de escalares por matrizes

Sejam  $A$ ,  $B$  e  $C$  matrizes do tipo  $m \times n$  e  $\lambda, \mu \in \mathbb{R}$ . Tem-se,

1.  $A + B = B + A$
2.  $(A + B) + C = A + (B + C)$
3.  $A + [0]_{m \times n} = A$  ( $[0]_{m \times n}$  matriz cujos elementos são todos nulos)
4.  $A + (-A) = [0]_{m \times n}$
5.  $\lambda(A + B) = \lambda A + \lambda B$
6.  $(\lambda + \mu)A = \lambda A + \mu A$
7.  $\lambda(\mu A) = (\lambda \mu)A$
8.  $1.A = A$
9.  $(A + B)^T = A^T + B^T$
10.  $(\lambda A)^T = \lambda A^T$
11.  $(A^T)^T = A$

# Propriedades das operações algébricas sobre matrizes

A **matriz nula**  $[0]_{m \times n}$  é portanto o **elemento neutro** da adição de matrizes.

As propriedades (1)-(8) decorrem das propriedades da adição e do produto de números reais e são análogas às propriedades da adição e do produto por escalar para vetores.

As restantes três propriedades são evidentes.

## Exercício na aula

- Sejam  $A = \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 4 & -4 \end{bmatrix}$ ,  $B = \begin{bmatrix} -1 & 2 \\ 3 & 0 \end{bmatrix}$  e  $I_2$  a matriz identidade de ordem 2. Simplifique expressão  $((A^T + B)^T + 4I_2)^T$  indicando as propriedades do slide anterior que utilizar e calcule o seu valor.

## TPC

Mostre que se  $A$  é uma matriz quadrada então  $A + A^T$  é simétrica.

# Produto de matrizes

- Duas matrizes  $A$  e  $B$  dizem-se **encadeadas**, se

número de colunas de  $A$  = número de linhas de  $B$ .

Por exemplo,  $A = \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ -1 & 4 \\ 0 & 5 \end{bmatrix}_{3 \times 2}$  e  $B = \begin{bmatrix} 1 & -1 & 0 & 5 \\ 2 & 1 & -1 & 3 \end{bmatrix}_{2 \times 4}$  são

encadeadas pois o número de colunas de  $A$  é igual ao número de linhas de  $B$ . Mas  $B$  e  $A$  **não são encadeadas** !

## Definição do produto de matrizes

Se  $A = [a_{ij}]_{m \times n}$  e  $B = [b_{jk}]_{n \times p}$  são encadeadas, define-se o **produto** de  $A$  por  $B$ , denotado  $AB$ , como sendo a matriz  $C = [c_{ik}]_{m \times p}$  tal que

$$\begin{aligned} c_{ik} &= (\text{linha } i \text{ de } A) \cdot (\text{coluna } k \text{ de } B) \\ &= (a_{i1}, a_{i2}, \dots, a_{in}) \cdot (b_{1k}, b_{2k}, \dots, b_{nk}) \\ &= a_{i1}b_{1k} + a_{i2}b_{2k} + \dots + a_{in}b_{nk}. \end{aligned}$$

Por exemplo,  $A = \begin{bmatrix} 2 & 4 & -1 \\ 4 & 5 & 0 \\ 1 & 8 & 5 \end{bmatrix}_{3 \times 3}$  e  $B = \begin{bmatrix} 1 & -1 \\ 2 & 4 \\ 0 & 5 \end{bmatrix}_{3 \times 2}$  são encadeadas, tendo-se

$$\begin{aligned} AB &= \begin{bmatrix} 2 & 4 & -1 \\ 4 & 5 & 0 \\ 1 & 8 & 5 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & -1 \\ 2 & 4 \\ 0 & 5 \end{bmatrix} \\ &= \begin{bmatrix} 2+8+0 & -2+16-5 \\ 4+10+0 & -4+20+0 \\ 1+16+0 & -1+32+25 \end{bmatrix} \\ &= \begin{bmatrix} 10 & 9 \\ 14 & 16 \\ 17 & 56 \end{bmatrix}_{3 \times 2} \end{aligned}$$

Por exemplo, o elemento de  $AB$  que se encontra na **linha 3** e **coluna 1** é o produto escalar da terceira linha de  $A$  pela primeira coluna de  $B$ , isto é,  $(1, 8, 5) \cdot (1, 2, 0) = 17$ .

## Produto escalar via produto de matrizes...

- ▶ O produto de matrizes estende o conceito de produto escalar de vetores: se  $x, y \in \mathbb{R}^n$  então

$$x^T y = x \cdot y$$

Por exemplo, se  $x = (-1, 1, 3) = \begin{bmatrix} -1 \\ 1 \\ 3 \end{bmatrix}$  e  $y = (1, 0, 1) = \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 1 \end{bmatrix}$ ,

$$x^T y = [-1 \ 1 \ 3]_{1 \times 3} \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 1 \end{bmatrix}_{3 \times 1} = [(-1, 1, 3) \cdot (1, 0, 1)]_{1 \times 1} = [2]_{1 \times 1} = 2^{(1)} = x \cdot y$$

- ▶ Note-se que  $xy^T = \begin{bmatrix} -1 \\ 1 \\ 3 \end{bmatrix}_{3 \times 1} [1 \ 0 \ 1]_{1 \times 3} \begin{bmatrix} -1 & 0 & -1 \\ 1 & 0 & 1 \\ 3 & 0 & 3 \end{bmatrix}_{3 \times 1}$

<sup>1</sup>As matrizes  $1 \times 1$  identificam-se com o seu único elemento.

# Potência de uma matriz quadrada

## Potência inteira não negativa

Dada uma matriz quadrada  $A$  de ordem  $n$  definem-se as *potências inteiras não negativas de  $A$*  por,

$$A^0 = I_n \quad \text{e} \quad A^k = \underbrace{A \cdots A}_{k \text{ vezes}} \quad (k \in \mathbb{N}).$$

## TPC

Calcular  $A^3$  com  $A = \begin{bmatrix} -1 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix}_{2 \times 2}$ .

# Propriedades

## Propriedades do produto de matrizes

Sejam  $A, B, C$  matrizes,  $I$  a matriz identidade de ordem conveniente,  $[0]$  a matriz nula de tipo conveniente e  $\lambda \in \mathbb{R}$  e  $k$  um inteiro não negativo. Sempre que as operações estejam definidas, tem-se:

1.  $(AB)C = A(BC)$  (**associativa**)
2.  $A(B + C) = AB + AC$  (**distributiva**)
3.  $(A + B)C = AC + BC$  (**distributiva**)
4.  $AI = IA = A$  (**el. neutro da mult.**)
5.  $A[0] = [0]A = 0$  (**el. absorvente da mult.**)
6.  $\lambda(AB) = (\lambda A)B = A(\lambda B)$  (**compatibilidade dos produtos**)
7.  $(AB)^T = B^T A^T$  (!)
8.  $(A^k)^T = (A^T)^k$

## “Não propriedades” do produto de matrizes

Ao contrário do que sucede com a adição, algumas propriedades do produto de números reais **não se generalizam** para o produto de matrizes.

### Exercício na aula

Calcular os produtos  $AB$  e  $BA$  com

$$A = \begin{bmatrix} -1 & 1 \\ -1 & 1 \end{bmatrix}_{2 \times 2}, \quad B = \begin{bmatrix} 1 & 2 \\ 1 & 2 \end{bmatrix}_{2 \times 2}$$

O que observa ?

## “Não propriedades” do produto de matrizes

- ▶ O produto de matrizes **não é comutativo**, ou seja, em geral,

$$AB \neq BA.$$

- ▶ A **lei do anulamento do produto também não é válida**, ou seja, em geral,

$$AB = [0] \not\Rightarrow (A = [0] \text{ ou } B = [0]).$$

- ▶ A **lei do corte também não é válida** ou seja, em geral, dadas matrizes  $A$ ,  $B$  e  $C$ , com  $A \neq [0]$ <sup>(2)</sup>,

$$AB = AC \not\Rightarrow B = C.$$

( $[0]$  denota uma matriz nula de ordem conveniente)

### TPC

Dar exemplos de 3 matrizes quadradas de ordem 2,  $A$ ,  $B$  e  $C$ , para as quais a lei do corte falhe

<sup>2</sup>Para a lei do corte ser válida para matrizes devemos substituir a condição  $A \neq [0]$  por  $A$  invertível, conceito que daremos mais adiante.

## Uma consequência inesperada...

Se  $A$  e  $B$  são matrizes quadradas da mesma ordem **não permutáveis**, isto é,  $AB \neq BA$ , obtém-se aplicando as propriedades distributivas do produto de matrizes,

- ▶  $(A + B)(A - B) = A^2 - AB + BA - B^2 \neq A^2 - B^2$ .
- ▶  $(A + B)^2 = (A + B)(A + B) = A^2 + AB + BA + B^2 \neq A^2 + 2AB + B^2$ .
- ▶  $(A - B)^2 = (A - B)(A - B) = A^2 - AB - BA + B^2 \neq A^2 - 2AB + B^2$ .

A não comutatividade do produto de matrizes teve como consequência que **não são válidos para o produto de matrizes quadradas os análogos dos casos notáveis da multiplicação de números reais!**

### Observação

Deve-se ter uma particular atenção ao simplificar expressões que envolvam produtos de matrizes!

## Simplificação de expressões...

### Exercício na aula

Considere

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 2 \\ 3 & 4 \end{bmatrix}_{2 \times 2}, \quad B = \begin{bmatrix} 0 \\ -1 \end{bmatrix}_{2 \times 1}, \quad C = \begin{bmatrix} 2 & 1 \end{bmatrix}_{1 \times 2}.$$

Desenvolva e calcule  $((BC)^T + A)^2$ .

## Observação

(i) Se  $A_{m \times n}$  e  $B_{n \times p} = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_p]$  então

$$AB = A [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_p] = [Av_1 \ Av_2 \ \dots \ Av_p],$$

ou seja, a  $k$ -ésima coluna do produto  $AB$  é o produto de  $A$  pela  $k$ -ésima coluna de  $B$  (do tipo  $n \times 1$ ) - produtos à direita "atuam nas colunas"...

(ii) Transpondo o resultado do ponto anterior pode-se provar que a  $i$ -ésima linha do produto  $AB$  é o produto da linha  $i$  de  $A$  (do tipo  $1 \times n$ ) pela matriz  $B$  - produtos à esquerda "atuam nas linhas"...

Por exemplo, se  $A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 2 \\ 3 & 1 & -1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} u_1^T \\ u_2^T \end{bmatrix}$  e  $B = \begin{bmatrix} -1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix} = [v_1 \ v_2]$ ,

com  $u_1 = (1, 0, 2)$ ,  $u_2 = (3, 1, -1)$ ,  $v_1 = (-1, 0, 3)$  e  $v_2 = (1, 1, 2)$ , tem-se que

$$AB = A [v_1 \ v_2] \stackrel{(i)}{=} [Av_1 \ Av_2] = \begin{bmatrix} u_1^T \\ u_2^T \end{bmatrix} \begin{bmatrix} v_1 & v_2 \end{bmatrix} \stackrel{(ii)}{=} \begin{bmatrix} u_1^T v_1 & u_1^T v_2 \\ u_2^T v_1 & u_2^T v_2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 5 & 5 \\ -6 & 2 \end{bmatrix}.$$

# Sistema de equações lineares

## Sistema linear

Um sistema linear a  $m$  equações e  $n$  variáveis  $x_1, \dots, x_n$  é um sistema de equações da forma,

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + \dots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + \dots + a_{2n}x_n = b_2 \\ \vdots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + \dots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases},$$

- ▶  $a_{ij} \in \mathbb{R}$ : *coeficiente da variável  $x_j$  na  $i$ -ésima equação.*
- ▶  $b_i \in \mathbb{R}$ : *termo constante* ou *membro direito* da  $i$ -ésima equação.

- ▶ *Solução* de um sistema linear é uma *solução comum* a todas as equações desse sistema.

## Exemplo de um sistema linear a 3 equações e 3 variáveis

$$\begin{cases} 2x_1 + x_2 + 2x_3 = 3 \\ 4x_1 + 6x_2 + 6x_3 = 4 \\ -2x_1 \quad \quad - x_3 = -3 \end{cases}$$

Com a notação do slide anterior tem-se, por exemplo,

- ▶  $a_{11} = 2$ : coeficiente da variável  $x_1$  na primeira equação
- ▶  $a_{23} = 6$ : coeficiente da variável  $x_3$  na segunda equação
- ▶  $b_2 = 4$ : termo constante ou membro direito da segunda equação
- ▶  $b_3 = -3$ : termo constante ou membro direito da terceira equação

## Conjunto de soluções e classificação de um sistema linear

*Resolver* um sistema linear é determinar o seu conjunto de soluções (CS). Um sistema linear é *classificado* como:

- ▶ **impossível (IMP)** se não possuir soluções
- ▶ **possível** se possuir pelo menos uma solução, sendo:
  - ▶ **determinado (PD)**, se possuir uma única solução
  - ▶ **indeterminado (PI)**, se possuir uma infinidade de soluções

Por exemplo, o sistema linear a 2 equações e 2 variáveis,

$$\begin{cases} 2x_1 - x_2 = 3 \\ x_1 + 2x_2 = 4 \end{cases}$$

é PD com  $CS = \{(2, 1)\}$  (verifique!).

### TPC

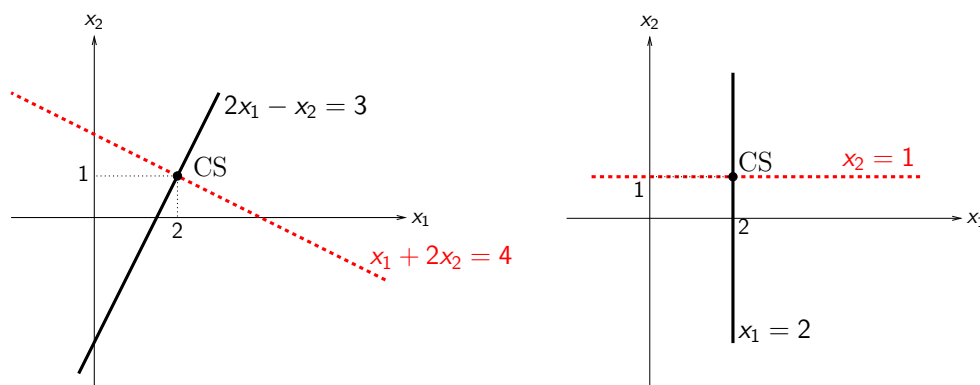
Adaptando o sistema linear anterior dê exemplos de sistemas lineares a 2 equações e 2 variáveis que sejam PI e IMP, indicando em cada caso o respectivo CS.

# Sistemas equivalentes

- ▶ Dois sistemas lineares a  $m$  equações e  $n$  variáveis dizem-se *equivalentes* se possuem o mesmo conjunto de soluções (CS).

São equivalentes os seguintes sistemas a 2 equações e 2 variáveis:

$$\begin{cases} 2x_1 - x_2 = 3 \\ x_1 + 2x_2 = 4 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} x_1 = 2 \\ x_2 = 1 \end{cases} \text{ (sistema reduzido)}$$



- ▶ As equações de quaisquer duas retas concorrentes no ponto  $(2, 1)$  definem um sistema linear equivalente aos sistemas anteriores.

# Matriz ampliada de um sistema a $m$ equações e $n$ variáveis

Consideremos o sistema linear a  $m$  equações e  $n$  variáveis,

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + \dots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + \dots + a_{2n}x_n = b_2 \\ \vdots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + \dots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases}$$

- ▶  $A_{m \times n} = [a_{ij}]$  chama-se *matriz dos coeficientes* do sistema linear,
- ▶  $b = (b_1, \dots, b_m)$  chama-se o *vetor dos termos constantes* ou *membros direitos* do sistema,
- ▶  $x = (x_1, \dots, x_n)$  chama-se *vetor das incógnitas* ou *variáveis* do sistema e finalmente,

- ▶  $[A|b] = \left[ \begin{array}{cccc|c} a_{11} & a_{12} & \dots & a_{1n} & b_1 \\ a_{21} & a_{22} & \dots & a_{2n} & b_2 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots & \vdots \\ a_{m1} & a_{m2} & \dots & a_{mn} & b_m \end{array} \right]$ , chama-se *matriz ampliada do sistema* e contém toda a sua informação relevante

## Matriz em escada e matriz reduzida

- ▶ Uma matriz diz-se em *escada* se o primeiro elemento não nulo de cada linha, que se designa por *pivot*, estiver à direita do primeiro elemento não nulo da linha anterior e todas as linhas nulas, caso existam, aparecerem no fim
- ▶ Uma matriz diz-se *reduzida* se
  - ▶ estiver em escada,
  - ▶ todos os pivots forem iguais a 1,
  - ▶ em cada coluna com pivot apenas o pivot é não nulo.

Exemplos de matrizes em escada e reduzida com os pivots a vermelho,

$$\begin{bmatrix} 0 & \color{red}{1} & 2 & 1 & 4 \\ 0 & 0 & \color{red}{3} & -6 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & \color{red}{2} \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 \end{bmatrix} \qquad \begin{bmatrix} 0 & \color{red}{1} & 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & \color{red}{1} & -6 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & \color{red}{1} \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 \end{bmatrix}$$

Um sistema linear diz-se em *escada/reduzido* se a respectiva matriz dos coeficientes estiver em escada/reduzida.

## Operações elementares sobre as linhas de uma matriz

- "Apagador" - Adicionar a uma linha  $i$  uma linha  $j \neq i$  multiplicada por um escalar  $\lambda$  ( $L_i + \lambda L_j$ ).
- Multiplicar uma linha  $i$  por um escalar  $\lambda \neq 0$  ( $\lambda L_i$ ).
- Permutar uma linha  $i$  com uma linha  $j$  ( $L_i \leftrightarrow L_j$ ).

A notação entre parênteses é uma simplificação da notação usada no Texto de Apoio!

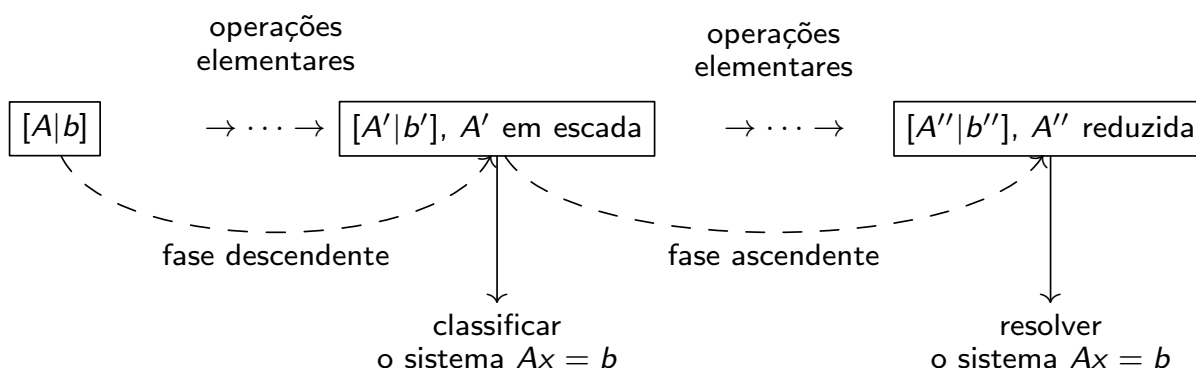
### Teorema

As operações elementares (I), (II) e (III) transformam a matriz ampliada de um sistema linear na matriz ampliada de um sistema linear equivalente, ou seja, com o mesmo CS.

Definem-se de modo análogo operações elementares sobre as equações de um sistema linear.

# Método de eliminação de Gauss para redução de sistemas

O método de eliminação de Gauss desenvolve-se em duas fases (descendente e ascendente), aplicando operações elementares sobre as linhas da matriz ampliada  $[A|b]$  de um sistema linear, de acordo com o seguinte esquema:



## Exemplificação do método de Gauss

### Exemplo na aula

Vejamos como se processa o método de eliminação de Gauss no sistema

$$\begin{cases} x_1 - x_2 + 2x_3 = -1 \\ 3x_1 + x_2 + x_3 = 6 \\ 2x_1 + 6x_2 = 10 \end{cases}$$

que representa a intersecção de 3 planos em  $\mathbb{R}^3$ .

### TPC

Resolver os seguintes sistemas lineares:

$$(a) \begin{cases} 2x_1 + x_2 + 2x_3 = 3 \\ 4x_1 + 6x_2 + 6x_3 = 4 \\ -2x_1 - x_3 = -3 \end{cases} \quad (b) \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 3 & 3 & 0 \\ 3 & 4 & 1 & -2 \\ 1 & -2 & -5 & 0 \end{array} \right]$$

## Redução do sistema: fase descendente

Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss à matriz ampliada  $[A|b]$  do sistema do exemplo do slide anterior obtém-se:

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 2 & -1 \\ 3 & 1 & 1 & 6 \\ 2 & 6 & 0 & 10 \end{array} \right] \xrightarrow{\substack{L_2 - 3L_1 \\ L_3 - 2L_1}} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 2 & -1 \\ 0 & 4 & -5 & 9 \\ 0 & 8 & -4 & 12 \end{array} \right]$$

$$\xrightarrow{L_3 - 2L_2} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 2 & -1 \\ 0 & 4 & -5 & 9 \\ 0 & 0 & 6 & -6 \end{array} \right] = [A'|b'].$$

Matriz dos coeficientes  $A'$  em **escada**  $\Rightarrow$  podemos classificar o sistema:

- ▶ Todas as linhas de  $[A'|b']$  correspondem a equações possíveis, isto é, não são do tipo  $0\ 0\ 0\ | \ *$  com  $\ast \neq 0$ <sup>(3)</sup>. Logo o sistema é **possível**.
- ▶ Todas as colunas de  $A'$  têm **pivot** e portanto não há variáveis livres<sup>(4)</sup>. Logo o sistema é **determinado e o CS é um ponto em  $\mathbb{R}^3$** .

<sup>3</sup>Que correspondem à equação impossível  $0x_1 + 0x_2 + 0x_3 = \ast$ .

<sup>4</sup>Cada variável fica determinada por uma equação.

## Conclusão da redução do sistema: fase ascendente

$$[A'|b'] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 2 & -1 \\ 0 & 4 & -5 & 9 \\ 0 & 0 & 6 & -6 \end{array} \right] \xrightarrow{\frac{1}{6}L_3} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 2 & -1 \\ 0 & 4 & -5 & 9 \\ 0 & 0 & 1 & -1 \end{array} \right]$$

$$\xrightarrow{\substack{L_1 - 2L_3 \\ L_2 + 5L_3}} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 0 & 1 \\ 0 & 4 & 0 & 4 \\ 0 & 0 & 1 & -1 \end{array} \right] \xrightarrow{\frac{1}{4}L_2} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & -1 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 & -1 \end{array} \right]$$

$$\xrightarrow{L_1 + L_2} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 2 \\ 0 & 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 & -1 \end{array} \right] = [A''|b''].$$

Matriz dos coeficientes  $A''$  está **reduzida** e  $[A''|b'']$  corresponde à matriz ampliada do sistema reduzido,

$$\begin{cases} x_1 & = & 2 \\ & x_2 & = & 1 \\ & & x_3 & = & -1 \end{cases}$$

Logo,  $CS = \{(2, 1, -1)\}$ .

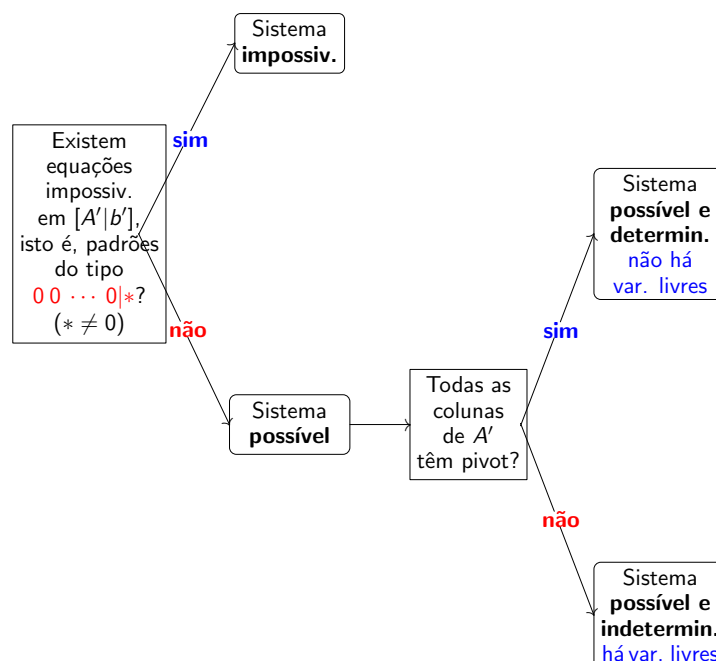
# Algoritmo de eliminação de Gauss: fase descendente

- ▶ **Input:** Matriz ampliada  $[A|b]$  de um sistema linear
- ▶ **Objectivo:** Redução do sistema linear
- ▶ **Fase descendente:**
  - ▶ Aplicando operações elementares do **tipo III** trocar, se necessário, linhas em  $[A|b]$  de modo a que o pivot da primeira linha se encontre na coluna não nula mais à esquerda da matriz dos coeficientes
  - ▶ Usando operações elementares do **tipo I** ("Apagador") e o pivot da primeira linha, eliminar os restantes elementos da coluna abaixo desse pivot
  - ▶ Repetir os procedimentos anteriores relativamente à submatriz que se obtém ignorando a primeira linha e assim sucessivamente enquanto existirem linhas não nulas na matriz dos coeficientes dessa submatriz

No final da fase descendente obtém-se uma matriz  $[A'|b']$  com  $A'$  em escada e **podemos classificar o sistema**.

A matriz  $[A'|b']$  **não é única**, i.e, depende das operações efetuadas.

## Classificação do sistema em escada



## Observação

- ▶ As **variáveis associadas às colunas sem *pivot*** na matriz em escada designam-se por **variáveis livres** e podem tomar qualquer valor em  $\mathbb{R}$ .
- ▶ As **variáveis associadas às colunas com *pivot*** na matriz em escada designam-se por **variáveis *pivot*** ou **variáveis determinadas** e são escritas em função das variáveis livres.

## Algoritmo de eliminação de Gauss: fase ascendente

- ▶ **Fase ascendente:** (apenas se aplica aos sistemas possíveis)
  - ▶ Usando operações elementares do **tipo II e I** tornar o pivot que se encontra mais à direita na matriz  $A'$  igual a 1 e usar esse pivot para eliminar os elementos da coluna acima desse pivot
  - ▶ Repetir os procedimentos do passo anterior relativamente à coluna com pivot imediatamente anterior e assim sucessivamente enquanto existirem colunas com pivot (percorrendo a matriz da direita para a esquerda)

No final da fase ascendente obtém-se uma matriz  $[A''|b'']$  com  $A''$  **reduzida**, donde resulta imediatamente o **CS** do sistema, escrevendo as variáveis pivot em função das variáveis livres. Observemos que:

- ▶ A matriz  $[A''|b'']$  é **única**, isto é, **não depende da sequência de operações elementares efectuada**
- ▶ Dois sistemas com  $m$  equações lineares e  $n$  variáveis são **equivalentes** se e só se aplicando o método de Gauss às respetivas matrizes ampliadas obtemos **a mesma matriz reduzida**.

## Exercícios na aula

Aplicando o método de Gauss reduza os seguintes sistemas lineares:

$$(a) \begin{cases} 2x_1 + x_2 + 2x_3 + x_4 = 3 \\ 4x_1 + 6x_2 + 6x_3 = 4 \\ -2x_1 - x_3 - x_4 = -3 \end{cases}$$

$$(b) \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 3 & 3 & 0 \\ 3 & 4 & 1 & -2 \\ 1 & -2 & -5 & 0 \end{array} \right]$$

## Redução do sistema do exemplo (a): fase descendente

Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss à matriz ampliada  $[A|b]$  do 1º sistema do slide anterior obtém-se:

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 4 & 6 & 6 & 0 & 4 \\ -2 & 0 & -1 & -1 & -3 \end{array} \right] \xrightarrow{\substack{L_2 - 2L_1 \\ L_3 + L_1}} \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 0 & 4 & 2 & -2 & -2 \\ 0 & 1 & 1 & -0 & 0 \end{array} \right]$$
$$\xrightarrow{L_2 \leftrightarrow L_3} \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 0 & 1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 4 & 2 & -2 & -2 \end{array} \right] \xrightarrow{L_3 - 4L_2} \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 0 & 1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & -2 & -2 & -2 \end{array} \right] = [A'|b'].$$

A matriz dos coeficientes  $A'$  está em **escada**, tendo-se:

- ▶ Não há linhas do tipo  $0 \ 0 \ 0 \ 0 \mid * \text{ com } * \neq 0$ , isto é, não há equações impossíveis.
- ▶ A 4ª coluna de  $A'$  não tem pivot logo  $x_4$  é variável livre, isto é, pode tomar qualquer valor.

Logo o sistema é **possível indeterminado** (PI).

## Redução do sistema do exemplo (a): fase ascendente

Aplicando a fase ascendente do método de eliminação de Gauss à matriz em escada  $[A'|b']$  do slide anterior obtém-se:

$$\begin{aligned}
 [A'|b'] &= \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 0 & 1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & -2 & -2 & -2 \end{array} \right] \xrightarrow{-\frac{1}{2}L_3} \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 2 & 1 & 3 \\ 0 & 1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & 1 & 1 \end{array} \right] \\
 &\xrightarrow{\substack{L_1 - 2L_3 \\ L_2 - L_3}} \left[ \begin{array}{cccc|c} 2 & 1 & 0 & -1 & 1 \\ 0 & 1 & 0 & -1 & -1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{L_1 \rightarrow L_2} \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 & 2 \\ 0 & 1 & 0 & -1 & -1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 & 1 \end{array} \right] \\
 &\xrightarrow{\frac{1}{2}L_1} \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 0 & -1 & -1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 & 1 \end{array} \right] = [A''|b''] \rightarrow \begin{cases} x_1 & & & & = & 1 \\ & x_2 & & -x_4 & = & -1 \\ & & x_3 & +x_4 & = & 1 \end{cases}
 \end{aligned}$$

A matriz dos coeficientes  $A''$  está em **reduzida**. Passando nas duas últimas equações a variável livre  $x_4$  para o membro direito, podemos escrever as variáveis *pivot* (a azul) à custa da variável livre  $x_4$ , obtendo-se

$$CS = \{(x_1, x_2, x_3, x_4) : x_1 = 1, x_2 = -1 + x_4, x_3 = 1 - x_4, x_4 \in \mathbb{R}\},$$

que possui uma **infinitude de soluções**.

TPC: dar exemplos de soluções do sistema linear anterior

## Redução do exemplo (b): fase descendente

Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss à matriz ampliada  $[A|b]$  do 2º sistema do slide 45 obtém-se:

$$\begin{aligned}
 [A|b] &= \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 3 & 3 & 0 \\ 3 & 4 & 1 & -2 \\ 1 & -2 & -5 & 0 \end{array} \right] \xrightarrow{\substack{L_2 - 3L_1 \\ L_3 - L_1}} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 3 & 3 & 0 \\ 0 & -5 & -8 & -2 \\ 0 & -5 & -8 & 0 \end{array} \right] \\
 &\xrightarrow{L_3 - L_2} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 3 & 3 & 0 \\ 0 & -5 & -8 & -2 \\ 0 & 0 & 0 & 2 \end{array} \right] = [A'|b'].
 \end{aligned}$$

- A última linha da matriz  $[A'|b']$  é do tipo  $0\ 0\ 0\ | \ * \text{ com } * \neq 0$  e corresponde portanto a uma equação impossível.

Logo o sistema é **impossível** (IMP) e  $CS = \emptyset$ .

# A equação matricial $Ax = b$

- ▶ Consideremos a equação matricial  $Ax = b$  com

$$A = \begin{bmatrix} 1 & -1 & 2 \\ 3 & 1 & 1 \\ 2 & 6 & 0 \end{bmatrix}, \quad x = \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} \quad \text{e} \quad b = \begin{bmatrix} -1 \\ 6 \\ 10 \end{bmatrix}.$$

- ▶ Tem-se,

$$Ax = b \Leftrightarrow \begin{bmatrix} 1 & -1 & 2 \\ 3 & 1 & 1 \\ 2 & 6 & 0 \end{bmatrix}_{3 \times 3} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix}_{3 \times 1} = \begin{bmatrix} -1 \\ 6 \\ 10 \end{bmatrix}_{3 \times 1}$$

$$\Leftrightarrow \begin{bmatrix} x_1 - x_2 + 2x_3 \\ 3x_1 + x_2 + x_3 \\ 2x_1 + 6x_2 \end{bmatrix}_{3 \times 1} = \begin{bmatrix} -1 \\ 6 \\ 10 \end{bmatrix}_{3 \times 1}$$

$$\Leftrightarrow \begin{cases} x_1 - x_2 + 2x_3 = -1 \\ 3x_1 + x_2 + x_3 = 6 \\ 2x_1 + 6x_2 = 10 \end{cases}.$$

- ▶ Obteve-se uma relação importante - a equação matricial  $Ax = b$  é equivalente ao sistema linear cuja matriz ampliada é  $[A|b]$

## Sistemas lineares na forma matricial $Ax=b$

Efetuando o mesmo tipo de cálculos pode-se mostrar facilmente que se tem, em geral, a equivalência

$$\begin{cases} a_{11}x_1 + a_{12}x_2 + \cdots + a_{1n}x_n = b_1 \\ a_{21}x_1 + a_{22}x_2 + \cdots + a_{2n}x_n = b_2 \\ \vdots \\ a_{m1}x_1 + a_{m2}x_2 + \cdots + a_{mn}x_n = b_m \end{cases} \Leftrightarrow Ax = b,$$

com  $A = [a_{ij}]$ ,  $x = (x_1, \dots, x_n)$  e  $b = (b_1, \dots, b_m)$ , isto é, entre o sistema linear com matriz ampliada  $[A|b]$  e a equação matricial  $Ax = b$ , o que permite traduzir os sistemas lineares para a linguagem das matrizes.

### Observações

- ▶ Por abuso de linguagem, iremos ainda designar por sistema linear tanto a equação matricial  $Ax = b$  como a respetiva a matriz ampliada  $[A|b]$ .
- ▶ Uma solução do sistema linear com matriz ampliada  $[A|b]$  é uma solução de  $Ax = b$ , isto é, um vetor  $u \in \mathbb{R}^n$  tal que  $Au = b$ .

TPC: traduzindo o sistema do slide 49 para a equação matricial equivalente, mostre que  $(2, 1 - 1)$  é solução desse sistema.

## Exercício na aula

Considere o sistema a 2 equações e 3 variáveis, com parâmetros  $c, d \in \mathbb{R}$ ,

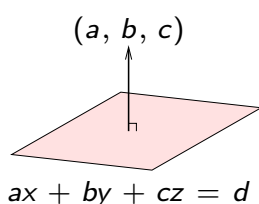
$$\begin{cases} x + 2y + 3z = 6 \\ 2x + 4y + cz = d \end{cases}$$

Discuta e interprete geometricamente o sistema anterior para todos os valores dos parâmetros  $c, d \in \mathbb{R}$ .

**Resolução:** comecemos por recordar que cada equação linear do tipo

$$ax + by + cz = d,$$

onde  $a, b, c, d \in \mathbb{R}$  com  $a, b, c$  não todos nulos define um plano no espaço ( $\mathbb{R}^3$ ) com vetor normal  $(a, b, c)$ .



Logo o sistema anterior representa a intersecção de 2 planos no espaço.

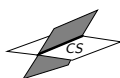
## Resolução do exercício (cont.)

Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss à matriz ampliada  $[A|b]$  do sistema linear do slide 51 obtém-se:

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 2 & 3 & 6 \\ 2 & 4 & c & d \end{array} \right] \xrightarrow{L_2 - 2L_1} \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 2 & 3 & 6 \\ 0 & 0 & c-6 & d-12 \end{array} \right] = [A'|b'].$$

Discussão e interpretação geométrica do sistema:

- ▶ Para  $c \neq 6$  e  $d$  arbitrário o sistema é PI com 1 variável livre ( $y$ ). Neste caso os vetores normais aos planos não são múltiplos entre si e o sistema representa 2 planos concorrentes numa reta. Logo  $CS = \text{reta}$ .



- ▶ Para  $c = 6$  os vetores normais são múltiplos entre si e temos 2 casos:
  - ▶ Se  $d = 12$  o sistema é PI com 2 variáveis livres ( $y$  e  $z$ ). Neste caso as duas equações são equivalentes e o sistema representa 2 planos coincidentes. Logo  $CS = \text{plano}$ .



- ▶ Se  $d \neq 12$  o sistema é IMP. Neste caso o sistema representa 2 planos paralelos, não coincidentes. Logo  $CS = \emptyset$ .



# Interpretação geométrica de sistemas de equações lineares

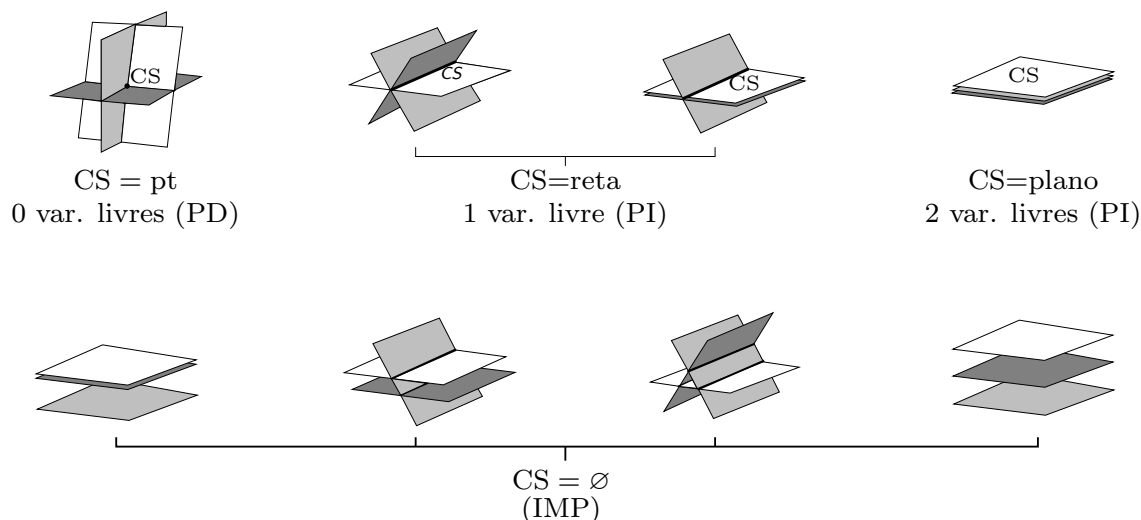
Em geral, tem-se o seguinte:

- ▶ Um sistema linear a  $m$  equações e  $n$  variáveis representa a **intersecção** de:
  - ▶  $m$  retas em  $\mathbb{R}^2$  (plano), se  $n = 2$  (por exemplo, slide 33),
  - ▶  $m$  planos em  $\mathbb{R}^3$  (espaço), se  $n = 3$  (por exemplo, slide 51),
  - ▶  $m$  hiperplanos em  $\mathbb{R}^n$ , se  $n \geq 4$  (por exemplo, (a) do slide 45).
- ▶ O número de variáveis livres<sup>(5)</sup> de um sistema linear (possível) determina o tipo de CS que esse sistema possui. Por exemplo:
  - ▶ Se o número de variáveis livres for zero, o CS é um **ponto**
  - ▶ Se o número de variáveis livres for um, o CS é uma **reta**
  - ▶ Se o número de variáveis livres for dois, o CS é um **plano**
- ▶ Iremos principalmente interpretar sistemas lineares com 2 e 3 variáveis, ou seja, cujos CS estão contidos no plano e no espaço.

<sup>5</sup>Também designado por *grau de indeterminação do sistema*.

## Geometria dos sistemas lineares a 3 equações e 3 variáveis

- ▶ Um sistema a 3 equações e 3 variáveis representa a **intersecção de 3 planos no espaço ( $\mathbb{R}^3$ )** e geometricamente temos 8 casos:



### TPC (Desafio)

Dar exemplos de sistemas com 3 equações e 3 variáveis para cada um dos 8 casos anteriores

# Inversa de uma matriz

## Definição de inversa

Uma matriz quadrada  $A$  de ordem  $n$  diz-se *invertível* ou *não singular* se existir uma matriz quadrada  $B$  da mesma ordem tal que

$$AB = I_n \quad \text{e} \quad BA = I_n,$$

onde  $I_n$  denota a matriz identidade de ordem  $n$ . Caso contrário,  $A$  diz-se *singular*. A matriz  $B$ , quando existe, designa-se por *inversa* de  $A$

Por exemplo,  $A = \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix}$  é invertível com inversa  $B = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 2 \end{bmatrix}$ .

De facto, tem-se

$$AB = \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 0 \\ 0 & 1 \end{bmatrix},$$
$$BA = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 0 \\ 0 & 1 \end{bmatrix}.$$

# Unicidade da inversa

## Proposição

A inversa de uma matriz  $A$ , quando existe, é *única* e denota-se por  $A^{-1}$ .

Por exemplo, considerando as matrizes  $A$  e  $B$  do slide anterior, tem-se que  $B$  é a única inversa de  $A$  e podemos escrever,  $A^{-1} = \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix}^{-1} = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 2 \end{bmatrix}$ .

## Demonstração da proposição

Consideremos inversas arbitrárias  $B$  e  $C$  de  $A$ . Queremos mostrar que têm que ser a mesma. Como  $B$  é inversa de  $A$  tem-se, em particular,

$$BA = I.$$

Multiplicando ambos os membros desta igualdade à direita por  $C$  tem-se

$$BAC = C,$$

donde resulta imediatamente  $B = C$  uma vez que  $AC = I$ .  $\square$

## Observação

Se  $A$  e  $B$  são matrizes quadradas de ordem  $n$  pode-se mostrar que

$$AB = I_n \Leftrightarrow BA = I_n,$$

Logo para provar que uma matriz quadrada  $A$  é invertível basta mostrar existe uma matriz quadrada  $B$  da mesma ordem que verifique uma das relações,

$$AB = I_n \quad \text{ou} \quad BA = I_n,$$

concluindo-se nessa altura que  $A$  e  $B$  são inversas uma da outra.

## Exercícios na aula

- ▶ Mostre que se  $B$  é a inversa de  $A^2$  então  $AB$  é inversa de  $A$
- ▶ Determine, caso exista, a inversa da matriz  $\text{diag}(2, 3)$ .

## TPC

Mostre que se  $A_{n \times n}$  verifica  $A^3 - 3A - I_n = 0$  então  $A$  é invertível e indique a respetiva inversa.

# Propriedades da inversa

## Proposição

Sejam  $A, B$  matrizes invertíveis da mesma ordem. Então:

1.  $A^{-1}$  é invertível e tem-se  $(A^{-1})^{-1} = A$ .
2.  $\lambda A$  é invertível para todo o  $\lambda \neq 0$  e tem-se  $(\lambda A)^{-1} = \lambda^{-1} A^{-1}$ .
3.  $AB$  é invertível e tem-se  $(AB)^{-1} = B^{-1} A^{-1}$ , ou seja, a inversa do produto é o produto das inversas, pela ordem inversa<sup>(6)</sup>.
4.  $A^k$  é invertível para todo o  $k \in \mathbb{N}$  e tem-se  $(A^k)^{-1} = (A^{-1})^k$ .
5.  $A^T$  é invertível e tem-se  $(A^T)^{-1} = (A^{-1})^T$ .

(A demonstração das propriedades será feita nas aulas práticas.)

## Potências negativas de matrizes invertíveis

Se  $A$  é uma matriz invertível, define-se

$$A^{-k} = (A^{-1})^k, \quad k \in \mathbb{N}.$$

<sup>6</sup>Mais geralmente, se  $A_1, A_2, \dots, A_k$  são invertíveis da mesma ordem, então  $A_1 A_2 \cdots A_k$  é também invertível e tem-se  $(A_1 A_2 \cdots A_k)^{-1} = A_k^{-1} \cdots A_2^{-1} A_1^{-1}$ .

## Cálculo da inversa de uma matriz - exemplo

- ▶ Consideremos  $A = \begin{bmatrix} 1 & 4 \\ 1 & 3 \end{bmatrix}$ . Para determinarmos a inversa de  $A$ , caso exista, vamos resolver a equação matricial

$$AX = I_2,$$

onde  $X$  é uma matriz de incógnitas quadrada de ordem 2. Nessa altura sabemos que a **solução desta equação, quando existe, corresponde à inversa de  $A$** . E em particular, tem que ser **única**.

- ▶ Escrevendo,  $X = \begin{bmatrix} x & y \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} x_1 & y_1 \\ x_2 & y_2 \end{bmatrix}$  e  $I_2 = \begin{bmatrix} e_1 & e_2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 0 \\ 0 & 1 \end{bmatrix}$ , tem-se

$$\begin{aligned} AX = I_2 &\Leftrightarrow A \begin{bmatrix} x & y \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} e_1 & e_2 \end{bmatrix} \\ &\Leftrightarrow \begin{bmatrix} Ax & Ay \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} e_1 & e_2 \end{bmatrix} \quad (\text{ver o slide 29}) \\ &\Leftrightarrow \begin{cases} Ax = e_1 \quad \dashrightarrow \quad [A|e_1] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 1 \\ 1 & 3 & 0 \end{array} \right] \\ Ay = e_2 \quad \dashrightarrow \quad [A|e_2] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 0 \\ 1 & 3 & 1 \end{array} \right] \end{cases} \end{aligned}$$

## Redução simultânea de sistemas lineares e inversa

- ▶ Obtivemos 2 sistemas com a **mesma matriz de coeficientes  $A$** .
- ▶ Podemos reduzir **simultaneamente** ambos os sistemas  $Ax = e_1$  e  $Ay = e_2$ , **ampliando  $A$  com  $e_1, e_2$** , isto é, com a **matriz identidade  $I_2$** .

Aplicando a fase descendente tem-se,

$$[A|I_2] = \left[ \begin{array}{cc|cc} 1 & 4 & 1 & 0 \\ 1 & 3 & 0 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{L_2 - L_1} \left[ \begin{array}{cc|cc} 1 & 4 & 1 & 0 \\ 0 & -1 & -1 & 1 \end{array} \right] \dashrightarrow \begin{cases} \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 1 \\ 0 & -1 & -1 \end{array} \right] \\ \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 0 \\ 0 & -1 & 1 \end{array} \right] \end{cases}$$

Como os sistemas  $Ax = e_1$  e  $Ay = e_2$  são ambos PD,  $AX = I_2$  é possível com **solução única  $X = A^{-1}$** . Em particular,  **$A$  é invertível**.

- ▶ Aplicando a fase ascendente tem-se,

$$\left[ \begin{array}{cc|cc} 1 & 4 & 1 & 0 \\ 0 & -1 & 1 & -1 \end{array} \right] \xrightarrow{-L_2} \left[ \begin{array}{cc|cc} 1 & 4 & 1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{L_1 - 4L_2} \left[ \begin{array}{cc|cc} 1 & 0 & -3 & 4 \\ 0 & 1 & 1 & -1 \end{array} \right].$$

Logo as soluções de  $Ax = e_1$  e  $Ay = e_2$  são  $x = \begin{bmatrix} -3 \\ 1 \end{bmatrix}$  e  $y = \begin{bmatrix} 4 \\ -1 \end{bmatrix}$ , e obtém-se

$$A^{-1} = X = \begin{bmatrix} x & y \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -3 & 4 \\ 1 & -1 \end{bmatrix}.$$

# Inversa e redução simultânea de sistemas (caso geral)

- ▶ Pode-se mostrar analogamente que resolver a equação matricial  $AX = I_n$  com  $A$  matriz arbitrária de ordem  $n$ , equivale a resolver  $n$  sistemas lineares com matrizes ampliadas

$$[A|e_1], [A|e_2], \dots, [A|e_n], \quad (1)$$

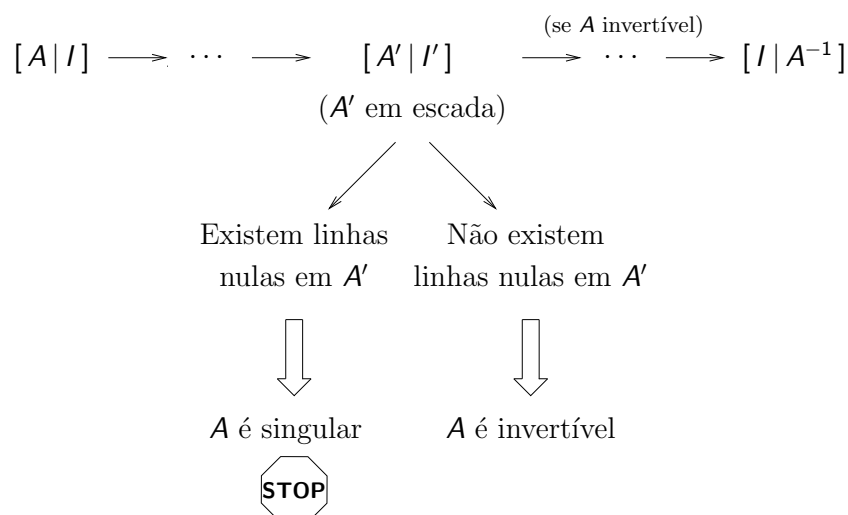
onde  $e_1, e_2, \dots, e_n$  são as colunas da matriz identidade  $I_n$ .

- ▶ Como os  $n$  sistemas têm a mesma matriz de coeficientes  $A$  podem ser resolvidos simultaneamente aplicando o método de Gauss à matriz ampliada  $[A|e_1 e_2 \dots e_n] = [A|I_n]$ .
- ▶ Pela **unicidade da inversa**, um dos dois casos tem de ocorrer:
  - ▶ os  $n$  sistemas (1) são todos PD - nessa altura  $A$  é invertível e as  $n$  colunas de  $A^{-1}$  são as soluções dos  $n$  sistemas (1);
  - ▶ pelo menos um dos  $n$  sistemas (1) é impossível - nessa altura  $A$  é singular.
- ▶ A redução simultânea de sistemas pode também ser aplicada para resolver equações matriciais mais gerais, do tipo  $AX = B$ , aplicando o método de Gauss à matriz ampliada  $[A|B]$ ...

## Algoritmo da inversa

Das considerações dos slide anterior deduz-se o seguinte algoritmo.

- ▶ **Input:** Matriz quadrada  $A$
- ▶ **Objectivo:** Decidir sobre a invertibilidade de  $A$  e calcular  $A^{-1}$



## Exercício na aula

Aplicando o algoritmo da inversa, decida sobre a invertibilidade de

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & -2 \\ 0 & 2 & 0 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix},$$

e determine a sua inversa (caso exista).

Qual é a solução do sistema linear  $Ax = \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 0 \end{bmatrix}$  ?

(Sugestão: ver o slide 61.)

## Resolução aplicando o algoritmo da inversa

$$[A | I] = \left[ \begin{array}{ccc|ccc} 1 & 0 & -2 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 2 & 0 & 0 & 1 & 0 \\ 1 & 0 & -1 & 0 & 0 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{L_3 - L_1} \left[ \begin{array}{ccc|ccc} 1 & 0 & -2 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 2 & 0 & 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & -1 & 0 & 1 \end{array} \right] = [A' | I'].$$

A matriz dos coeficientes  $A'$  está em escada e não tem linhas nulas. Logo  $A$  é invertível. Aplicando a fase ascendente do método de eliminação de Gauss vem,

$$[A' | I'] = \left[ \begin{array}{ccc|ccc} 1 & 0 & -2 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 2 & 0 & 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & -1 & 0 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{L_1 + 2L_3} \left[ \begin{array}{ccc|ccc} 1 & 0 & 0 & -1 & 0 & 2 \\ 0 & 2 & 0 & 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 & -1 & 0 & 1 \end{array} \right] \xrightarrow{\frac{1}{2}L_2} \left[ \begin{array}{ccc|ccc} 1 & 0 & 0 & -1 & 0 & 2 \\ 0 & 1 & 0 & 0 & \frac{1}{2} & 0 \\ 0 & 0 & 1 & -1 & 0 & 1 \end{array} \right] = [I | A^{-1}].$$

Podemos confirmar que  $A^{-1}$  está bem calculada verificando a relação  $AA^{-1} = I$ :

$$\left[ \begin{array}{ccc} 1 & 0 & -2 \\ 0 & 2 & 0 \\ 1 & 0 & -1 \end{array} \right] \left[ \begin{array}{ccc|ccc} -1 & 0 & 2 \\ 0 & \frac{1}{2} & 0 \\ -1 & 0 & 1 \end{array} \right] = \left[ \begin{array}{ccc} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \end{array} \right] \checkmark$$

Recorde que vetor  $(1, 0, 0)$  é a 1ª coluna da matriz identidade, que denotámos por  $e_1$ , e portanto a solução de  $Ax = e_1$  é a primeira coluna de  $A^{-1}$ , isto é,  $(-1, 0, -1)$ .

## Caso particular: inversa de matrizes diagonais

Efetuando trocas de linhas conclui-se facilmente que qualquer matriz em escada  $A'$  obtida a partir de uma matriz diagonal,

$$A = \text{diag}(a_1, a_2, \dots, a_n) = \begin{bmatrix} a_1 & 0 & \cdots & 0 \\ 0 & a_2 & \cdots & 0 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 0 & 0 & \cdots & a_n \end{bmatrix},$$

não tem linhas nulas se e só se  $a_1, a_2, \dots, a_n \neq 0$ . Nessa altura, podemos obter imediatamente a inversa de  $A$ .

### Proposição

A matriz  $\text{diag}(a_1, a_2, \dots, a_n)$  é invertível se e só se  $a_1, a_2, \dots, a_n \neq 0$ , tendo-se nesse caso

$$\text{diag}^{-1}(a_1, a_2, \dots, a_n) = \text{diag}(a_1^{-1}, a_2^{-1}, \dots, a_n^{-1}).$$

Por exemplo,

$$\text{diag}^{-1}(2, 5, \pi) = \begin{bmatrix} 2 & 0 & 0 \\ 0 & 5 & 0 \\ 0 & 0 & \pi \end{bmatrix}^{-1} = \begin{bmatrix} \frac{1}{2} & 0 & 0 \\ 0 & \frac{1}{5} & 0 \\ 0 & 0 & \frac{1}{\pi} \end{bmatrix} = \text{diag}\left(\frac{1}{2}, \frac{1}{5}, \frac{1}{\pi}\right).$$

## Interlúdio: característica de uma matriz

### Definição de característica

A **característica** de uma matriz  $A$ , denotada  $\text{car}(A)$ , é o número de pivots de qualquer matriz em escada que seja obtida a partir de  $A$ , por aplicação de operações elementares do método de eliminação de Gauss nas linhas de  $A$ .

- ▶ A característica está **bem definida** uma vez que coincide com o número de pivots da matriz reduzida, que é única, e a fase ascendente do método de Gauss não altera o número de pivots.
- ▶  $\text{car}(A)$  corresponde também ao **número de linhas não nulas de qualquer matriz em escada obtida a partir de  $A$** .
- ▶ Uma vez que não pode haver mais que um pivot em cada linha e em cada coluna de uma matriz em escada, **a característica de uma matriz  $A_{m \times n}$  não pode ultrapassar o número de linhas  $m$  nem o número de colunas  $n$  de  $A$** , isto é,

$$\text{car}(A) \leq \min\{m, n\}.$$

- ▶ Pode-se provar que para qualquer matriz  $A_{m \times n}$  se tem a relação:

$$\text{car}(A^T) = \text{car}(A).$$

## Exemplo

► Se, por exemplo,

$$A_{4 \times 5} \xrightarrow{\text{oper. elementares} \dots} A' = \begin{bmatrix} 0 & 1 & 2 & 1 & 4 \\ 0 & 0 & 3 & -6 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 2 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 \end{bmatrix}_{4 \times 5},$$

tem-se  $\text{car}(A) = 3 \leq \min\{4, 5\}$ .

### Questão

Considerando a mesma matriz  $A$  do exemplo acima, qual seria o número de linhas nulas de uma matriz em escada que fosse obtida a partir de  $A^T$  por aplicação de operações elementares?

## Inversa e característica

Uma vez que uma **matriz quadrada em escada só possui linhas nulas se existirem colunas sem pivot**, obtém-se imediatamente o seguinte critério de invertibilidade.

### Teorema (critério de invertibilidade)

Uma matriz quadrada  $A$  de ordem  $n$  é **invertível** se e só se  $\text{car}(A) = n$ .

### Exercício na aula

Para que valores de  $\alpha \in \mathbb{R}$ , a matriz  $A = \begin{bmatrix} -1 & 0 & \alpha \\ 0 & \alpha & 4 \\ 1 & 2\alpha & 6 \end{bmatrix}$  é invertível ?

**Resolução:** Aplicando a fase descendente do método de Gauss tem-se:

$$A = \begin{bmatrix} -1 & 0 & \alpha \\ 0 & \alpha & 4 \\ 1 & 2\alpha & 6 \end{bmatrix} \xrightarrow{L_3 + L_1} \begin{bmatrix} -1 & 0 & \alpha \\ 0 & \alpha & 4 \\ 0 & 2\alpha & 6 + \alpha \end{bmatrix} \xrightarrow{\frac{1}{2}L_2} \begin{bmatrix} -1 & 0 & \alpha \\ 0 & \alpha & 4 \\ 0 & 0 & \alpha - 2 \end{bmatrix}.$$

Tem-se que  $A_{3 \times 3}$  é invertível se e só se  $\text{car}(A) = 3$  se e só se  $\alpha \neq 0, 2$ .

# Aplicação da matriz inversa aos sistemas lineares

- ▶ A equação linear  $ax = b$  em que  $a, b \in \mathbb{R}$  com  $a \neq 0$ , admite a solução única  $x = \frac{b}{a}$ , que se pode escrever na forma  $x = a^{-1}b$ .
- ▶ A noção de inversa de uma matriz permite obter a solução de um sistema do tipo  $Ax = b$  com  $A$  invertível, de uma forma análoga.

## Proposição

Se  $A$  é uma matriz invertível então o sistema linear  $Ax = b$  é PD com solução única  $x = A^{-1}b$  qualquer que seja  $b \in \mathbb{R}^n$ .

De facto, se  $A$  é invertível, existe  $A^{-1}$  e podemos escrever, multiplicando à esquerda ambos os membros da equação matricial  $Ax = b$  por  $A^{-1}$ ,

$$\begin{aligned}Ax = b &\Rightarrow A^{-1}(Ax) = A^{-1}b \\ &\Leftrightarrow (A^{-1}A)x = A^{-1}b \\ &\Leftrightarrow Ix = A^{-1}b \\ &\Leftrightarrow x = A^{-1}b.\end{aligned}$$

# Hors-d'oeuvre: transformações lineares

Uma matriz  $A_{m \times n}$  define de forma natural uma transformação  $T = T_A$ ,

$$\begin{aligned}T : \mathbb{R}^n &\rightarrow \mathbb{R}^m \\ x &\mapsto Ax\end{aligned}$$

## Exemplo

Se  $A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & 3 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix}_{2 \times 3}$ , obtém-se a transformação  $T : \mathbb{R}^3 \rightarrow \mathbb{R}^2$ , definida por

$$T(x) = \begin{bmatrix} 1 & 2 & 3 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} x_1 + 2x_2 + 3x_3 \\ x_1 - x_3 \end{bmatrix},$$

ou seja, em termos de coordenadas vem dada por,

$$T(x_1, x_2, x_3) = (x_1 + 2x_2 + 3x_3, x_1 - x_3).$$

Vejamos alguns casos bem conhecidos de transformações geométricas no plano e no espaço que podem ser definidas por matrizes<sup>(7)</sup>.

<sup>7</sup>Nem todas as transformações geométricas no plano e no espaço podem ser definidas a partir de matrizes como acima.

## Transformações geométricas no plano definidas por matrizes $A_{2 \times 2}$

Exemplos de transformações geométricas do plano definidas por matrizes  $A_{2 \times 2}$  (algumas dessas transformações estão ilustradas na parte superior do slide 74):

- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} \alpha & 0 \\ 0 & \alpha \end{bmatrix} = \alpha I_2$  com  $\alpha > 0$  obtém-se a homotetia de razão  $\alpha$ ,

$$H_\alpha(x) = T_{\alpha I_2}(x) = (\alpha I_2)x = \alpha x,$$

isto é, em coordenadas,

$$H_\alpha(x_1, x_2) = (\alpha x_1, \alpha x_2),$$

que corresponde a uma dilatação [contração] se  $\alpha > 1$  [ $\alpha < 1$ ].

- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix}$  (matriz de permutação), obtém-se

$$S(x) = T_A(x) = \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} x_2 \\ x_1 \end{bmatrix},$$

isto é,

$$S(x_1, x_2) = (x_2, x_1),$$

que corresponde à reflexão relativamente à bissetriz dos quadrantes ímpares.

## Transformações geom. no plano definidas por matrizes $A_{2 \times 2}$ (cont.)

- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} 0 & -1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix}$  obtém-se

$$R(x) = T_A(x) = \begin{bmatrix} 0 & -1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -x_2 \\ x_1 \end{bmatrix},$$

isto é,

$$R(x_1, x_2) = (-x_2, x_1),$$

que corresponde a uma rotação de  $\frac{\pi}{2}$  radianos (no sentido anti-horário).

- ▶ Mais geralmente, se  $A_\theta = \begin{bmatrix} \cos \theta & -\sin \theta \\ \sin \theta & \cos \theta \end{bmatrix}$ , obtém-se a rotação de  $\theta$  radianos (no sentido anti-horário)

$$R_\theta(x) = T_{A_\theta}(x),$$

que corresponde à rotação de  $\frac{\pi}{2}$  radianos (no sentido anti-horário) e se deixa como exercício os alunos descreverem em termos de coordenadas.

Note que  $R = R_{\frac{\pi}{2}}$ .

- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} 1 & 0 \\ 0 & 0 \end{bmatrix}$  obtém-se a projeção no eixo dos  $xx$ ,

$$P_1(x_1, x_2) = x_1.$$

# Transformações geométricas no espaço definidas por matrizes $A_{3 \times 3}$

Algumas transformações geométricas do espaço definidas por matrizes  $A_{3 \times 3}$  (algumas dessas transformações estão ilustradas na parte inferior do slide 74):

- ▶ Se  $A = \alpha I_3$  com  $\alpha > 0$  obtém-se a **homotetia no plano de razão  $\alpha$** :

$$H_\alpha(x) = T_{\alpha I_3}(x) = (\alpha I_3)x = \alpha x,$$

isto é, em coordenadas,

$$H_\alpha(x_1, x_2, x_3) = (\alpha x_1, \alpha x_2, \alpha x_3),$$

que corresponde uma dilatação [contração] se  $\alpha > 1$  [ $\alpha < 1$ ].

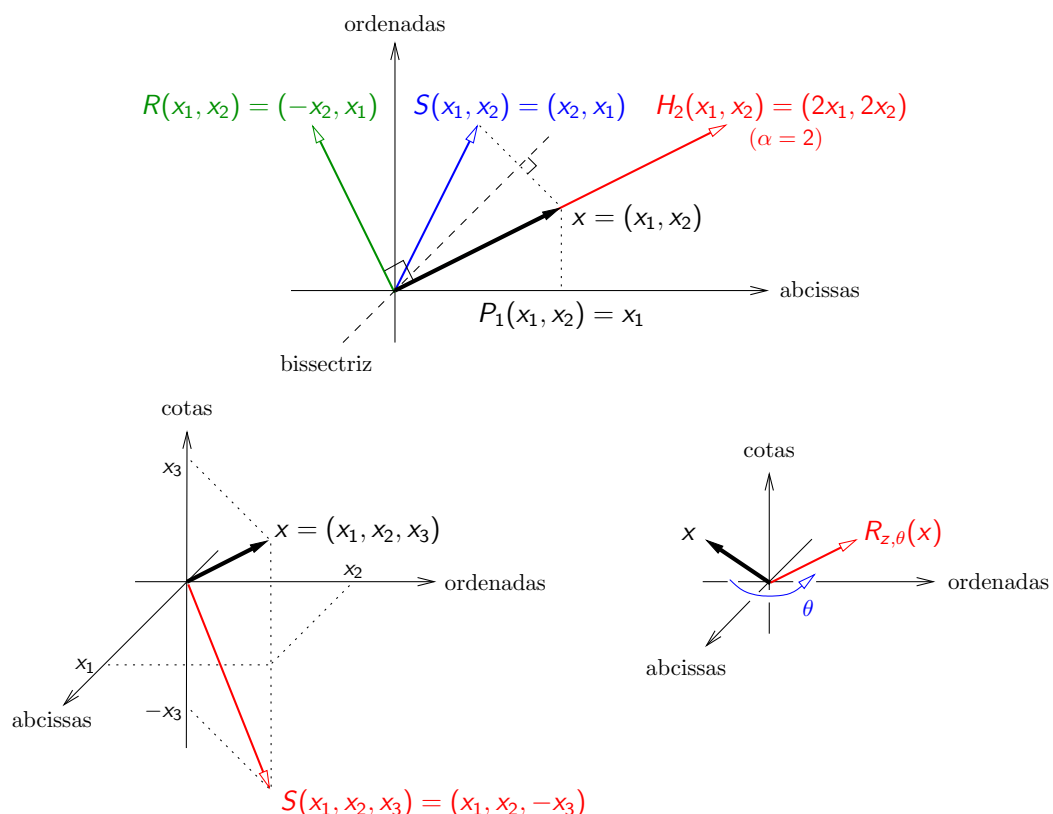
- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & -1 \end{bmatrix}$ , obtém-se a **simetria em relação ao plano  $xOy$** ,

$$S(x) = Ax = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ -x_3 \end{bmatrix}$$

isto é, em coordenadas,  $S_z(x_1, x_2, x_3) = (x_1, x_2, -x_3)$ . (não foi dado na aula).

- ▶ Se  $A = \begin{bmatrix} \cos \theta & -\sin \theta & 0 \\ \sin \theta & \cos \theta & 0 \\ 0 & 0 & 1 \end{bmatrix}$ , obtém-se a rotação de  $\theta$  radianos em torno do eixo dos  $zz$  (no sentido direto),  $R_{z,\theta} = Ax$ , que se deixa como exercício para os alunos descreverem em termos de coordenadas.

## Ilustração de algumas das transformações geométricas do plano e do espaço



## Definição de transformação linear

Uma transformação  $T : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^m$  diz-se **linear** se verificar as seguintes propriedades para todo o  $x, y \in \mathbb{R}^n$  e  $\alpha \in \mathbb{R}$ :

- ▶  $T(x + y) = T(x) + T(y)$  (**aditividade**)
- ▶  $T(\alpha x) = \alpha T(x)$  (**homogeneidade**)

## Algumas consequências

Se  $T : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^m$  é **linear** então

- ▶  $T(\vec{0}) = \vec{0}$ .
- ▶ Para todo o  $x, y \in \mathbb{R}^n$  e  $\alpha, \beta \in \mathbb{R}$  tem-se

$$T(\alpha x + \beta y) = T(\alpha x) + T(\beta y) = \alpha T(x) + \beta T(y).$$

- ▶ Mais geralmente, para todo o  $u_1, \dots, u_k \in \mathbb{R}^n$  e  $\alpha_1, \dots, \alpha_k \in \mathbb{R}$ , tem-se,

$$T(\alpha_1 u_1 + \dots + \alpha_k u_k) = \alpha_1 T(u_1) + \dots + \alpha_k T(u_k).$$

# Transformações lineares

## Teorema (equivalência entre transf. matricial e linear)

- ▶ Toda a transformação matricial  $T_A : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^m$  definida por uma matriz  $A_{m \times n}$  é linear.
- ▶ Reciprocamente, se  $T : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^m$  é uma transformação linear então  $T$  é definida por uma matriz, mais precisamente,  $T = T_A$ , com

$$A = [T(e_1) \quad T(e_2) \quad \dots \quad T(e_n)],$$

onde  $e_1, e_2, \dots, e_n$  são as  $n$  colunas da matriz identidade.

A matriz  $A$  designa-se por **matriz standard da transformação linear  $T$** .

A demonstração do primeiro ponto é imediata. De facto, se  $x, y \in \mathbb{R}^n$  e  $\alpha \in \mathbb{R}$ , tem-se

$$T_A(x + y) = A(x + y) = Ax + Ay = T_A(x) + T_A(y),$$

$$T_A(\alpha x) = A(\alpha x) = \alpha Ax = \alpha T_A(x).$$

Relativamente ao 2º ponto vamos apenas mostrar como se pode obter a matriz da transformação linear num exemplo.

## Matriz de uma transformação linear - exemplo

Consideremos a transformação linear  $T : \mathbb{R}^3 \rightarrow \mathbb{R}^2$  definida por

$$T(x_1, x_2, x_3) = (x_1 + x_2 + x_3, x_1 - x_3).$$

Vejamos como podemos obter a matriz desta transformação linear. Podemos escrever,

$$\begin{aligned} T(x_1, x_2, x_3) &= T(x_1(1, 0, 0) + x_2(0, 1, 0) + x_3(0, 0, 1)) \\ &= x_1 \underbrace{T(1, 0, 0)}_{(1,1)} + x_2 \underbrace{T(0, 1, 0)}_{(1,0)} + x_3 \underbrace{T(0, 0, 1)}_{(1,-1)} \\ &= x_1 \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \end{bmatrix} + x_2 \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \end{bmatrix} + x_3 \begin{bmatrix} 1 \\ -1 \end{bmatrix} \\ &= \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix}. \end{aligned}$$

Logo  $T(x) = Ax$ , com  $A = [T(e_1) \ T(e_2) \ T(e_3)] = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix}_{2 \times 3}$ .

$$\begin{aligned} \text{De facto, } Ax &= \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 \\ 1 & 0 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} \\ &= \begin{bmatrix} x_1 + x_2 + x_3 \\ x_1 + 0x_2 - x_3 \end{bmatrix} = (x_1 + x_2 + x_3, x_1 - x_3) = T(x_1, x_2, x_3). \end{aligned}$$

## Composição de transformações lineares

Dadas matrizes encadeadas  $A_{m \times n}$  e  $B_{n \times p}$  tem-se,

$$T_A(T_B(x)) = A(Bx) = (AB)x = T_{AB}(x),$$

para todo o  $x \in \mathbb{R}^p$ , ou seja, a **composição das transformações lineares definidas pelas matrizes encadeadas  $A_{m \times n}$  e  $B_{n \times p}$** ,

$$\mathbb{R}^p \xrightarrow{T_B} \mathbb{R}^n \xrightarrow{T_A} \mathbb{R}^m,$$

é a **transformação definida pelo produto  $(AB)_{m \times p}$** ,

$$\mathbb{R}^p \xrightarrow{T_{AB}} \mathbb{R}^m,$$

o que permite interpretar o produto de matrizes em termos de composição de transformações lineares.

## Exemplo

Mantendo as notações das transformações geométricas do plano,

$$R(x) = T_A(x), \quad \text{com } A = \begin{bmatrix} 0 & -1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix},$$

e

$$S(x) = T_B(x), \quad \text{com } B = \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix},$$

tem-se

$$AB = \begin{bmatrix} 0 & -1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 0 & 1 \\ 1 & 0 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -1 & 0 \\ 0 & 1 \end{bmatrix}.$$

Portanto a composição de  $R$  com  $S$  vem dada por,

$$(R \circ S)(x) = T_A(T_B(x)) = T_{AB}(x) = \begin{bmatrix} -1 & 0 \\ 0 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \end{bmatrix} = (-x_1, x_2),$$

que corresponde à **reflexão no plano relativamente ao eixo dos  $yy$** .

De facto, em coordenadas,  $R(x_1, x_2) = (-x_2, x_1)$  e  $S(x_1, x_2) = (x_2, x_1)$ . Logo,

$$R(S(x_1, x_2)) = R(x_2, x_1) = (-x_1, x_2).$$

## Inversa de uma transformação linear

Uma transformação linear

$$T_A : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n,$$

diz-se **invertível** se existir uma transformação

$$S : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n,$$

tal que

$$T_A \circ S = S \circ T_A = \text{id}_{\mathbb{R}^n}.$$

Nessa altura prova-se que  $S$  é também linear e tem-se, escrevendo  $S = T_B$ ,

$$T_A \circ T_B = T_B \circ T_A = \text{id}_{\mathbb{R}^n} = T_{I_n} \Leftrightarrow AB = BA = I_n,$$

ou seja,  $A$  é invertível com inversa  $B$ . A transformação  $S = T_B$  designa-se **inversa de  $A$**  e denota-se  $T_A^{-1}$ . Obteve-se então o resultado.

## Proposição

Uma transformação linear  $T_A : \mathbb{R}^n \rightarrow \mathbb{R}^n$  é invertível se e só se  $A$  é invertível e nessa altura a sua inversa é  $T_A^{-1} = T_{A^{-1}}$ .

## Exemplos

▶ A inversa da rotação  $R_{z,\theta}$  em torno do eixo dos  $zz$  de  $\theta$  radianos é a rotação  $R_{z,-\theta}$  (verifique).

▶ Considerando  $A = \begin{bmatrix} 2 & 1 \\ 3 & 2 \end{bmatrix}$ , obtém-se

$$T_A(x_1, x_2) = (2x_1 + x_2, 3x_1 + 2x_2) \quad (\text{verifique}).$$

Como  $A$  é invertível com inversa  $A^{-1} = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 1 \end{bmatrix}$ , tem-se

$$T_A^{-1}(x) = T_{A^{-1}}(x) = \begin{bmatrix} 2 & -1 \\ -3 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2x_1 - x_2 \\ -3x_1 + 2x_2 \end{bmatrix},$$

isto é,  $T_A^{-1}(x_1, x_2) = (2x_1 - x_2, -3x_1 + 2x_2)$ .

De facto,  $T_A(T_A^{-1}(x_1, x_2)) = T_A^{-1}(T_A(x_1, x_2)) = (x_1, x_2)$  (confirme).

## O espaço vetorial $\mathbb{R}^n$

No slide 8 mencionámos as seguintes propriedades das operações, **adição de vetores de  $\mathbb{R}^n$**  e **produto de um vetor de  $\mathbb{R}^n$  por um escalar**, que decorrem imediatamente de propriedades análogas dos números reais.

### Propriedades das operações algébricas com vetores

Sejam  $x, y, z$  vetores de  $\mathbb{R}^n$ ,  $\vec{0} = (0, \dots, 0) \in \mathbb{R}^n$  e  $\lambda, \mu \in \mathbb{R}$ . Tem-se,

1.  $x + y = y + x$  (**comutativa**)
2.  $(x + y) + z = x + (y + z)$  (**associativa**)
3.  $x + \vec{0} = x$  (**existência de el. neutro**)
4.  $x + (-x) = \vec{0}$  (**existência de el. simétrico**)
5.  $\lambda(x + y) = \lambda x + \lambda y$  (**distributiva...**)
6.  $(\lambda + \mu)x = \lambda x + \mu x$  (**distributiva...**)
7.  $(\lambda\mu)x = \lambda(\mu x)$  (**compatibilidade dos produtos**)
8.  $1x = x$  (**el. identidade da multiplicação por escalar**)

Estas 8 propriedades podem ser resumidas dizendo que  $\mathbb{R}^n$  munido da **adição de vetores** e do **produto de vetores por escalares** é um **espaço vetorial**...

# Subespaço vetorial de $\mathbb{R}^n$

Vamos estudar os **subconjuntos não vazios**  $V \subset \mathbb{R}^n$  para os quais se podem **adicionar vetores de  $V$**  e **multiplicar vetores de  $V$  por escalares sem sair de  $V$** , isto é, de modo a ainda se obterem vetores de  $V$ .

## Definição de subespaço vetorial

Um subconjunto  $V \subset \mathbb{R}^n$  diz-se um **subespaço vetorial** de  $\mathbb{R}^n$  se

- ▶  $V \neq \emptyset$
- ▶  $V$  é **fechado para a adição**, isto é, para todo o  $u, v \in V$  tem-se  $u + v \in V$
- ▶  $V$  é **fechado para o produto por escalar**, isto é, para todo o  $u \in V$  e  $\alpha \in \mathbb{R}$  tem-se  $\alpha u \in V$

## Observação

É imediato verificar que se  $V$  é um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^n$  ainda são válidas as propriedades (1), ..., (8) relativamente aos vetores de  $V$ , isto é, que  $V$  **munido** das operações **adição de vetores e multiplicação de vetores por escalares**, **herda a estrutura de espaço vetorial de  $\mathbb{R}^n$** .

# Conceito de subespaço vetorial

## Exercício na aula

Quais dos seguintes conjuntos  $V$  definem subespaços vetoriais de  $\mathbb{R}^2$ ?

- ▶  $V = \{(x, y) : xy = 0\}$  (eixos coordenados de  $\mathbb{R}^2$ )  
**Não** (não é fechado para a adição - se considerarmos, por exemplo,  $u = (1, 0)$  e  $v = (0, 1)$  tem-se  $u, v \in V$  mas  $u + v = (1, 1) \notin V$ )
- ▶  $V = \{(x, y) : x, y \geq 0\}$  (1º quadrante de  $\mathbb{R}^2$ )  
**Não** (não é fechado para o produto por escalar - se considerarmos, por exemplo,  $u = (1, 0) \in V$  e  $\alpha = -2 \in \mathbb{R}$  tem-se  $\alpha u = -2u = (-2, 0) \notin V$ )
- ▶  $V = \{(x, y) : y = 0\}$  (eixo dos  $xx$ ).  
**Sim** (veremos que o conjunto de soluções de um sistema linear em que os termos independentes são nulos - sistema linear homogéneo - é sempre um subespaço vetorial)

As 3 condições da definição de subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^n$  do slide 83 são trivialmente verificadas quando  $V = \{\vec{0}\}$  e  $V = \mathbb{R}^n$ , obtendo-se os seguintes 2 subespaços vetoriais especiais de  $\mathbb{R}^n$ :

- ▶  $\{\vec{0}\}$  subespaço vetorial **minimal** (ou **trivial**).
- ▶  $\mathbb{R}^n$  subespaço vetorial **maximal**.

## Condição **necessária** para ser subespaço vetorial. . .

Vamos agora estabelecer uma condição **necessária** (mas **não suficiente**) para um subconjunto de  $\mathbb{R}^n$  definir um subespaço vetorial.

### Teorema

Se  $V$  é **subespaço vetorial** de  $\mathbb{R}^m$  então  $\vec{0} \in V$ .

**Demonstração:** Se  $V$  é subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ , tem-se:

- ▶  $V \neq \emptyset$ , logo **existe um vetor**  $v \in V$ .
- ▶  $V$  é **fechado para o produto por escalar**, logo  $\lambda v \in V, \forall \lambda \in \mathbb{R}$ .
- ▶ Considerando, em particular,  $\lambda = 0$ , conclui-se que  $0v = \vec{0} \in V$  como se pretendia.  $\square$

### Exemplo

$V = \{(x, y) : x^2 + y^2 = 1\}$  **não é subespaço vetorial** de  $\mathbb{R}^2$ , pois  $(0, 0) \notin V$  ( $0^2 + 0^2 \neq 1$ ). **O que representa geometricamente  $V$ ?**

# Espaço nulo de uma matriz

O seguinte conceito introduz o primeiro dos subespaços vetoriais fundamentais associados a matrizes que vamos considerar.

## Definição de espaço nulo de uma matriz

Seja  $A$  uma matriz do tipo  $m \times n$ . Chama-se **espaço nulo de  $A$**  e denota-se por  $\mathcal{N}(A)$ , ao conjunto de soluções do sistema linear  $Ax = \vec{0}$ , isto é,

$$\mathcal{N}(A) = \{x \in \mathbb{R}^n : Ax = \vec{0}\} \subset \mathbb{R}^n.$$

- ▶ O espaço nulo de  $A$  corresponde ao CS do sistema linear  $Ax = \vec{0}$ , dito **homogéneo**, em que o vetor dos termos constantes é o **vetor nulo**.
- ▶ Um sistema homogéneo **nunca é impossível** uma vez que possui sempre a solução trivial  $x = \vec{0}$  (pois  $A\vec{0} = \vec{0}$ ). Em particular  $\mathcal{N}(A) \neq \emptyset$ .
- ▶ Para calcularmos  $\mathcal{N}(A)$  temos que resolver o sistema homogéneo  $Ax = \vec{0}$ , isto é, temos que **reduzir a matriz ampliada  $[A|\vec{0}]$** <sup>(8)</sup>.

---

<sup>8</sup>O vetor dos termos constantes pode ser omitido, uma vez que é sempre nulo ao longo do método de Gauss.

# Espaço nulo - exercícios na aula

## Exercícios na aula

Determine os espaços nulos das seguintes matrizes:

1.  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & -1 \\ 2 & -1 & 1 \end{bmatrix}_{2 \times 3}$ .

2.  $A = \begin{bmatrix} 1 & 4 \\ 2 & -1 \end{bmatrix}$

Reduzindo a matriz ampliada  $[A|\vec{0}]$  do 1º sistema obtém-se,

$$\left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 1 & -1 & 0 \\ 2 & -1 & 1 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \cdots \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & 0 \end{array} \right] \rightsquigarrow \begin{cases} x_1 = 0 \\ x_2 - x_3 = 0. \end{cases}$$

Logo,

$$\begin{aligned} \mathcal{N}(A) &= \{x = (x_1, x_2, x_3) \in \mathbb{R}^3 : x_1 = 0, x_2 = x_3, x_3 \in \mathbb{R}\} \\ &= \{(0, x_3, x_3) : x_3 \in \mathbb{R}\} = \{x_3(0, 1, 1) : x_3 \in \mathbb{R}\} \end{aligned}$$

- ▶ Geometricamente  $\mathcal{N}(A)$  define uma **reta** de  $\mathbb{R}^3$  (porque o sistema  $Ax = \vec{0}$  possui **uma** variável livre), que passa na **origem** (porque o sistema é **homogéneo**) com vetor diretor  $v = (0, 1, 1)$ .

## Cálculo do espaço nulo do 2º exercício

Consideremos agora a matriz  $A = \begin{bmatrix} 1 & 4 \\ 2 & -1 \end{bmatrix}_{2 \times 2}$ .

- ▶ Aplicando a fase descendente do método de Gauss obtém-se,

$$[A | \vec{0}] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 0 \\ 2 & -1 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 4 & 0 \\ 0 & -9 & 0 \end{array} \right] = [A' | \vec{0}].$$

Uma vez que **todas as colunas de  $A'$  têm pivot** o sistema  $Ax = \vec{0}$  é **determinado** e portanto possui apenas a solução trivial  $x_1 = x_2 = 0$ , isto é,  $CS = \{(0, 0)\}$ .<sup>(9)</sup>

- ▶ Logo  $\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\}$ , isto é,  $\mathcal{N}(A)$  é o subespaço minimal de  $\mathbb{R}^2$ .

### Critério para $\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\}$ (subespaço minimal)

$\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\} \Leftrightarrow Ax = \vec{0}$  é determinado  $\Leftrightarrow \text{car}(A) = n^{\circ}$  colunas de  $A$ .

<sup>9</sup>Confirme que aplicando a fase ascendente à matriz ampliada  $[A' | \vec{0}]$  se obtém a matriz  $[I_2 | \vec{0}]$ , com  $I_2$  a matriz identidade de ordem 2, e portanto que a solução (única) do sistema é  $x_1 = x_2 = 0$ .

## O espaço nulo é um subespaço vetorial...

### Teorema

Se  $A$  é uma matriz do tipo  $m \times n$  então  $\mathcal{N}(A)$  é um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^n$ .

### Demonstração

Temos que verificar as 3 condições da definição de subespaço vetorial do slide 83:

- ▶  $\mathcal{N}(A) \neq \emptyset$  como vimos no slide 87.
- ▶  $\mathcal{N}(A)$  **fechado para a adição**: se  $u, v \in \mathcal{N}(A)$  então  $u$  e  $v$  são soluções de  $Ax = \vec{0}$ , isto é,  $Au = Av = \vec{0}$  e portanto  $A(u + v) = Au + Av = \vec{0} + \vec{0} = \vec{0}$ , o que significa que  $u + v$  é também solução de  $Ax = \vec{0}$ . Logo  $u + v \in \mathcal{N}(A)$ .
- ▶  $\mathcal{N}(A)$  **fechado para o produto por escalar** fica para os alunos mostrarem...  $\square$

## Subespaços vetoriais definidos por CS

O CS de qualquer sistema linear **homogéneo com  $n$  variáveis** define um **subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^n$** , pois corresponde ao espaço nulo da matriz dos coeficientes desse sistema (que possui  $n$  colunas).

- ▶ Por exemplo, o seguinte CS de um sistema homogéneo,

$$V = \{(x_1, x_2, x_3, x_4) : x_1 + 2x_2 + 3x_3 + 4x_4 = 0, -x_1 + 3x_2 + x_4 = 0\},$$

é um **subespaço vetorial** de  $\mathbb{R}^4$ , pois  $V = \mathcal{N} \left( \begin{bmatrix} 1 & 2 & 3 & 4 \\ -1 & 3 & 0 & 1 \end{bmatrix} \right)$ .

O CS de um sistema linear **não homogéneo nunca define um subespaço vetorial** uma vez que não contém o vetor nulo (origem).

- ▶ Por exemplo, o plano de  $\mathbb{R}^3$  definido pela equação não homogénea  $x_1 + x_2 + 2x_3 = 1$ ,

$$V = \{(x_1, x_2, x_3) : x_1 + x_2 + 2x_3 = 1\},$$

**não define um subespaço vetorial** porque não passa na origem.

## Possíveis subespaços vetoriais de $\mathbb{R}^n$

**Mas afinal quais são os conjuntos que definem subespaços vetoriais de  $\mathbb{R}^n$ ?**

- ▶ Subespaços vetoriais do plano ( $\mathbb{R}^2$ ):

$$\{\vec{0}\}, \text{ retas que passam na origem, } \mathbb{R}^2.$$

- ▶ Subespaços vetoriais do espaço ( $\mathbb{R}^3$ ):

$$\{\vec{0}\}, \text{ retas e planos que passam na origem, } \mathbb{R}^3.$$

- ▶ Subespaços vetoriais de  $\mathbb{R}^n$ , com  $n \geq 4$ :

$$\{\vec{0}\}, \text{ retas, } \dots \text{ e hiperplanos que passam na origem, } \mathbb{R}^n.$$

(um **hiperplano** é um conjunto definido por uma equação linear do tipo  $a_1x_1 + \dots + a_nx_n = b$ , com os coeficientes  $a_1, \dots, a_n$ , não todos nulos.)

## Definição de combinação linear

Um vetor  $b \in \mathbb{R}^m$  é **combinação linear** (CL) de  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  se existirem escalares  $\alpha_1, \dots, \alpha_n \in \mathbb{R}$  tais que

$$b = \alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_n v_n.$$

Os escalares  $\alpha_1, \dots, \alpha_n$  chamam-se *coeficientes* da combinação linear.

Por outras palavras,  $b$  é CL de  $v_1, \dots, v_n$  se puder ser obtido como **soma de múltiplos desses vetores**.

## Exemplos de combinações lineares de vetores

- ▶  $(-2, -4, -2) = -2(1, 2, 1).$
- ▶  $\begin{bmatrix} 3 \\ 1 \end{bmatrix} = 1 \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \end{bmatrix} + 2 \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \end{bmatrix}.$
- ▶ O vetor nulo  $\vec{0} \in \mathbb{R}^n$  é CL de qualquer conjunto de  $m$  vetores  $v_1, \dots, v_m \in \mathbb{R}^n$ :

$$\vec{0} = 0 v_1 + 0 v_2 + \dots + 0 v_m$$

- ▶ E cada um dos vetores  $v_i$  é CL dos vetores  $v_1, v_2, \dots, v_m$ :

$$\begin{aligned} v_1 &= 1 v_1 + 0 v_2 + \dots + 0 v_m, \\ v_2 &= 0 v_1 + 1 v_2 + \dots + 0 v_m, \\ &\vdots \\ v_m &= 0 v_1 + 0 v_2 + \dots + 1 v_m. \end{aligned}$$

# Determinação da combinação linear de vetores - exemplo

- ▶ Será que  $b = (2, 5, 1)$  é CL de  $v_1 = (2, 2, 1)$  e  $v_2 = (2, 3, 1)$  ?
- ▶ Por outras palavras, será que existem escalares  $\alpha_1, \alpha_2 \in \mathbb{R}$  tais que

$$b = \alpha_1 v_1 + \alpha_2 v_2 ?$$

Ora,

$$\begin{aligned} b = \alpha_1 v_1 + \alpha_2 v_2 &\Leftrightarrow \begin{bmatrix} 2 \\ 5 \\ 1 \end{bmatrix} = \alpha_1 \begin{bmatrix} 2 \\ 2 \\ 1 \end{bmatrix} + \alpha_2 \begin{bmatrix} 2 \\ 3 \\ 1 \end{bmatrix} \\ &\Leftrightarrow \begin{bmatrix} 2 \\ 5 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2\alpha_1 + 2\alpha_2 \\ 2\alpha_1 + 3\alpha_2 \\ \alpha_1 + \alpha_2 \end{bmatrix} \\ &\Leftrightarrow \begin{cases} 2\alpha_1 + 2\alpha_2 = 2 \\ 2\alpha_1 + 3\alpha_2 = 5 \\ \alpha_1 + \alpha_2 = 1 \end{cases} \end{aligned}$$

Logo  $(\alpha_1, \alpha_2)$  é solução do sistema cuja matriz ampliada é  $[v_1 \ v_2 \ | \ b]$ !

# Determinação da combinação linear do exemplo (concl.)

- ▶ Aplicando a fase descendente do método de Gauss a  $[v_1 \ v_2 \ | \ b]$ , obtém-se

$$[v_1 \ v_2 \ | \ b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 2 & 2 & 2 \\ 2 & 3 & 5 \\ 1 & 1 & 1 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & 1 \\ 0 & 1 & 3 \\ 0 & 0 & 0 \end{array} \right].$$

- ▶ Como o sistema é **possível** podemos escrever  $b$  como CL de  $v_1$  e  $v_2$ .
- ▶ Para determinarmos os coeficientes  $\alpha_1$  e  $\alpha_2$  da CL aplicamos a fase ascendente:

$$\left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & 1 \\ 0 & 1 & 3 \\ 0 & 0 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 0 & -2 \\ 0 & 1 & 3 \\ 0 & 0 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \begin{cases} \alpha_1 & = & -2 \\ \alpha_2 & = & 3 \end{cases}$$

- ▶ Assim,  $b = \begin{bmatrix} 2 \\ 5 \\ 1 \end{bmatrix} = -2 \begin{bmatrix} 2 \\ 2 \\ 1 \end{bmatrix} + 3 \begin{bmatrix} 2 \\ 3 \\ 1 \end{bmatrix} = -2v_1 + 3v_2$

## Observação

Vimos que o vetor  $u = (-2, 3)$  dos coeficientes da CL é solução do sistema com matriz ampliada  $[v_1 \ v_2 \ | \ b]$ , ou seja, da equação matricial  $Ax = b$  com  $A = [v_1 \ v_2]$ . Isto significa que  $b = Au$  e portanto **multiplicar uma matriz  $A$  por um vetor  $u$**  corresponde a **efetuar a CL das colunas de  $A$  com coeficientes dados pelas componentes do vetor  $u$** .

# Determinação de combinações lineares

## Exemplo

Considerando  $c = (0, 0, 1)$  e novamente os vetores  $v_1 = (2, 2, 1)$  e  $v_2 = (2, 3, 1)$  do exemplo do slide 95, tem-se que o sistema  $Ax = c$  com  $A = [v_1 \ v_2]$  é impossível (verifique). Logo  $c$  não é CL de  $v_1$  e  $v_2$ .

## Escrever $b$ como CL de vetores $v_1, \dots, v_n$ - resumo

Consideremos  $b, v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  e seja  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n]$ . Tem-se:

- ▶ Se  $Ax = b$  for **impossível** então  $b$  não é CL de  $v_1, \dots, v_n$ .
- ▶ Se  $Ax = b$  for **possível** então  $b$  é CL de  $v_1, \dots, v_n$ , tendo-se:
  - ▶ Se  $Ax = b$  é **PD** então  $b$  escreve-se como CL de  $v_1, \dots, v_n$  de uma **única forma**.
  - ▶ Se  $Ax = b$  for **PI** então  $b$  escreve-se como CL de  $v_1, \dots, v_n$  de **infinitas maneiras distintas**.

Cada solução  $u = (\alpha_1, \dots, \alpha_n)$  de  $Ax = b$  dá origem a uma CL  $b = \alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_n v_n$ , que podemos escrever como  $b = Au$ .

# Espaço gerado e espaço das colunas

## Espaço gerado por vetores e espaço das colunas de uma matriz

Sejam  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  e  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n]$ .

- ▶ Chama-se **espaço gerado** por  $v_1, \dots, v_n$ , e denota-se por  $\langle v_1, \dots, v_n \rangle$ , ao subconjunto dos vetores de  $\mathbb{R}^m$  que são CL de  $v_1, \dots, v_n$ , isto é,

$$\begin{aligned}\langle v_1, \dots, v_n \rangle &= \{b \in \mathbb{R}^m : b \text{ é CL de } v_1, \dots, v_n\} \\ &= \{b \in \mathbb{R}^m : Ax = b \text{ é possível}\}\end{aligned}$$

- ▶ Chama-se **espaço das colunas** de  $A$ , e denota-se por  $\mathcal{C}(A)$ , ao espaço gerado pelos vetores que constituem as  $n$  colunas de  $A$ , isto é,

$$\mathcal{C}(A) = \langle v_1, \dots, v_n \rangle = \{b \in \mathbb{R}^m : Ax = b \text{ é possível}\},$$

que define o **segundo subespaço vetorial fundamental associado a uma matriz**.

## Observação

$b \in \langle v_1, \dots, v_n \rangle = \mathcal{C}(A) \Leftrightarrow b \text{ é CL de } v_1, \dots, v_n \Leftrightarrow Ax = b \text{ é possível.}$

## Exemplo do slide 95 revisitado

Consideremos novamente os vetores  $v_1 = (2, 2, 1)$  e  $v_2 = (2, 3, 1)$  do slide 95 e seja  $A = [v_1 \ v_2]$ . Tem-se:

- ▶  $\langle v_1, v_2 \rangle = \mathcal{C}(A) = \{b \in \mathbb{R}^3 : Ax = b \text{ é possível}\}$  e obtém-se, aplicando o método de eliminação de Gauss à matriz  $[A|b]$ ,

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 2 & 2 & b_1 \\ 2 & 3 & b_2 \\ 1 & 1 & b_3 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & b_3 \\ 0 & 1 & b_2 - 2b_3 \\ 0 & 0 & b_1 - 2b_3 \end{array} \right] = [A'|b']$$

- ▶ Logo o sistema  $Ax = b$  é possível sse  $b_1 - 2b_3 = 0$  e portanto,

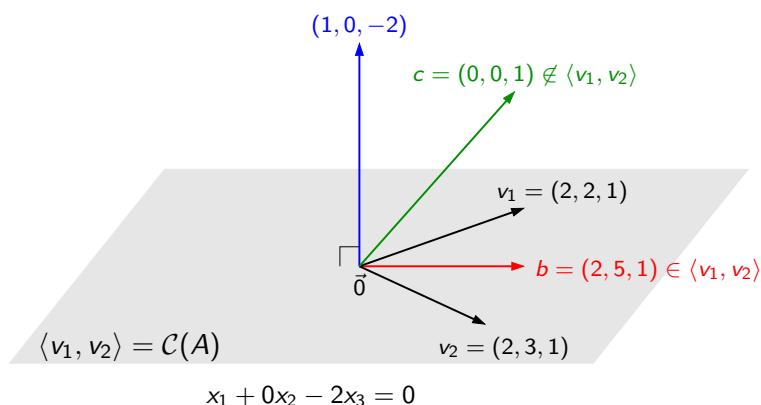
$$\langle v_1, v_2 \rangle = \mathcal{C}(A) = \{(b_1, b_2, b_3) : b_1 - 2b_3 = 0\},$$

que define o plano de  $\mathbb{R}^3$  de equação cartesiana  $x_1 + 0x_2 - 2x_3 = 0$ , que passa na origem e tem vetor normal  $(1, 0, -2)$ .

## Exemplo do slide 95 revisitado - interpretação geométrica

Consideremos novamente os vetores  $b = (2, 5, 1)$  do slide 95 e  $c = (0, 0, 1)$  do slide 97.

- ▶ Vimos que  $b = (2, 5, 1) = -2v_1 + 3v_2$  (ver o slide 95) é CL de  $v_1$  e  $v_2$  e portanto pertence ao espaço gerado  $\langle v_1, v_2 \rangle = \mathcal{C}(A)$ , o que se comprova pois  $b$  satisfaz a equação  $x_1 + 0x_2 - 2x_3 = 0$  que define  $\langle v_1, v_2 \rangle$ .
- ▶ Vimos que  $c = (0, 0, 1)$  do slide 97 não é CL de  $v_1$  e  $v_2$  e portanto não pertence ao espaço gerado  $\langle v_1, v_2 \rangle = \mathcal{C}(A)$ , o que se comprova uma vez que  $c$  não satisfaz a equação  $x_1 + 0x_2 - 2x_3 = 0$  que define  $\langle v_1, v_2 \rangle$ .



## Algoritmo para determinar o espaço gerado/espaço das colunas

O mesmo tipo de procedimento que foi aplicado no exemplo do slide 99 pode ser utilizado para **determinar o espaço gerado/espaço das colunas**  $\langle v_1, \dots, v_n \rangle = \mathcal{C}(A)$ , com  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$  arbitrária.

### Algoritmo

Aplica-se a **fase descendente** do método de Gauss a  $[A|b]$ , com  $b = (b_1, \dots, b_m)$  vetor genérico. Seja  $[A'|b']$  matriz em escada obtida a partir de  $[A|b]$ . Tem-se:

- ▶ Se  $A'$  **não possui linhas nulas** então  $v_1, \dots, v_n$  **geram**  $\mathbb{R}^m$ , isto é,

$$\langle v_1, \dots, v_n \rangle = \mathcal{C}(A) = \mathbb{R}^m.$$

- ▶ Se  $A'$  **possui linhas nulas** então  $v_1, \dots, v_n$  **não geram**  $\mathbb{R}^m$  e obtém-se um sistema de equações definidoras para  $\langle v_1, \dots, v_n \rangle = \mathcal{C}(A)$ ,

$$\{(b_1, \dots, b_m) : b'_{i_1} = 0, b'_{i_2} = 0, \dots, b'_{i_k} = 0\},$$

onde  $b'_{i_1}, \dots, b'_{i_k}$  são as componentes do vetor  $b'$  associadas às linhas nulas da matriz em escada  $A'$ .

## Espaço gerado/espaço das colunas é o subespaço maximal

### Exercício na aula

Aplicando o algoritmo do slide 101 calcule

$$\langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle = \langle (1, 1, 0), (1, 0, 1), (0, 1, 1), (1, 1, 1) \rangle.$$

### Resolução

Seja  $A = [v_1 \ v_2 \ v_3 \ v_4]$ . Tem-se

$$\langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle = \mathcal{C}(A) = \{b = (b_1, b_2, b_3) : Ax = b \text{ é possível}\}.$$

Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss a  $[A|b]$  obtém-se,

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 1 & 0 & 1 & b_1 \\ 1 & 0 & 1 & 1 & b_2 \\ 0 & 1 & 1 & 1 & b_3 \end{array} \right] \xrightarrow{L_2 - L_1} \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 1 & 0 & 1 & b_1 \\ 0 & -1 & 1 & 1 & b_2 - b_1 \\ 0 & 1 & 1 & 1 & b_3 \end{array} \right] \\ \xrightarrow{L_3 + L_2} \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 1 & 0 & 1 & b_1 \\ 0 & -1 & 1 & 1 & b_2 - b_1 \\ 0 & 0 & 2 & 1 & b_3 + b_2 - b_1 \end{array} \right] = [A'|b'].$$

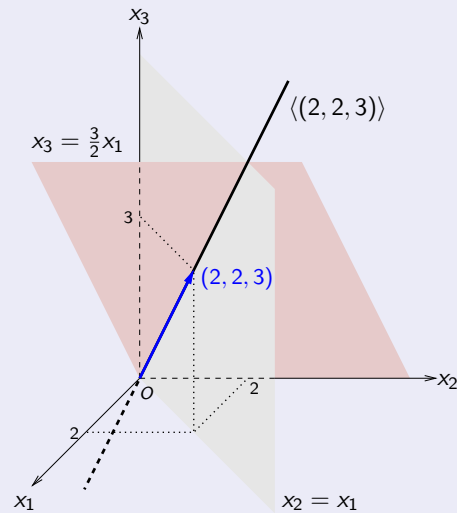
Como a matriz em escada  $A'$  **não tem linhas nulas** (1º caso do algoritmo do slide 101), **não há restrições a impor ao vetor**  $b = (b_1, b_2, b_3)$  para o sistema ser possível.

Logo  $\langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle = \mathcal{C}(A) = \mathbb{R}^3$ , isto é,  $v_1, v_2, v_3, v_4$  geram o subespaço maximal.

## Exercício na aula

Considere o subespaço  $\langle(2, 2, 3)\rangle = \{b : b = \alpha(2, 2, 3) \text{ com } \alpha \in \mathbb{R}\}$ , que define a **reta de  $\mathbb{R}^3$  que passa na origem e tem vetor diretor  $v = (2, 2, 3)$** . Aplicando o algoritmo do slide 101 mostre que esta reta corresponde à intersecção dos planos abaixo:

$$\begin{cases} -x_1 + x_2 = 0 \\ -\frac{3}{2}x_1 + x_3 = 0 \end{cases}$$



## Resolução do exercício

Denotando por  $A$  a matriz com a única coluna  $v = (2, 2, 3)$ ,  $A = [v]$ , tem-se

$$\begin{aligned} \langle(2, 2, 3)\rangle = \mathcal{C}(A) &= \{b = (b_1, b_2, b_3) : Ax = b \text{ é possível}\} \\ &= \{b = (b_1, b_2, b_3) : [A|b] \text{ é possível}\}. \end{aligned}$$

- ▶ Aplicando a fase descendente à matriz  $[A|b]$  vem,

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{c|c} 2 & b_1 \\ 2 & b_2 \\ 3 & b_3 \end{array} \right] \xrightarrow[\begin{array}{c} L_2 - L_1 \\ L_3 - \frac{3}{2}L_1 \end{array}]{L_2 - L_1} \left[ \begin{array}{c|c} 2 & b_1 \\ 0 & b_2 - b_1 \\ 0 & b_3 - \frac{3}{2}b_1 \end{array} \right] = [A'|b'].$$

- ▶ Tem-se que o sistema  $Ax = b$  é possível se e só se as componentes do vetor  $b'$  associadas às linhas nulas da matriz em escada  $A'$  forem nulas, isto é,  $b'_2 = b_2 - b_1 = 0$  e  $b'_3 = b_3 - \frac{3}{2}b_1 = 0$  (2º caso do algoritmo do slide 101). Logo,

$$\langle(2, 2, 3)\rangle = \mathcal{C}(A) = \{(b_1, b_2, b_3) : b_2 - b_1 = 0, b_3 - \frac{3}{2}b_1 = 0\},$$

que corresponde à intersecção dos planos  $x_2 - x_1 = 0$  e  $x_3 - \frac{3}{2}x_1 = 0$  como se pretendia mostrar.

## Definição de independência linear

Sejam  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$ .

- ▶  $\{v_1, \dots, v_n\}$  diz-se **linearmente independente (l.i.)** se

$$\forall \alpha_1, \dots, \alpha_n \in \mathbb{R}: \alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_n v_n = \vec{0} \Rightarrow \alpha_1 = \dots = \alpha_n = 0,$$

isto é, se a combinação linear com **todos** os coeficientes nulos,

$$0v_1 + 0v_2 + \dots + 0v_n = \vec{0},$$

for a **única** forma de escrever o vetor nulo como CL de  $v_1, \dots, v_n$ .

- ▶ Caso contrário  $\{v_1, \dots, v_n\}$  diz-se **linearmente dependente (l.d.)**.

Por outras palavras,  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é linearmente **dependente** se existem coeficientes **não todos nulos**  $\alpha_1, \dots, \alpha_n \in \mathbb{R}$  tais que,

$$\alpha_1 v_1 + \alpha_2 v_2 + \dots + \alpha_n v_n = \vec{0}.$$

## (In)dependência linear - exemplos

- ▶  $\{(1, 3, -1)\}$  é **l.i.** pois,

$$\alpha(1, 3, -1) = (0, 0, 0) \Rightarrow (\alpha, 3\alpha, -\alpha) = (0, 0, 0) \Rightarrow \alpha = 0.$$

- ▶  $\{\vec{0}\}$  é **l.d.** pois  $\alpha \vec{0} = \vec{0} \not\Rightarrow \alpha = 0$  (por exemplo,  $2\vec{0} = \vec{0}$ ).

- ▶  $\{(1, 3, -1), (2, 6, -2)\}$  é **l.d.** uma vez que conseguimos obter o vetor nulo como CL dos vetores  $(1, 3, -1)$  e  $(2, 6, -2)$ , com os coeficientes **não todos nulos**, por exemplo, como,

$$-2(1, 3, -1) + 1(2, 6, -2) = (0, 0, 0).$$

Neste caso os vetores são **múltiplos entre si**, isto é, são **colineares**.

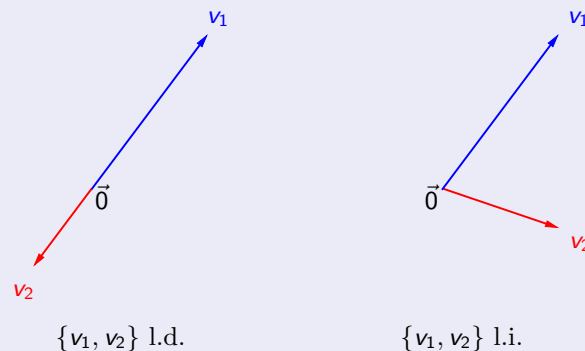
- ▶  $\{(1, 3, -1), (0, 1, 5)\}$  é **l.i.** pois,

$$\alpha_1 \begin{bmatrix} 1 \\ 3 \\ -1 \end{bmatrix} + \alpha_2 \begin{bmatrix} 0 \\ 1 \\ 5 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0 \\ 0 \\ 0 \end{bmatrix} \Rightarrow \begin{cases} \alpha_1 = 0 \\ 3\alpha_1 + \alpha_2 = 0 \\ -\alpha_1 + \alpha_2 = 0 \end{cases} \Rightarrow \begin{cases} \alpha_1 = 0 \\ \alpha_2 = 0 \end{cases}$$

Neste caso os vetores **não são múltiplos entre si**, isto é, são **não colineares**.

## Independência linear de conjuntos com um e com dois vetores

- ▶  $\{\vec{v}\}$  é linearmente independente  $\Leftrightarrow v \neq \vec{0}$ .
- ▶  $\{v_1, v_2\}$  é linearmente independente  $\Leftrightarrow v_1$  e  $v_2$  são não colineares.



Decidir sobre a independência linear de conjuntos com mais que dois vetores não é, em geral, imediato. Por essa razão vamos começar por dar uma caracterização alternativa de conjunto linearmente independente.

## Caracterização alternativa de (in)dependência linear

### Teorema

Consideremos  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  e sejam  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n]$  e  $A'$  matriz em escada obtida a partir de  $A$  aplicando operações elementares. Tem-se que:

- ▶  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é linearmente independente sse  $Ax = \vec{0}$  for determinado, isto é, todas as colunas de  $A'$  tiverem pivot ( $\Leftrightarrow \text{car}(A) = n$ ).
- ▶  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é linearmente dependente sse  $Ax = \vec{0}$  for indeterminado, isto é, existirem as colunas sem pivot em  $A'$  ( $\Leftrightarrow \text{car}(A) < n$ ).

Neste caso tem-se  $\mathcal{N}(A) \neq \{\vec{0}\}$  e cada solução  $(\alpha_1, \dots, \alpha_n) \in \mathcal{N}(A)$  origina a uma CL distinta,

$$\alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_n v_n = \vec{0}.$$

O teorema decorre imediatamente da definição de independência linear e dos resultados do slide 97 com  $b = \vec{0}$ , que mostram que  $\alpha_1, \dots, \alpha_n \in \mathbb{R}$  verificam

$$\alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_n v_n = \vec{0},$$

se e só se  $(\alpha_1, \dots, \alpha_n)$  é solução de  $Ax = \vec{0}$ , isto é,  $(\alpha_1, \dots, \alpha_n) \in \mathcal{N}(A)$ .

## (In)dependência linear via método de Gauss

A caracterização anterior permite usar o método de eliminação de Gauss para decidir a independência linear de conjuntos com  $n$  vetores em que  $n$  arbitrário.

### Exercício na aula

Considere os vetores  $v_1 = (1, \alpha, 1)$ ,  $v_2 = (0, 1, -1)$  e  $v_3 = (\alpha, 3, 3)$ , com  $\alpha \in \mathbb{R}$ . Decida sobre a independência linear de  $\{v_1, v_2, v_3\}$  em função de  $\alpha$ .

### Resolução

Consideremos a matriz  $A = [v_1 \ v_2 \ v_3]$ . Aplicando a fase descendente do método de eliminação de Gauss à matriz  $A$  vem,

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & \alpha \\ \alpha & 1 & 3 \\ 1 & -1 & 3 \end{bmatrix} \xrightarrow{\substack{L_2 - \alpha L_1 \\ L_3 - L_2}} \begin{bmatrix} 1 & 0 & \alpha \\ 0 & 1 & 3 - \alpha^2 \\ 0 & -1 & 3 - \alpha \end{bmatrix} \xrightarrow{L_3 + L_2} \begin{bmatrix} 1 & 0 & \alpha \\ 0 & 1 & 3 - \alpha^2 \\ 0 & 0 & 6 - \alpha - \alpha^2 \end{bmatrix} = A'.$$

Tem-se  $\{v_1, v_2, v_3\}$  l.i.  $\Leftrightarrow$  todas as colunas de  $A'$  têm pivot  $\Leftrightarrow 6 - \alpha - \alpha^2 \neq 0 \Leftrightarrow \alpha \neq \frac{1 \pm \sqrt{1 - 4(-1)6}}{2(-1)}$  (fórmula resolvente)  $\Leftrightarrow \alpha \neq -3, 2$ .

Daqui resulta ainda que  $\{v_1, v_2, v_3\}$  l.d.  $\Leftrightarrow \alpha = -3$  ou  $\alpha = 2$ .

## Cardinalidade máxima de um conjunto l.i.

Da relação  $\text{car}(A_{m \times n}) \leq \min\{m, n\}$  e da caracterização de independência linear de um conjunto  $\{v_1, \dots, v_n\}$  dada no slide 108,

$$\{v_1, \dots, v_n\} \text{ l.i.} \Leftrightarrow \text{car}(A) = n,$$

onde  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n]$ , deduz-se que se  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é l.i. então  $n \leq m$ . Temos portanto o seguinte resultado.

### Proposição

Um conjunto linearmente independente de vetores de  $\mathbb{R}^m$  possui no máximo  $m$  vetores

- Por exemplo, o conjunto  $\{v_1, v_2, v_3, v_4, v_5\}$ , em que  $v_1 = (1, 2, 1, 1)$ ,  $v_2 = (0, 1, -1, 1)$ ,  $v_3 = (1, 3, 1, 4)$ ,  $v_4 = (0, 0, 1, 1)$  e  $v_5 = (0, 0, 0, 1)$ , é linearmente dependente pois é formado por 5 de vetores de  $\mathbb{R}^4$ .

## Base para espaço nulo de uma matriz - exercício 2

### Exercício na aula

Indicar uma base e a dimensão do espaço nulo da matriz

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 1 & 2 & 0 \\ -1 & -1 & -1 \end{bmatrix}.$$

**Resolução:** aplicando a fase descendente à matriz  $[A|\vec{0}]$  obtém-se,

$$[A|\vec{0}] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 1 & 2 & 0 & 0 \\ -1 & -1 & -1 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & -1 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & -2 & 0 \end{array} \right] = [A'|\vec{0}].$$

Neste caso não há colunas sem pivot em  $A'$ , isto é, não há variáveis livres. Logo  $Ax = \vec{0}$  é determinado e portanto  $\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\}$ .

Logo  $\{\}$  é a base de  $\mathcal{N}(A)$ , tendo-se  $\dim \mathcal{N}(A) = 0$ .

## Dependência linear e combinações lineares

Vimos que um conjunto formado por 2 vetores era l.d. se e só se um dos vetores era múltiplo do outro. Vejamos o que se passa com conjuntos com 3 vetores.

Consideremos  $u, v, w \in \mathbb{R}^m$ .

- ▶ Se  $w$  é CL de  $u$  e  $v$ , isto é,  $w = \alpha u + \beta v$  com  $\alpha, \beta \in \mathbb{R}$ , então  $\{u, v, w\}$  é l.d. pois podemos escrever o vetor nulo como CL de  $u, v, w$  com coeficientes **não todos nulos**. De facto,

$$\alpha u + \beta v - 1 w = \vec{0}.$$

- ▶ Reciprocamente se  $\{u, v, w\}$  é l.d. então por definição existem  $\alpha, \beta, \gamma$ , **não todos nulos** tais que

$$\alpha u + \beta v + \gamma w = \vec{0}.$$

Se  $\alpha \neq 0$  podemos escrever  $u = -\frac{\beta}{\alpha}v - \frac{\gamma}{\alpha}w$  e portanto  $u$  é CL de  $v$  e  $w$ . Analogamente se mostra que se  $\beta \neq 0$  [ $\gamma \neq 0$ ] então  $v$  [ $w$ ] é CL dos restantes 2 vetores (que fica como exercício para os alunos).

Logo  $\{u, v, w\}$  é l.d. se e só se um dos vetores é CL dos restantes 2 vetores.

Aplicando o mesmo tipo de ideias a conjuntos com um número arbitrário de vetores obtemos a caracterização de dependência linear do próximo slide.

# Noção mais intuitiva do conceito de dependência linear

## Teorema (Caracterização da dependência linear em termos de CL)

Um conjunto com **dois ou mais vetores** é linearmente dependente se e só se **pele menos um dos vetores** do conjunto **for combinação linear** dos restantes vetores do conjunto.

## Consequências

- ▶ Um conjunto de vetores que contenha o **vetor nulo** é l.d.
- ▶ Um conjunto de vetores que **contenha um conjunto l.d.** de vetores é l.d. Em particular, se o conjunto contiver **vetores colineares** é l.d.
- ▶ Reciprocamente, um conjunto de vetores não vazio que esteja **contido um conjunto linearmente independente** ainda é linearmente independente.

## Exemplos

- ▶  $\{v_1, v_2, v_3\} = \{(1, 2, 3, 4), (1, 1, 1, 1), (2, 3, 4, 5)\}$  é l.d. pois  $v_3 = v_1 + v_2$  e logo  $\{v_1, v_2, v_3, v_4\}$  é tb l.d. para todo o  $v_4 \in \mathbb{R}^4$ , uma vez que  $v_3 = v_1 + v_2 + 0v_4$ .
- ▶  $\{(1, 1, 1, 1), (1, 1, 1, 0), (1, 1, 0, 0), (1, 0, 0, 0)\}$  é l.i. (verifique). Logo o **subconjunto**  $\{(1, 1, 1, 1), (1, 1, 1, 0), (1, 1, 0, 0)\}$  é também l.i.

**TPC:** verifique que no 1º caso  $(1, 1, -1, 0) \in \mathcal{N}(A)$  com  $A = [v_1 \ v_2 \ v_3 \ v_4]$ . Porquê?

# Base de um subespaço vetorial

Vamos dar agora aquele que é, possivelmente, o **conceito mais central em Álgebra Linear**.

Intuitivamente uma base de um subespaço vetorial  $V$  é um subconjunto de vetores de  $V$  tal que: (i) **não contém vetores “redundantes”** no sentido em que nenhum dos vetores da base se pode obter como CL dos restantes vetores da base; (ii) **todo o vetor do subespaço  $V$  é CL linear dos vetores da base**.

Mais precisamente, temos a seguinte definição.

## Definição de base

Sejam  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e  $v_1, \dots, v_k \in V$ . Diz-se que  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é uma **base** de  $V$  se verificar as condições:

- $\{v_1, \dots, v_k\}$  é linearmente independente.
- $\langle v_1, \dots, v_k \rangle = V$ , isto é,  $v_1, \dots, v_k$  geram  $V$ .

## Exemplo fundamental: base canónica de $\mathbb{R}^m$

Vejamus que  $\{e_1, e_2, e_3\}$  é base de  $\mathbb{R}^3$ , onde  $e_1 = (1, 0, 0)$ ,  $e_2 = (0, 1, 0)$  e  $e_3 = (0, 0, 1)$  são as colunas da matriz identidade de ordem 3:

(i)  $\{e_1, e_2, e_3\}$  é linearmente independente.

De facto, a matriz  $A = [e_1 \ e_2 \ e_3]$  é a matriz identidade de ordem 3,  $I_3$ , que já está em escada e possui todas as colunas com **pivot**.

(ii)  $\langle e_1, e_2, e_3 \rangle = \mathbb{R}^3$ .

De facto, tem-se para qualquer  $b = (b_1, b_2, b_3) \in \mathbb{R}^3$ ,

$$\begin{aligned}(b_1, b_2, b_3) &= b_1(1, 0, 0) + b_2(0, 1, 0) + b_3(0, 0, 1) \\ &= b_1 e_1 + b_2 e_2 + b_3 e_3.\end{aligned}$$

Logo qualquer  $b \in \mathbb{R}^3$  é CL de  $e_1$ ,  $e_2$  e  $e_3$  e portanto  $\langle e_1, e_2, e_3 \rangle = \mathbb{R}^3$ .

A base anterior generaliza-se para  $\mathbb{R}^m$  com  $m$  arbitrário.

### Base canónica de $\mathbb{R}^m$

O conjunto  $\{e_1, e_2, \dots, e_m\}$  formado pelas  $m$  colunas da matriz identidade  $I_m$ ,

$$e_1 = (1, 0, \dots, 0), \quad e_2 = (0, 1, \dots, 0), \quad \dots, \quad e_m = (0, 0, \dots, 1),$$

constitui uma base de  $\mathbb{R}^m$  que se designa por **base canónica** (b.c.).

## Dimensão de um subespaço vetorial

### Teorema-definição

Todas as bases de um mesmo subespaço vetorial  $V$  possuem o mesmo número de vetores a que chamamos **dimensão de  $V$**  e denotamos por  **$\dim V$** .

### Dimensão do subespaço minimal

- ▶ Convenciona-se que  $\{\}$  é a base do subespaço minimal  $\{\vec{0}\}$ . Uma vez que esta base não possui vetores tem-se,

$$\dim \{\vec{0}\} = 0$$

### Dimensão do subespaço maximal

- ▶ Vimos que  $\mathbb{R}^m$  admitia uma base especial, dita base canónica, constituída pelas  $m$  colunas da matriz identidade de ordem  $m$ . Daqui resulta que,

$$\dim \mathbb{R}^m = m$$

- ▶ Logo qualquer outra base para  $\mathbb{R}^m$  também possui  $m$  vetores.

## Caracterização das bases do subespaço maximal

Sejam  $v_1, \dots, v_m \in \mathbb{R}^m$  e consideremos  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_m]$  que é uma matriz quadrada de ordem  $m$ . Seja  $A'$  matriz em escada obtida a partir de  $A$  aplicando operações elementares. Uma vez que  $A'$  é também uma matriz **quadrada** obtêm-se, aplicando os resultados dos slides 108 e 101, as seguintes equivalências:

$$\begin{aligned} \{v_1, \dots, v_m\} \text{ lin. indep.} &\Leftrightarrow \text{todas as colunas de } A' \text{ têm pivot} \\ &\Leftrightarrow \text{não há linhas nulas em } A' \\ &\Leftrightarrow \langle v_1, \dots, v_m \rangle = \mathcal{C}(A) = \mathbb{R}^m. \end{aligned}$$

Logo por definição de base provámos o seguinte resultado.

### Teorema (Critério para definir base do subespaço maximal $\mathbb{R}^m$ )

Sejam  $v_1, \dots, v_m \in \mathbb{R}^m$ . As seguintes afirmações são equivalentes:

- ▶  $\{v_1, \dots, v_m\}$  é base de  $\mathbb{R}^m$ .
- ▶  $\{v_1, \dots, v_m\}$  é linearmente independente.
- ▶  $\langle v_1, \dots, v_m \rangle = \mathbb{R}^m$ .

## Bases de subespaços maximais - exemplo

Pelo teorema do slide anterior e pelo resultado do slide 110 tem-se o seguinte resultado.

### Corolário

As bases de  $\mathbb{R}^m$  são os conjuntos **linearmente independentes** com  $m$  vetores, ou seja, os **conjuntos lin. indep. de cardinalidade máxima**<sup>(10)</sup>.

### Exemplo na aula

Quais dos seguintes conjuntos são lin. indep. / geram  $\mathbb{R}^3$  / base de  $\mathbb{R}^3$  ?

1.  $\{(1, 0, 0), (2, 5, 0)\}$ . ( Sim / Não / Não )
2.  $\{(1, 0, 0), (2, 5, 0), (3, 5, 0)\}$ . ( Não / Não / Não )
3.  $\{(1, 0, 0), (2, 5, 0), (3, 5, 9)\}$ . ( Sim / Sim / Sim )
4.  $\{(1, 2, 3), (4, 5, 6), (7, 8, 9), (10, 11, 12)\}$ . ( Não / Sim / Não )

<sup>10</sup>E são também os conjuntos de geradores de  $\mathbb{R}^m$  de **cardinalidade mínima**.

# Construção de bases para subespaços vetoriais

Um subespaço vetorial  $V$  pode ser definido de duas formas distintas:

- ▶ Como CS de um sistema de equações lineares homogéneas / *espaço nulo de uma matriz*. Por exemplo,

$$\text{▶ } V = \{(x_1, x_2, x_3) : x_1 - x_2 + 2x_3 = 0, 3x_1 + x_2 + x_3 = 0, 2x_1 + 6x_2 = 0\},$$

$$\text{ou seja, } V = \mathcal{N}(A), \text{ com } A = \begin{bmatrix} 1 & -1 & 2 \\ 3 & 1 & 1 \\ 2 & 6 & 0 \end{bmatrix}.$$

- ▶ Gerado por um conjunto de vetores / *espaço das colunas de uma matriz*. Por exemplo,

$$\text{▶ } V = \langle (1, 1, 0, 1), (1, 2, -1, 0), (1, 0, 1, 2), (2, 1, 1, 3) \rangle,$$

$$\text{ou seja, } V = \mathcal{C}(A), \text{ com } A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & 2 \\ 1 & 2 & 0 & 1 \\ 0 & -1 & 1 & 1 \\ 1 & 0 & 2 & 3 \end{bmatrix}.$$

## Base para o espaço nulo de uma matriz - exercício

### Exercício na aula

Indicar uma base e a dimensão do espaço nulo da matriz

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 2 & 4 \\ 1 & 2 & 0 & 2 \\ -1 & -1 & -1 & -3 \end{bmatrix}.$$

### TPC

Determinar uma base do hiperplano de  $\mathbb{R}^4$ ,

$$V = \{(x_1, x_2, x_3, x_4) : x_1 - 2x_2 + x_3 - 5x_4 = 0\}.$$

# Resolução do exercício do slide anterior

Reduzindo a matriz  $[A | \vec{0}]$  obtém-se (verifique),

$$[A | \vec{0}] = \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 2 & 4 & 0 \\ 1 & 2 & 0 & 2 & 0 \\ -1 & -1 & -1 & -3 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 2 & 4 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 \end{array} \right]$$
$$\rightsquigarrow \begin{cases} x_1 + 2x_3 + 4x_4 = 0 \\ x_2 - x_3 - x_4 = 0 \\ 0 = 0 \end{cases}$$

Tem-se que  $\mathcal{N}(A) \neq \{\vec{0}\}$  uma vez que existem variáveis livres ( $x_3$  e  $x_4$ ), obtendo-se,

$$\begin{aligned} \mathcal{N}(A) &= \{(x_1, x_2, x_3, x_4) : x_1 = -2x_3 - 4x_4, x_2 = x_3 + x_4, x_3, x_4 \in \mathbb{R}\} \\ &= \{(-2x_3 - 4x_4, x_3 + x_4, x_3, x_4) : x_3, x_4 \in \mathbb{R}\} \\ &= \{(-2x_3, x_3, x_3, 0) + (-4x_4, x_4, 0, x_4) : x_3, x_4 \in \mathbb{R}\} \\ &= \{x_3(-2, 1, 1, 0) + x_4(-4, 1, 0, 1) : x_3, x_4 \in \mathbb{R}\} \\ &\quad \text{todas as somas de múltiplos de } (-2, 1, 1, 0) \text{ e } (-4, 1, 0, 1) \\ &= \langle (-2, 1, 1, 0), (-4, 1, 0, 1) \rangle = \langle v_1, v_2 \rangle \end{aligned}$$

Logo  $\mathcal{N}(A) = \langle v_1, v_2 \rangle$ . Como  $v_1$  e  $v_2$  não são múltiplos entre si,  $\{v_1, v_2\}$  é **lin. indep.** Logo por definição  $\{v_1, v_2\}$  é base de  $\mathcal{N}(A)$  e  **$\dim \mathcal{N}(A) = n^\circ$  de vetores da base = 2.**

## Observações

- ▶ O processo descrito no slide anterior para determinar uma base de  $\mathcal{N}(A)$ , pode ser generalizado para uma matriz  $A$  arbitrária (desde que o sistema  $Ax = \vec{0}$  possua variáveis livres) e **conduz sempre a bases de  $\mathcal{N}(A)$ , não sendo necessário provar que o conjunto é linearmente independente.**
- ▶ O primeiro vetor da base do slide anterior,  $v_1 = (-2, 1, 1, 0)$ , corresponde à solução do sistema  $Ax = \vec{0}$  considerando a variável livre  $x_3 = 1$  e a variável livre  $x_4 = 0$ :

$$(-2x_3 - 4x_4, x_3 + x_4, x_3, x_4) \xrightarrow{\substack{x_3 = 1 \\ x_4 = 0}} (-2, 1, 1, 0) = v_1.$$

Analogamente, o segundo vetor da base,  $v_2 = (-4, 1, 0, 1)$ , corresponde à solução do sistema  $Ax = \vec{0}$  com  $x_3 = 0$  e  $x_4 = 1$ :

$$(-2x_3 - 4x_4, x_3 + x_4, x_3, x_4) \xrightarrow{\substack{x_3 = 0 \\ x_4 = 1}} (-4, 1, 0, 1) = v_2.$$

# Base para o espaço nulo de uma matriz - algoritmo

## Algoritmo

**Input:** Matriz  $A$  do tipo  $m \times n$ .

**Objectivo:** Base para  $\mathcal{N}(A)$ .

- ▶ Resolver o sistema  $Ax = \vec{0}$  aplicando o método de Gauss a  $[A | \vec{0}]$ .  
Seja  $k$  o número de variáveis livres do sistema.
- ▶ Se  $k = 0$ , isto é, se não há variáveis livres então  $\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\}$  e  $\{\}$  é a base de  $\mathcal{N}(A)$ , tendo-se  $\dim \mathcal{N}(A) = 0$ .
- ▶ Se  $k > 0$ , associamos alternadamente a cada variável livre a solução do sistema em que essa variável livre toma o valor 1 (ou qualquer valor não nulo) e as restantes variáveis livres o valor zero.

O conjunto das  $k$  soluções de  $Ax = \vec{0}$  obtidas deste modo constitui uma base para  $\mathcal{N}(A)$ .

Em particular,

$$\dim \mathcal{N}(A) = n^{\circ} \text{ de variáveis livres} = n - \text{car}(A)$$

# Base para espaço nulo de uma matriz - exercício 2

## Exercício na aula

Indicar uma base e a dimensão do espaço nulo da matriz

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 1 & 2 & 0 \\ -1 & -1 & -1 \end{bmatrix}.$$

**Resolução:** aplicando a fase descendente à matriz  $[A | \vec{0}]$  obtém-se,

$$[A | \vec{0}] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 1 & 2 & 0 & 0 \\ -1 & -1 & -1 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & -1 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & -2 & 0 \end{array} \right] = [A' | \vec{0}].$$

Neste caso não há colunas sem pivot em  $A'$ , isto é, não há variáveis livres. Logo  $Ax = \vec{0}$  é determinado e portanto  $\mathcal{N}(A) = \{\vec{0}\}$ .

Logo  $\{\}$  é a base de  $\mathcal{N}(A)$ , tendo-se  $\dim \mathcal{N}(A) = 0$ .

## Base para o espaço de colunas - exercício

Vamos agora ver como se podem determinar bases para o espaço de colunas de uma matriz.

### Exercício na aula

Indicar uma base e a dimensão para o espaço nulo das colunas da matriz

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & 2 & 4 \\ 1 & 2 & 0 & 2 \\ -1 & -2 & -1 & -3 \end{bmatrix} = [v_1 \ v_2 \ v_3 \ v_4].$$

**Resolução:** vamos começar por determinar  $\mathcal{C}(A)$ . Aplicando a fase descendente do método de Gauss a  $[A | b] = [v_1 \ v_2 \ v_3 \ v_4 | b]$  vem,

$$\left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 2 & 2 & 4 & b_1 \\ 1 & 2 & 0 & 2 & b_2 \\ -1 & -2 & -1 & -3 & b_3 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 2 & 4 & b_1 \\ 0 & 0 & 1 & 1 & b_1 + b_3 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & b_1 + b_2 + 2b_3 \end{array} \right].$$

Logo para o sistema  $Ax = b$  ser possível,  $b_1 + b_2 + 2b_3 = 0$  e portanto

$$\mathcal{C}(A) = \langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle = \{b = (b_1, b_2, b_3) : b_1 + b_2 + 2b_3 = 0\}.$$

## Base para o espaço de colunas - exercício (concl.)

### Observação

- ▶ A sequência efetuada de operações elementares do método de Gauss apenas depende das colunas que estão associadas às colunas com pivot na matriz em escada.
- ▶ As colunas sem pivot em  $A'$  não têm influência na discussão do sistema em escada  $[A' | b']$ .

De facto, aplicando a fase descendente apenas aos vetores que estão associados às colunas com pivot em  $A'$ , vem (confirme),

$$[v_1 \ v_3 | b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 2 & b_1 \\ 1 & 0 & b_2 \\ -1 & -1 & b_3 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 2 & b_1 \\ 0 & 1 & b_1 + b_3 \\ 0 & 0 & b_1 + b_2 + 2b_3 \end{array} \right],$$

e portanto,

$$\langle v_1, v_3 \rangle = \{b = (b_1, b_2, b_3) : b_1 + b_2 + 2b_3 = 0\} = \mathcal{C}(A) = \langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle.$$

Logo os vetores associados às colunas sem pivot em  $A'$ ,  $v_2$  e  $v_4$ , são **redundantes**. Como  $\langle v_1, v_3 \rangle = \mathcal{C}(A)$  e  $\{v_1, v_3\}$  é l.i. (porque estão associados às colunas com pivot em  $A'$ ),  $\{v_1, v_3\}$  é uma **base** de  $\mathcal{C}(A)$  (contida no conjunto inicial de geradores). Em particular,  **$\dim \mathcal{C}(A) = n^\circ$  pivots em  $A' = 2$** .

- ▶ Mais geralmente, pode-se mostrar que dados  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  e  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n] \rightarrow A'$  (escada), com  $\text{car}(A) = k$ , se tem,

$$\mathcal{C}(A) = \langle v_1, v_2, \dots, v_n \rangle = \langle v_{i_1}, v_{i_2}, \dots, v_{i_k} \rangle,$$

onde  $v_{i_1}, v_{i_2}, \dots, v_{i_k}$  são as  $k$  colunas de  $A$  associadas às colunas com pivot em  $A'$ , isto é, que as colunas de  $A$  que estão associadas às colunas sem pivot em  $A'$  **não são necessárias para gerarem**  $\mathcal{C}(A)$  (são vetores **redundantes**).

- ▶ Por outro lado,  $\{v_{i_1}, v_{i_2}, \dots, v_{i_k}\}$  é **linearmente independente**, pois é constituído por vetores que estão associados a colunas com pivot na matriz em escada  $A'$ .
- ▶ Das considerações anteriores e da definição de base do slide 114 deduz-se o algoritmo do próximo slide.

## Base para o espaço das colunas/espço gerado - algoritmo

### Algoritmo

**Input:**  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$  com  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$ .

**Objectivo:** Base para  $\mathcal{C}(A) = \langle v_1, \dots, v_n \rangle$ .

- ▶ Aplicar a fase descendente do método de Gauss à matriz  $A$ :  
 $A \rightarrow \dots \rightarrow A'$  com  $A'$  escada.
- ▶ O subconjunto das **colunas de  $A$**  que correspondem às colunas **com pivot em  $A'$**  constitui uma base de  $\mathcal{C}(A) = \langle v_1, \dots, v_n \rangle$ , **contida no conjunto inicial de geradores  $v_1, \dots, v_n$** .

Em particular, tem-se

$$\dim \langle v_1, \dots, v_n \rangle = \dim \mathcal{C}(A) = \text{número de pivots em } A' = \text{car}(A).$$

**Obs:** a característica de uma matriz  $A$  é muitas vezes definida como  $\dim \mathcal{C}(A)$ .

## Exercício do slide 125 revisitado

- ▶ Aplicando o algoritmo do slide anterior à matriz  $A = [v_1 \ v_2 \ v_3 \ v_4]$  do exercício do slide 125 (não é necessário ampliar com o vetor genérico  $b$ ) vem,

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & 2 & 4 \\ 1 & 2 & 0 & 2 \\ -1 & -2 & -1 & -3 \end{bmatrix} \rightarrow \dots \rightarrow \begin{bmatrix} 1 & 0 & 2 & 4 \\ 0 & 0 & 1 & 1 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \end{bmatrix} = A',$$

donde se deduz que  $\{v_1, v_3\} = \{(1, 1, -1), (2, 0, -1)\}$  é uma base de  $\mathcal{C}(A) = \langle v_1, v_2, v_3, v_4 \rangle$ , pois são as **colunas de  $A$**  que estão associadas às colunas com **pivot em  $A'$** , tendo-se  $\dim \mathcal{C}(A) = \text{car}(A) = 2$ . Note-se que a base anterior está contida no conjunto inicial de geradores  $v_1, v_2, v_3, v_4$ .

- ▶ Alternativamente, viu-se que  $\mathcal{C}(A) = \{(b_1, b_2, b_3) : b_1 + b_2 + 2b_3 = 0\}$  e portanto  $\mathcal{C}(A)$  é o CS da equação definidora  $b_1 + b_2 + 2b_3 = 0$ .

Logo pode-se escrever  $\mathcal{C}(A) = \mathcal{N}(B)$ , onde  $B = [1 \ 1 \ 2]$  é matriz do sistema homogéneo cuja a única equação é  $b_1 + b_2 + 2b_3 = 0$ .

Aplicando o algoritmo da base para o espaço nulo do slide 123 à matriz  $B$  deduz-se a nova base de  $\mathcal{C}(A)$ ,  $\{(-1, 1, 0), (-2, 0, 1)\}$  (verifique), que já não está contida no conjunto inicial de geradores  $v_1, v_2, v_3, v_4$ .

## Relação entre as dimensões de $\mathcal{N}(A)$ e de $\mathcal{C}(A)$

- ▶ Seja  $A$  matriz do tipo  $m \times n$  e  $A'$  matriz em escada obtida a partir de  $A$ . Pelos resultados do slides 123 e 128 tem-se:
  - ▶  $\dim \mathcal{N}(A) = n - \text{car}(A)$  (**nº de colunas sem pivot em  $A'$** ).
  - ▶  $\dim \mathcal{C}(A) = \text{car}(A)$  (**nº de colunas com pivot em  $A'$** ).
- ▶ Daqui resulta imediatamente a seguinte resultado que estabelece uma **relação importante entre as dimensões dos dois subespaços fundamentais associados à matriz  $A$** .

### Teorema

Se  $A$  é uma matriz do tipo  $m \times n$  tem-se

$$\dim \mathcal{N}(A) + \dim \mathcal{C}(A) = \text{número de colunas de } A = n.$$

# Subespaço vetorial e dimensão

- ▶ O conhecimento da **dimensão de um subespaço vetorial** permite **conhecer o tipo de conjunto** que esse subespaço vetorial define
- ▶ Para os subespaços vetoriais do plano ( $\mathbb{R}^2$ ) e do espaço ( $\mathbb{R}^3$ ), tem-se o seguinte.

	dimensão do subespaço	tipo de subespaço vetorial
$\mathbb{R}^2$	0	$\{\vec{0}\}$
	1	reta que passa na origem
	2	$\mathbb{R}^2$
$\mathbb{R}^3$	0	$\{\vec{0}\}$
	1	reta que passa na origem
	2	plano que passa na origem
	3	$\mathbb{R}^3$

Têm-se ainda as seguintes caracterizações dos subespaços **minimal** e **maximal** de  $\mathbb{R}^m$  com  $m$  arbitrário, em função das suas dimensões:

- ▶  $V = \{\vec{0}\} \Leftrightarrow \dim V = 0.$
- ▶  $V = \mathbb{R}^m \Leftrightarrow \dim V = m.$

## Vetor pertence ao espaço nulo / espaço das colunas de uma matriz

### Recordatória

Sejam  $A_{m \times n}$ ,  $u \in \mathbb{R}^n$  e  $b \in \mathbb{R}^m$ . Então:

- ▶  $u \in \mathcal{N}(A) \Leftrightarrow Au = \vec{0}.$
- ▶  $b \in \mathcal{C}(A) \Leftrightarrow [A | b]$  é possível.

### Exemplo

Seja  $A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & -1 \\ 2 & 1 & 1 & 3 \end{bmatrix}_{3 \times 4}.$

- ▶ Vejamos que  $u = (-2, 1, 0, 1) \in \mathcal{N}(A)$ . De facto,

$$Au = \begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & -1 \\ 2 & 1 & 1 & 3 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} -2 \\ 1 \\ 0 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0 \\ 0 \\ 0 \end{bmatrix} = \vec{0}.$$

- ▶ Vejamos que  $b = (1, -1, 5) \in \mathcal{C}(A)$ . De facto,

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 2 & -1 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & -1 & -1 & -1 \\ 2 & 1 & 1 & 3 & 5 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 2 & -1 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & -1 & -1 & -1 \\ 0 & 0 & 0 & 0 & 0 \end{array} \right] = [A'|b']$$

é possível.

## Critério para definir base de um subespaço vetorial

- ▶ Vimos anteriormente que as bases de  $\mathbb{R}^m$  (cuja dimensão é  $m$ ) são os conjuntos linearmente independentes formados por  $m$  vetores de  $\mathbb{R}^m$  (conjuntos l.i. de vetores de  $\mathbb{R}^m$  de cardinalidade máxima)
- ▶ Temos uma caracterização análoga para qualquer subespaço vetorial  $V$  cuja dimensão se conhece!

### Teorema

As bases de um subespaço vetorial  $V$  de dimensão  $k > 0$  são os conjuntos linearmente independentes formados por  $k$  vetores de  $V$ .

(Isto é, conjuntos l.i. de vetores de  $V$  de cardinalidade máxima).  
Nos exercícios podemos aplicar o teorema anterior com a seguinte formulação.

### Teorema (Critério para definir base de $V$ )

Sejam  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e  $v_1, \dots, v_k \in \mathbb{R}^m$ . Tem-se que  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é base de  $V$  se e só se verificar as seguintes 3 condições:

- ▶  $v_1, \dots, v_k \in V$ .
- ▶  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é linearmente independente.
- ▶  $\dim V = k$  (nº de vetores do conjunto).

## Critério para definir base de um subespaço vetorial - exercício

### Exercício na aula

Considere  $v_1 = (-2, 1, 0, 1)$ ,  $v_2 = (-1, 0, -1, 1)$  e a matriz do exemplo do slide 132,

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & -1 \\ 2 & 1 & 1 & 3 \end{bmatrix}_{3 \times 4}.$$

Mostre que  $\{v_1, v_2\}$  é base de  $\mathcal{N}(A)$ .

Pelo critério do slide 133 basta verificar as seguintes condições:

- ▶  $v_1, v_2 \in \mathcal{N}(A)$ . De facto, tem-se  $Av_1 = \vec{0}$  e  $Av_2 = \vec{0}$  (confirme).
- ▶  $\{v_1, v_2\}$  é linearmente independente. De facto,  $v_1$  e  $v_2$  são não colineares.
- ▶  $\dim \mathcal{N}(A) = 2$  (nº de vetores do conjunto). De facto, a matriz em escada  $A'$  obtida a partir de  $A$  tem 2 colunas sem pivot (confirme).

Logo  $\{v_1, v_2\}$  é base de  $\mathcal{N}(A)$ .

# Componentes de um vetor numa base de um subespaço

## Teorema (Representação única na base de um subespaço)

Seja  $V$  um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e  $\mathfrak{B} = \{v_1, \dots, v_k\}$  uma base de  $V$ . Para todo o  $b \in V$  existem escalares **únicos**,  $\alpha_1, \dots, \alpha_k \in \mathbb{R}$  tais que

$$b = \alpha_1 v_1 + \dots + \alpha_k v_k. \quad (2)$$

Os escalares  $\alpha_1, \dots, \alpha_k$  designam-se por **componentes de  $b$  na base  $\mathfrak{B}$** .

## Observação

O vetor  $u = (\alpha_1, \dots, \alpha_k)$  das componentes de  $b$  que verificam a relação (2) relativamente à base  $\mathfrak{B}$  de  $V$  (assumindo esta base ordenada), é a **solução única** do sistema **PD**  $Ax = b$ , com  $A = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_k]$ , isto é, verifica  $Au = b$ , e pode ser **obtido reduzindo a matriz**  $[v_1 \ v_2 \ \dots \ v_k \ | \ b]$ .

De facto, por definição de base (slide 114) e pelo critério do slide 108,  
ii)  $b \in V = \langle v_1, \dots, v_k \rangle = \mathcal{C}(A)$  e portanto o sistema  $Ax = b$  é **possível**;  
i)  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é l.i. logo  $\text{car}(A) = k$  e portanto  $Ax = b$  é **determinado**.

# Componentes de um vetor numa base de um subespaço - exemplos

## Exemplos

- ▶ O vetor das componentes de  $b = (1, 4, 2)$  relativamente à base canónica de  $\mathbb{R}^3$ ,  $\{e_1, e_2, e_3\}$ , é o próprio vetor  $(1, 4, 2)$  pois,

$$(1, 4, 2) = 1(1, 0, 0) + 4(0, 1, 0) + 2(0, 0, 1) = 1e_1 + 4e_2 + 2e_3.$$

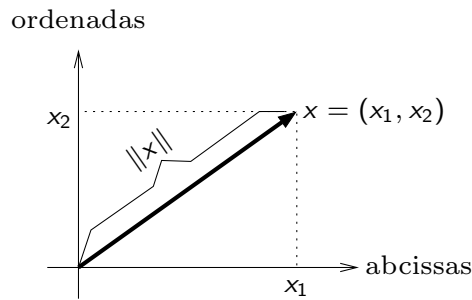
- ▶ O vetor das componentes de  $b = (1, 4, 2)$  relativamente à base de  $\mathbb{R}^3$ ,  $\{v_1, v_2, v_3\} = \{(1, 0, 0), (1, 1, 0), (1, 1, 1)\}$ , é  $(-3, 2, 2)$  pois,

$$(1, 4, 2) = -3(1, 0, 0) + 2(1, 1, 0) + 2(1, 1, 1) = -3v_1 + 2v_2 + 2v_3.$$

O vetor  $(-3, 2, 2)$  corresponde à solução (única) de  $Ax = b$  com  $A = [v_1 \ v_2 \ v_3]$ , e é calculado reduzindo a matriz  $[v_1 \ v_2 \ v_3 \ | \ b]$ .

**TPC:** determine as componentes do vetor genérico  $b = (b_1, b_2, b_3)$  na base canónica (ver o slide 115) e na base  $\{v_1, v_2, v_3\}$  anterior.

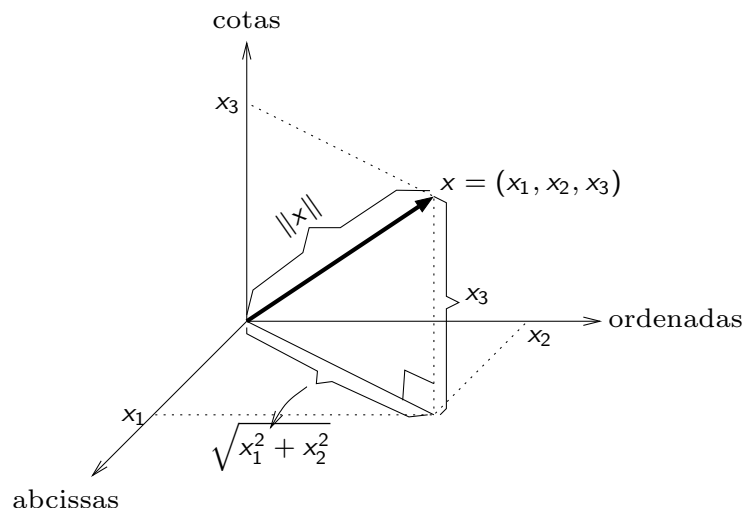
# Recordatória: norma (comprimento) de um vetor do plano



$\|x\|$  representa a **norma** ou **comprimento** do vetor  $x$ , ou seja, a distância do vetor à origem. Pelo teorema de Pitágoras obtém-se,

$$\|x\| = \|(x_1, x_2)\| = \sqrt{x_1^2 + x_2^2} = \sqrt{(x_1, x_2) \cdot (x_1, x_2)} = \sqrt{x \cdot x} = \sqrt{x^T x}$$

# Norma de um vetor do espaço



Analogamente, tem-se pelo teorema de Pitágoras,

$$\|x\| = \|(x_1, x_2, x_3)\| = \sqrt{\left(\sqrt{x_1^2 + x_2^2}\right)^2 + x_3^2} = \sqrt{x_1^2 + x_2^2 + x_3^2} = \sqrt{x \cdot x}$$

# Norma de um vetor de $\mathbb{R}^n$

## Definição de norma (caso geral)

Dado  $x = (x_1, x_2, \dots, x_n) \in \mathbb{R}^n$  define-se a sua **norma** (comprimento) por,

$$\|x\| = \sqrt{x^T x} = \sqrt{x \cdot x} = \sqrt{x_1^2 + x_2^2 + \dots + x_n^2}$$

Ex.:  $\|(4, 2, -1, 2)\| = \sqrt{(4, 2, -1, 2) \cdot (4, 2, -1, 2)} = \sqrt{4^2 + 2^2 + (-1)^2 + 2^2} = 5$ .

## Propriedades da norma

Para qualquer  $x \in \mathbb{R}^n$  e  $\lambda \in \mathbb{R}$  tem-se

1.  $\|x\| \geq 0$ .
2.  $\|x\| = 0$  se e só se  $x = \vec{0}$ .
3.  $\|\lambda x\| = |\lambda| \|x\|$ .
4.  $\|x\|^2 = x \cdot x = x^T x$ .

**Dem** (do ponto 3):  $\|\lambda x\| = \sqrt{(\lambda x)^T \lambda x} = \sqrt{\lambda x^T \lambda x} = \sqrt{\lambda^2 x^T x} = |\lambda| \|x\|$ .

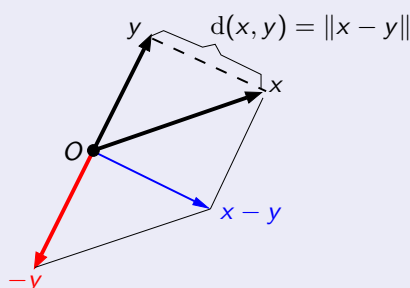
# Distância (euclideana) entre vetores de $\mathbb{R}^n$

A partir da norma define-se a **distância (euclideana)** entre vetores de  $\mathbb{R}^n$ .

## Definição de distância euclideana

Dados  $x, y \in \mathbb{R}^n$ ,  $x = (x_1, \dots, x_n)$  e  $y = (y_1, \dots, y_n)$ , define-se a **distância** entre  $x$  e  $y$  por,

$$d(x, y) = \|x - y\| = \sqrt{(x_1 - y_1)^2 + (x_2 - y_2)^2 + \dots + (x_n - y_n)^2}$$



Por exemplo,

$$\begin{aligned} d((1, 3, 2, 1), (1, 4, 3, -1)) &= \|(1, 3, 2, 1) - (1, 4, 3, -1)\| \\ &= \|(0, -1, -1, 2)\| = \sqrt{6}. \end{aligned}$$

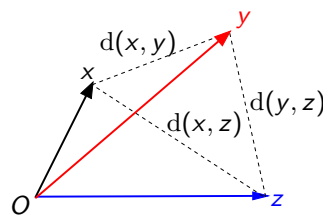
# Propriedades da distância

## Propriedades da distância

Dados  $x, y, z \in \mathbb{R}^n$ , tem-se

1.  $d(x, y) \geq 0$ .
2.  $d(x, y) = 0 \Leftrightarrow x = y$ .
3.  $d(x, y) = d(y, x)$ .
4.  $d(x, z) \leq d(x, y) + d(y, z)$ .

A propriedade 4. designa-se por **desigualdade triangular** e significa que o comprimento do lado de qualquer triângulo é inferior ou igual à soma dos comprimentos dos outros dois lados.



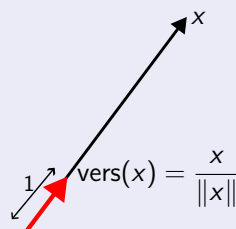
A 3 primeiras propriedades significam que  $d(x, y)$  define uma **dissemelhança**. Uma distância é uma dissemelhança que verifica ainda a propriedade triangular.

# Vetor unitário e versor

## Definições de vetor unitário e versor

- ▶  $x \in \mathbb{R}^n$  diz-se **unitário** se  $\|x\| = 1$ , isto é, se  $x \cdot x = \|x\|^2 = 1$
- ▶ A cada vetor  $x \in \mathbb{R}^n$ ,  $x \neq \vec{0}$ , associamos o **único** vetor unitário com a mesma direção e sentido que  $x$ , designado **versor** de  $x$ ,

$$\text{vers}(x) = \frac{x}{\|x\|}.$$



Por exemplo,  $\text{vers}(3, 4) = \frac{(3, 4)}{\|(3, 4)\|} = \frac{(3, 4)}{5} = \left(\frac{3}{5}, \frac{4}{5}\right)$ .

Note-se que  $\|\text{vers}(3, 4)\| = \left\| \left(\frac{3}{5}, \frac{4}{5}\right) \right\| = \sqrt{\frac{9}{25} + \frac{16}{25}} = 1$ .

# Ortogonalidade entre vetores

## Vetores ortogonais

Dois vetores  $u, v \in \mathbb{R}^m$  dizem-se **ortogonais** ( $u \perp v$ ) se  $u \cdot v = 0$ , ou equivalentemente, usando a notação matricial,  $u^T v = 0$ .

Por exemplo, os vetores  $u = (-4, 1, 2, 1) = \begin{bmatrix} -4 \\ 1 \\ 2 \\ 1 \end{bmatrix}$  e

$v = (1, 1, 1, 1) = \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \\ 1 \\ 1 \end{bmatrix}$  são **ortogonais** pois

$$u \cdot v = u^T v = [-4 \ 1 \ 2 \ 1] \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \\ 1 \\ 1 \end{bmatrix} = -4 + 1 + 2 + 1 = 0.$$

# Ortogonalidade entre um vetor e um subespaço vetorial

Consideremos o **plano de  $\mathbb{R}^3$**  que passa na origem,

$$V = \{(x_1, x_2, x_3) : x_1 + 2x_2 + 3x_3 = 0\}.$$

Podemos escrever,

$$V = \{(x_1, x_2, x_3) : (x_1, x_2, x_3) \cdot (1, 2, 3) = 0\},$$

o que significa que o **vetor normal ao plano  $V$ ,  $(1, 2, 3)$ , é perpendicular a todos os vetores de  $V$** . Diz-se então que  $(1, 2, 3)$  é **ortogonal** ao subespaço  $V$ , que se denota por  **$(1, 2, 3) \perp V$** .

Mais geralmente tem-se a seguinte definição.

## Vetor ortogonal a um subespaço vetorial

Sejam  $u \in \mathbb{R}^m$  e  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ . Diz-se que é  **$u$  ortogonal a  $V$**  e denota-se  **$u \perp V$**  se  **$u$  for ortogonal a todos os vetores de  $V$**  isto é, se  $u^T v = 0$  para qualquer  $v \in V$ .

# Vetor ortogonal a um subespaço dado por geradores

O seguinte resultado mostra que para verificarmos que um vetor é ortogonal a um subespaço vetorial **basta mostrar que é ortogonal a um conjunto de geradores desse subespaço.**

## Teorema (resultado-chave)

Sejam  $u \in \mathbb{R}^m$  e  $V = \langle v_1, \dots, v_n \rangle$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ .  
Tem-se,

$$u \perp V \Leftrightarrow \begin{cases} u \perp v_1, \\ \vdots \\ u \perp v_n. \end{cases}$$

## Exercício na aula

### Exercício

Sejam  $v_1 = (1, 2, -1)$ ,  $v_2 = (2, 0, 2)$ ,  $V = \langle v_1, v_2 \rangle$  e  $b = (1, -1, -1)$ .  
Prove que  $b \perp V$ .

**Resolução:** tem-se:

$$\blacktriangleright b \perp v_1 \text{ pois } v_1 \cdot b = v_1^T b = [1 \ 2 \ -1] \begin{bmatrix} 1 \\ -1 \\ -1 \end{bmatrix} = 0.$$

$$\blacktriangleright b \perp v_2 \text{ pois } v_2 \cdot b = v_2^T b = [2 \ 0 \ 2] \begin{bmatrix} 1 \\ -1 \\ -1 \end{bmatrix} = 0.$$

Como  $b \perp v_1$  e  $b \perp v_2$ , conclui-se pelo teorema do slide 145 que  $b \perp V = \langle v_1, v_2 \rangle$ .

## Definição de complemento ortogonal

Seja  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ . Chama-se **complemento ortogonal** de  $V$  e denota-se por  $V^\perp$ , ao conjunto de todos os vetores de  $\mathbb{R}^m$  que são ortogonais a  $V$ , isto é,

$$V^\perp = \{x \in \mathbb{R}^m : x \perp V\}.$$

- ▶ Note-se que por definição de complemento ortogonal, tem-se

$$u \perp V \Leftrightarrow u \in V^\perp.$$

- ▶ Vejamos como determinar o complemento ortogonal num exemplo, que nos irá sugerir também um método geral para calcular complementos ortogonais de subespaços vetoriais arbitrários.

## Exemplo

Consideremos novamente os vetores  $v_1 = (1, 2, -1)$ ,  $v_2 = (2, 0, 2)$  e seja  $A = [v_1 \ v_2]$ . Vamos determinar  $\mathcal{C}(A)^\perp = \{x \in \mathbb{R}^3 : x \perp \mathcal{C}(A)\}$ .

Dado  $x = (x_1, x_2, x_3) \in \mathbb{R}^3$  tem-se:

$$\begin{aligned} x \perp \mathcal{C}(A) = \langle v_1, v_2 \rangle &\Leftrightarrow \begin{cases} v_1 \perp x \\ v_2 \perp x \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} v_1^T x = 0 \\ v_2^T x = 0 \end{cases} \\ &\Leftrightarrow \begin{cases} \begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} = 0 \\ \begin{bmatrix} 2 & 0 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} = 0 \end{cases} \\ &\Leftrightarrow \begin{bmatrix} 1 & 2 & -1 \\ 2 & 0 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_2 \\ x_3 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0 \\ 0 \end{bmatrix} \Leftrightarrow A^T x = \vec{0}. \end{aligned}$$

Logo,  $\mathcal{C}(A)^\perp = \{x \in \mathbb{R}^3 : A^T x = \vec{0}\} = \mathcal{N}(A^T) = \dots = \langle (-1, 1, 1) \rangle$  (verifique).

# Uma relação fundamental

A relação estabelecida no slide 148 pode ser generalizada para o espaço das colunas de uma matriz arbitrária  $A$ . Mais precisamente tem-se o seguinte.

## Complemento ortogonal do espaço de colunas / espaço gerado

Sejam  $v_1, \dots, v_n \in \mathbb{R}^m$  e  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$ . Tem-se:

$$\mathcal{C}(A)^\perp = \langle v_1, \dots, v_n \rangle^\perp = \mathcal{N}(A^T).$$

- ▶ Em geral, se  $V$  é subespaço vetorial  $\mathbb{R}^m$  de dimensão  $k > 0$  e  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é uma base de  $V$ , podemos escrever  $V = \mathcal{C}(A)$ , onde  $A_{m \times k} = [v_1 \ \dots \ v_k]$  é a matriz da base.
- ▶ Logo  $V^\perp = \mathcal{C}(A)^\perp = \mathcal{N}(A^T)$  é também um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e tem-se atendendo a que o número de colunas de  $A^T$  é  $m$ ,

$$\dim V^\perp = \dim \mathcal{N}(A^T) = m - \text{car}(A^T) = m - \text{car}(A) = m - \dim V.$$

Estas e outras propriedades são enunciadas no próximo slide.

# Propriedades do complemento ortogonal

## Teorema

Seja  $V$  um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ . Então  $V^\perp$  é também subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e tem-se:

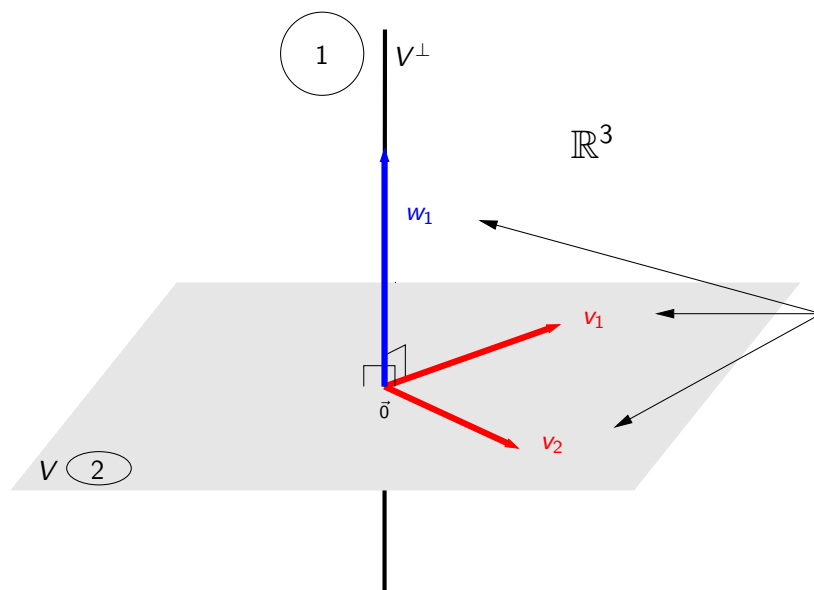
- ▶  $V \cap V^\perp = \{\vec{0}\}$ .
- ▶  $(V^\perp)^\perp = V$ .
- ▶  $\dim V + \dim V^\perp = \dim \mathbb{R}^m = m$ .
- ▶ Se  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é base de  $V$  e  $\{w_1, \dots, w_{m-n}\}$  é base de  $V^\perp$ , então

$$\underbrace{\{v_1, \dots, v_n\}}_{\text{base de } V}, \underbrace{\{w_1, \dots, w_{m-n}\}}_{\text{base de } V^\perp},$$

é base de  $\mathbb{R}^m$ .

A relação  $V \cap V^\perp = \{\vec{0}\}$  significa que o **vetor nulo é o único vetor que é ortogonal a si próprio**. A relação  $(V^\perp)^\perp = V$  significa que se  $W = V^\perp$  então  $W^\perp = V$ .

# Ilustração das propriedades do complemento ortogonal quando $V$ é um plano de $\mathbb{R}^3$ ( $m = 3$ e $n = \dim V = 2$ )



Neste exemplo:  
 base de  $\mathbb{R}^3$ :  $\{v_1, v_2, w_1\}$   
 $\dim \mathbb{R}^3 = 3$   
 $\dim V = 2$  ( $V$  plano)  
 $\dim V^\perp = 3 - 2 = 1$  ( $V^\perp$  reta)

## Subespaços vetoriais e respectivos complementos ortogonais

Quadros-resumo do complemento ortogonal de subespaços vetoriais de  $\mathbb{R}^2$  e  $\mathbb{R}^3$

$V \subset \mathbb{R}^2$	$V^\perp \subset \mathbb{R}^2$	$\dim V + \dim V^\perp$
$\{\vec{0}\}$	$\mathbb{R}^2$	$0+2$
reta que passa na origem	reta perpendicular que passa na origem	$1+1$
$\mathbb{R}^2$	$\{\vec{0}\}$	$2+0$
$V \subset \mathbb{R}^3$	$V^\perp \subset \mathbb{R}^3$	$\dim V + \dim V^\perp$
$\{\vec{0}\}$	$\mathbb{R}^3$	$0+3$
reta que passa na origem	plano perpendicular que passa na origem	$1+2$
plano que passa na origem	reta perpendicular que passa na origem	$2+1$
$\mathbb{R}^3$	$\{\vec{0}\}$	$3+0$

Para qualquer  $m \geq 2$  têm-se ainda as relações:

- ▶  $(\mathbb{R}^m)^\perp = \{\vec{0}\}$ , isto é, **subespaço maximal<sup>⊥</sup> = subespaço minimal**.
- ▶  $\{\vec{0}\}^\perp = \mathbb{R}^m$ , isto é, **subespaço minimal<sup>⊥</sup> = subespaço maximal**.

- ▶ Se  $A$  é uma matriz do tipo  $m \times n$  tem-se pelo slide 149 aplicado a  $A^T$  que  $\mathcal{C}(A^T)^\perp = \mathcal{N}((A^T)^T) = \mathcal{N}(A)$ .
- ▶ Aplicando a 2ª propriedade do complemento ortogonal do slide 150 à relação  $\mathcal{N}(A) = \mathcal{C}(A^T)^\perp$  do ponto anterior tem-se,

$$\mathcal{N}(A)^\perp = (\mathcal{C}(A^T)^\perp)^\perp = \mathcal{C}(A^T).$$

Obtivemos a 2ª relação fundamental sobre o complemento ortogonal de um subespaço vetorial associado a uma matriz.

### Complemento ortogonal do espaço nulo

$$\mathcal{N}(A)^\perp = \mathcal{C}(A^T).$$

## Exercício

### Exercício na aula

Considere  $V = \{(x_1, x_2, x_3) : x_1 + 2x_2 + 3x_3 = 0\}$  que define um plano de  $\mathbb{R}^3$  com vetor normal  $(1, 2, 3)$ . Determine  $V^\perp$ .

**Resolução:** tem-se  $V = \mathcal{N}([1 \ 2 \ 3])$  e portanto pela relação do slide anterior vem,

$$V^\perp = \mathcal{N}([1 \ 2 \ 3])^\perp = \mathcal{C}\left(\begin{bmatrix} 1 \\ 2 \\ 3 \end{bmatrix}\right) = \langle (1, 2, 3) \rangle,$$

isto é, o complemento ortogonal do plano de  $\mathbb{R}^3$  que passa na origem com vetor normal  $(1, 2, 3)$  é a reta perpendicular ao plano que passa na origem com vetor diretor  $(1, 2, 3)$ .

Pelos resultados dos slides 149 e 153 podemos escrever o seguinte.

## Mnemónica

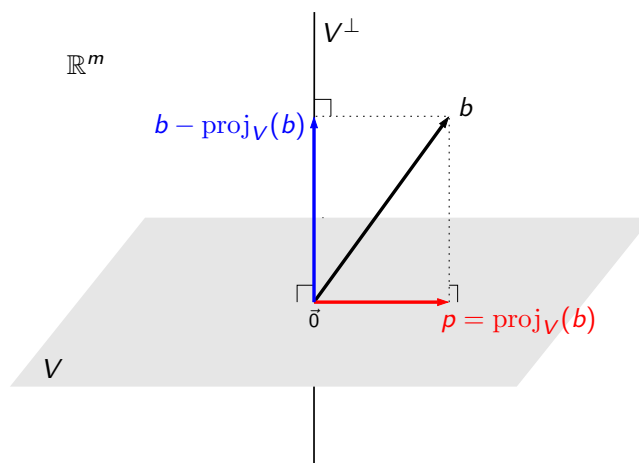
O complemento ortogonal dum subespaço vetorial associado a uma matriz, “troca” o espaço de colunas com o espaço nulo e **transpõe essa matriz**:

$$\begin{aligned} \mathcal{C}(A)^\perp &= \mathcal{N}(A^T) \\ \mathcal{N}(A)^\perp &= \mathcal{C}(A^T) \end{aligned}$$

## Conceito de projeção ortogonal

### Teorema-definição

- ▶ Seja  $V$  um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ . Para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$  existe um e um só  $p \in V$  tal que  $b - p \in V^\perp$ , isto é, tal que  $b - p \perp V$ .
- ▶ O vetor  $p$  é designado por **projeção ortogonal de  $b$  sobre  $V$**  e denota-se por  $\text{proj}_V(b)$ .



# Conceito de projeção ortogonal

A definição anterior significa que o vetor  $p = \text{proj}_V(b)$  é caracterizado por duas propriedades:

- ▶  $p \in V \rightarrow$  projecta  $b$  sobre o subespaço vetorial  $V$ .
- ▶  $(b - p) \perp V \rightarrow$  a direção da projeção é perpendicular a  $V$ .

## Exercício na aula

Sejam  $b = (-1, 1, 3)$ ,  $v_1 = (1, 1, 2)$ ,  $v_2 = (-1, 1, 0)$  e  $V = \langle v_1, v_2 \rangle$ .  
Mostre que  $\text{proj}_V(b) = (0, 2, 2)$ .

**Resolução:** por definição é necessário mostrar que  $p = (0, 2, 2)$  verifica as seguintes 2 condições:

- ▶  $p \in V$ .
- ▶  $(b - p) \perp V$ , isto é,  $(b - p) \in V^\perp$ .

## Resolução do exercício na aula (cont.)

Tem-se:

- ▶  $p = (0, 2, 2) \in V = \langle v_1, v_2 \rangle = \mathcal{C}(A)$ , onde  $A = [v_1 \ v_2]$ , se e só se  $Ax = p$  for possível. Ora,

$$[A | p] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & -1 & 0 \\ 1 & 1 & 2 \\ 2 & 0 & 2 \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & -1 & 0 \\ 0 & 2 & 2 \\ 0 & 2 & 2 \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & -1 & 0 \\ 0 & 2 & 2 \\ 0 & 0 & 0 \end{array} \right].$$

Como o sistema  $Ax = p$  é possível,  $p = (0, 2, 2) \in V$ . ✓

- ▶  $b - p = (-1, 1, 3) - (0, 2, 2) = (-1, -1, 1) \in V^\perp = \mathcal{C}(A)^\perp = \mathcal{N}(A^T)$  se e só se  $A^T(b - p) = \vec{0}$ . De facto,

$$A^T(b - p) = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 2 \\ -1 & 1 & 0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} -1 \\ -1 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 0 \\ 0 \end{bmatrix} = \vec{0}.$$

Logo  $(b - p) \in V^\perp$  ✓ (alternativamente pode-se mostrar que  $b - p$  é ortogonal aos geradores de  $V$ , i.e.,  $(b - p) \cdot v_1 = (b - p) \cdot v_2 = 0$ ).

Uma vez que as duas condições são verificadas,  $p = \text{proj}_V(b)$ .

## Casos triviais: projeção sobre os subespaços maximal e minimal

A projeção ortogonal sobre o **subespaço maximal**  $\mathbb{R}^m$  ou sobre o **subespaço minimal**  $\{\vec{0}\}$  decorre imediatamente por definição:

- ▶  $\text{proj}_{\mathbb{R}^m}(b) = b$  para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$ .

De facto,

- ▶  $p = b \in \mathbb{R}^m$ .
- ▶  $b - p = b - b = \vec{0} \in (\mathbb{R}^m)^\perp = \{\vec{0}\}$ .
- ▶  $\text{proj}_{\{\vec{0}\}}(b) = \vec{0}$  para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$ .

De facto,

- ▶  $p = \vec{0} \in \{\vec{0}\}$ .
- ▶  $b - \vec{0} = b \in \{\vec{0}\}^\perp = \mathbb{R}^m$ .

### Observação

Dado  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e  $b \in \mathbb{R}^m$ , tem-se em geral,

$$\text{proj}_V(b) = b \iff b \in V$$

como decorre facilmente por definição de projeção ortogonal (exercício).

## Caso não trivial mais simples: projeção sobre uma reta

E a projeção ortogonal sobre outros subespaços vetoriais?

- ▶ O caso **não trivial mais simples** corresponde a calcular a projeção ortogonal sobre um **subespaço vetorial de dimensão um**, isto é, sobre uma **reta que passa na origem**.

### Fórmula da projeção ortogonal sobre uma reta

Seja  $V = \langle v \rangle$  com  $v \in \mathbb{R}^m$  e  $v \neq \vec{0}$ . Para qualquer  $b \in \mathbb{R}^m$  tem-se

$$\text{proj}_V(b) = \text{proj}_{\langle v \rangle}(b) = \frac{v^T b}{v^T v} v = \frac{v \cdot b}{v \cdot v} v$$

A demonstração deste resultado será feita no próximo slide.

# Projeção ortogonal sobre uma reta - demonstração

**Demonstração:** Por definição de projeção ortogonal,

- ▶  $p \in V = \langle v \rangle = \mathcal{C}(v)$ . Logo existe  $\alpha \in \mathbb{R}$  tal que  $p = \alpha v$ .
- ▶  $(b - p) \in V^\perp = \mathcal{N}(v^T)$ . Logo  $v^T(b - p) = 0$ .

Têm-se as equivalências,

$$\begin{aligned}v^T(b - p) = 0 &\Leftrightarrow v^T(b - \alpha v) = 0 \Leftrightarrow v^T b - \alpha v^T v = 0 \\ &\Leftrightarrow \alpha v^T v = v^T b \Leftrightarrow \alpha = \frac{v^T b}{v^T v} = \frac{v \cdot b}{v \cdot v}.^{(11)}\end{aligned}$$

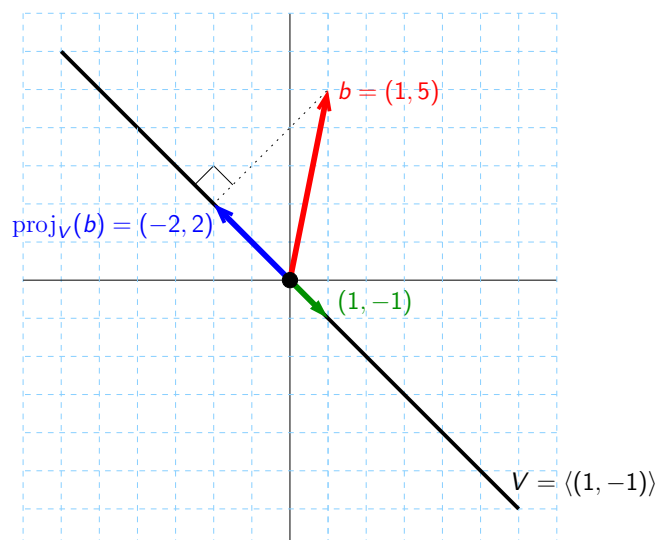
$$\text{Logo } p = \alpha v = \frac{v^T b}{v^T v} v = \frac{v \cdot b}{v \cdot v} v. \quad \square$$

<sup>11</sup>Note-se que  $v \cdot v = \|v\|^2 \neq 0$  pois  $v \neq 0$ .

# Projeção ortogonal sobre uma reta - exemplo

Sejam  $b = (1, 5)$  e  $V = \{(x_1, x_2) : x_1 = -x_2\}$  a bissetriz dos quadrantes pares. Então  $V$  é uma reta que passa na origem com vetor director  $(1, -1)$  (por exemplo), tendo-se  $V = \langle (1, -1) \rangle$ . Logo,

$$\text{proj}_V(b) = \text{proj}_{\langle (1, -1) \rangle}(b) = \frac{(1, -1) \cdot (1, 5)}{(1, -1) \cdot (1, -1)}(1, -1) = (-2, 2).$$



# Projeção ortogonal sobre um vetor

## Fórmula da projeção ortogonal sobre um vetor

Seja  $v \in \mathbb{R}^m$  e  $v \neq \vec{0}$ . Dado  $b \in \mathbb{R}^m$  define-se a **projeção ortogonal de  $b$  sobre o vetor  $v$** , denotada  $\text{proj}_v(b)$ , como sendo a projeção de  $b$  sobre a reta definida por  $v$ , isto é,

$$\text{proj}_v(b) = \text{proj}_{\langle v \rangle}(b) = \frac{v \cdot b}{v \cdot v} v$$

Voltando ao exemplo do slide anterior, tem-se

$$\begin{aligned} \text{proj}_{(-4,4)}(1,5) &= \text{proj}_{\langle (-4,4) \rangle}(1,5) = \frac{(-4,4) \cdot (1,5)}{(-4,4) \cdot (-4,4)} (-4,4) \\ &= \frac{1}{2} (-4,4) = (-2,2). \end{aligned}$$

# Uma decomposição fundamental

## Observação

Se  $p = \text{proj}_V(b)$  tem-se por definição:

- ▶  $p \in V$
- ▶  $b - p \in V^\perp$

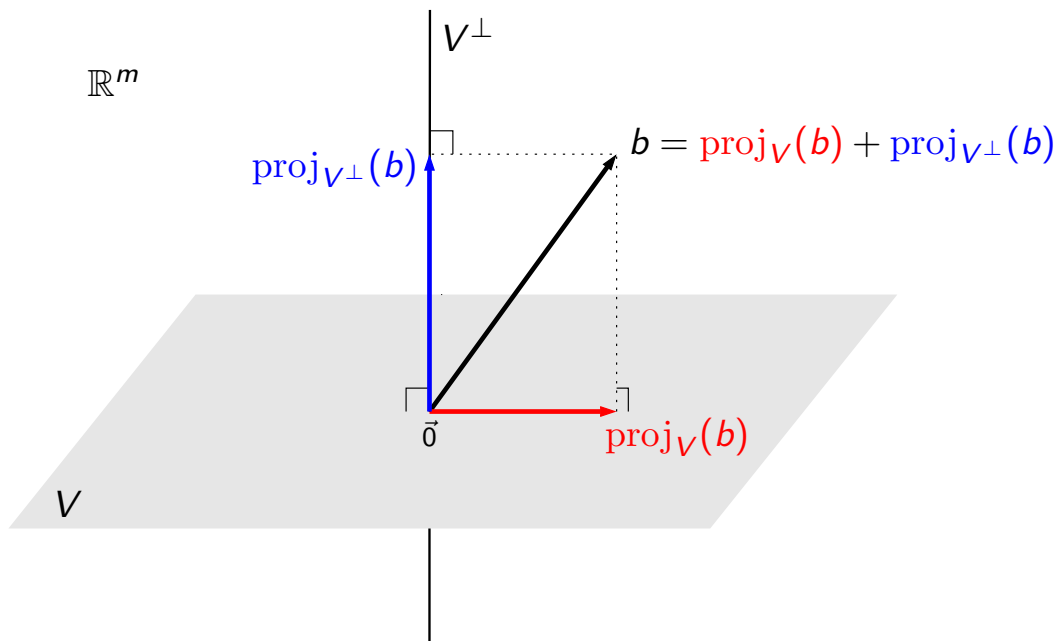
Logo  $b - p = \text{proj}_{V^\perp}(b)$ . De facto,

- ▶  $q = b - p \in V^\perp$
- ▶  $b - q = b - (b - p) = p \in V = (V^\perp)^\perp$

Como  $b = p + (b - p)$  obtivemos a seguinte **decomposição (única) de  $b$  segundo  $V$  e  $V^\perp$** :

$$b = \text{proj}_V(b) + \text{proj}_{V^\perp}(b)$$

$$b = \text{proj}_V(b) + \text{proj}_{V^\perp}(b)$$



## Uma aplicação da decomposição do slide 165

Se  $V$  for um subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  de **dimensão  $m - 1$** , isto é, se  $V^\perp$  tiver **dimensão um**, então  $V^\perp = \langle w \rangle$  com  $w \neq \vec{0}$ , e pode-se aplicar a fórmula da projeção ortogonal sobre uma reta dada no slide 160 ao complemento ortogonal  $V^\perp$  o que, juntamente com a decomposição do slide 165, permite obter a projeção ortogonal de um vetor  $b \in \mathbb{R}^m$  sobre  $V$ :

$$\text{proj}_V(b) = b - \text{proj}_{V^\perp}(b) = b - \frac{w \cdot b}{w \cdot w} w.$$

### Exercício na aula

Considere  $V = \{(x_1, x_2, x_3) : x_1 + 2x_2 + 3x_3 = 0\}$  e  $b = (1, 1, 1)$ . Calcule  $\text{proj}_V(b)$ .

**TPC:** calcule  $\text{proj}_V(b)$  onde  $V = \langle (1, 1, 2), (-1, 1, 0) \rangle$  e  $b = (-1, 1, 3)$  e compare o resultado obtido com o exercício do slide 157.

## Resolução do exercício na aula

Escrevendo  $V = \mathcal{N}(A)$  com  $A = \begin{bmatrix} 1 & 2 & 3 \end{bmatrix}$  conclui-se que  $\dim V = 2$  ( $n^\circ$  de variáveis livres) e  $\dim V^\perp = \dim \mathbb{R}^3 - \dim V = 1$ , obtendo-se pela fórmula do slide 155 (ver também o slide 154),

$$V^\perp = \mathcal{N}(A)^\perp = \mathcal{C}(A^T) = \mathcal{C} \left( \begin{bmatrix} 1 \\ 2 \\ 3 \end{bmatrix} \right) = \langle (1, 2, 3) \rangle.$$

Logo  $V^\perp$  define uma reta com vetor diretor  $(1, 2, 3)$  e tem-se pelo resultado do slide 166,

$$\begin{aligned} \text{proj}_V(b) &= b - \text{proj}_{V^\perp}(b) \\ &= (1, 1, 1) - \text{proj}_{\langle (1, 2, 3) \rangle}((1, 1, 1)) \\ &= (1, 1, 1) - \frac{(1, 2, 3) \cdot (1, 1, 1)}{(1, 2, 3) \cdot (1, 2, 3)}(1, 2, 3) \\ &= (1, 1, 1) - \frac{6}{14}(1, 2, 3) = \frac{1}{7}(4, 1, -2). \end{aligned}$$

## Distância de um vetor a um subespaço vetorial

### Definição de distância de um vetor a um subespaço vetorial

Dados  $b \in \mathbb{R}^m$  e  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  define-se **distância de  $b$  a  $V$** , que se denota-se por  $d(b, V)$ , como sendo a **distância entre  $b$  e o vetor  $p$  de  $V$  que se encontra mais próximo de  $b$** <sup>(12)</sup>, isto é,

$$d(b, V) = d(b, p) = \min_{v \in V} d(b, v).$$

Intuitivamente o **vetor de  $V$  mais próximo de  $b$**  é o vetor de  $V$  que se encontra **na reta que passa em  $b$  e tem direção perpendicular a  $V$** . Mais precisamente, tem-se o resultado do próximo slide.

<sup>12</sup>que se pode mostrar que existe sempre e é único!

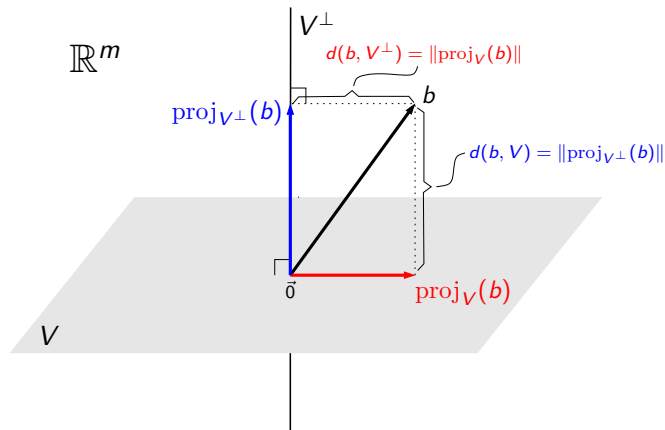
## Teorema

Sejam  $b \in \mathbb{R}^m$  e  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ . O vetor de  $V$  que se encontra mais próximo de  $b$  é  $p = \text{proj}_V(b)$  e tem-se,

$$d(b, V) = d(b, \text{proj}_V(b)) = \|b - \text{proj}_V(b)\| = \|\text{proj}_{V^\perp}(b)\|.$$

Pelo teorema anterior aplicado a  $V^\perp$ , obtém-se ainda a relação,

$$\blacktriangleright d(b, V^\perp) = d(b, \text{proj}_{V^\perp}(b)) = \|b - \text{proj}_{V^\perp}(b)\| = \|\text{proj}_V(b)\|.$$

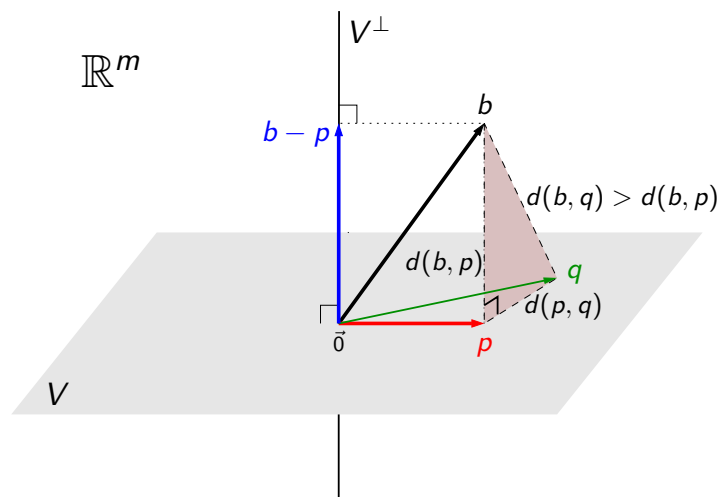


## Demonstração do teorema do slide 169

Podemos supor que  $b \notin V$ . Sejam  $p = \text{proj}_V(b)$  e  $q \in V, q \neq p$ . Tem-se que  $d(b, q)$  corresponde ao comprimento da hipotenusa do triângulo rectângulo assinalado na figura, triângulo esse com catetos de comprimentos  $d(b, p) > 0$  e  $d(q, p) > 0$ . Pelo análogo do teorema de Pitágoras para vetores de  $\mathbb{R}^m$  tem-se,

$$d(b, q)^2 = d(b, p)^2 + d(q, p)^2 > d(b, p)^2.$$

Logo  $d(b, q) > d(b, p)$ , para todo o  $q \in V, q \neq p$ .  $\square$



# Equações normais

Sejam  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ ,  $\{v_1, \dots, v_n\}$  base de  $V$  e  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$  matriz da base. Sejam  $b \in \mathbb{R}^m$  e  $p = \text{proj}_V(b)$ . Por definição tem-se:

- (i)  $p \in V = \mathcal{C}(A)$ . Logo  $Ax = p$  é possível e podemos escrever  $p = A\bar{x}$  com  $\bar{x}$  solução do sistema  $Ax = p$ .
- (ii)  $(b - p) \in V^\perp = \mathcal{C}(A)^\perp = \mathcal{N}(A^T)$ . Logo,  $A^T(b - p) = \vec{0}$ .

Por (i) e (ii) tem-se,

$$\begin{aligned} A^T(b - p) = \vec{0} &\Leftrightarrow A^T(b - A\bar{x}) = \vec{0} \Leftrightarrow A^T b - A^T A\bar{x} = \vec{0} \\ &\Leftrightarrow A^T A\bar{x} = A^T b. \end{aligned}$$

Logo  $\bar{x}$  é também solução do sistema,

$$\boxed{A^T A x = A^T b},$$

que se designa por sistema das **equações normais**. Uma vez que  $A$  é a matriz de uma base com  $n$  vetores,  $\text{car}(A) = n$ , e pode-se mostrar que a matriz  $A^T A$  é **invertível** (de ordem  $n$ ). Das considerações anteriores conclui-se que

$$\text{proj}_V(b) = p = A\bar{x}$$

com  $\bar{x}$  **solução única do sistema de equações normais** ( $\bar{x} = (A^T A)^{-1} A^T b$ ), donde se deduz método das equações normais do próximo slide.

# Método das equações normais

## Algoritmo

**Input:**  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  e  $b \in \mathbb{R}^m$ .

**Objectivo:** Calcular  $\text{proj}_V(b)$ .

1. Determinar uma base para  $V$ ,  $\{v_1, \dots, v_n\}$ .
2. Determinar a solução (única)  $\bar{x}$  do sistema das **equações normais**,

$$A^T A x = A^T b,$$

onde  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$  é a matriz da base de  $V$ .

3.  $\text{proj}_V(b) = A\bar{x}$ .

## Exercício na aula

Determine a projeção ortogonal de  $b = (1, 0, 4)$  sobre subespaço  $V = \langle (1, 0, 1), (1, 1, 2) \rangle$  utilizando o método das equações normais. Indique ainda as distâncias de  $b$  a  $V$  e a  $V^\perp$ .

## Exercício na aula (resolução)

Aplicando o algoritmo do slide anterior tem-se:

1.  $\{v_1, v_2\} = \{(1, 0, 1), (1, 1, 2)\}$  é **base** de  $V = \langle v_1, v_2 \rangle$  (justifique).
2. Seja  $A = [v_1 \ v_2]$  a **matriz da base**. Tem-se:

$$\blacktriangleright A^T A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ 3 & 6 \end{bmatrix}.$$

$$\blacktriangleright A^T b = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 \\ 0 \\ 4 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 5 \\ 9 \end{bmatrix}.$$

Reduzindo o **sistema das equações normais**  $A^T A x = A^T b$  obtém-se

$$[A^T A \mid A^T b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 2 & 3 & 5 \\ 3 & 6 & 9 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 1 \end{array} \right],$$

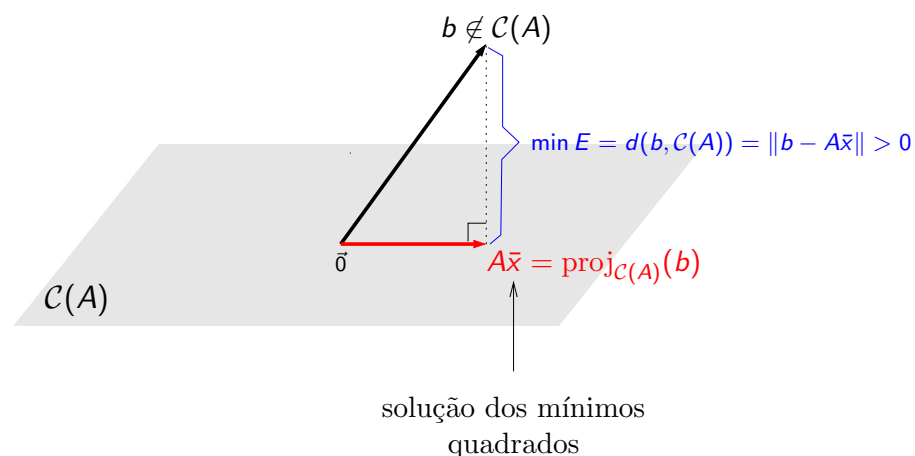
cuja a única solução é  $\bar{x} = (1, 1)$ .

$$3. \text{proj}_V(b) = A\bar{x} = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 \\ 1 \\ 3 \end{bmatrix}.$$

$$d(b, V) = \|\text{proj}_{V^\perp}(b)\| = \|b - \text{proj}_V(b)\| = \sqrt{3}, \quad d(b, V^\perp) = \|\text{proj}_V(b)\| = \sqrt{14}.$$

## Solução no sentido dos mínimos quadrados de $Ax = b$

- ▶ A solução  $\bar{x}$  do sistema das equações normais  $A^T A x = A^T b$  verifica  $\text{proj}_V(b) = A\bar{x}$  com  $V = \mathcal{C}(A)$  e portanto é solução de  $Ax = \text{proj}_{\mathcal{C}(A)}(b)$ .
- ▶ Quando  $b \notin \mathcal{C}(A)$  o sistema  $Ax = b$  é impossível e  $\bar{x}$  é o **vetor que melhor se aproxima de ser uma solução de  $Ax = b$**  no sentido em que é o vetor que minimiza a diferença (erro)  $E = \|Ax - b\|$ , e designa-se por solução de  $Ax = b$  no **sentido dos mínimos quadrados**.
- ▶ Quando  $b \in \mathcal{C}(A)$ , a **solução  $\bar{x}$  no sentido dos mínimos quadrados é também uma solução de  $Ax = b$  no sentido usual**, isto é, verifica,  $A\bar{x} = b$ .



## A projeção ortogonal como uma transformação linear

Nas condições do slide 171 tem-se, multiplicando à esquerda por  $(A^T A)^{-1}$  ambos os membros do sistema das equações normais,

$$\begin{aligned} A^T A \bar{x} = A^T b &\Leftrightarrow (A^T A)^{-1} A^T A \bar{x} = (A^T A)^{-1} A^T b \\ &\Leftrightarrow \bar{x} = (A^T A)^{-1} A^T b, \end{aligned}$$

e portanto,

$$\text{proj}_V(b) = A \bar{x} = A (A^T A)^{-1} A^T b.$$

Logo a projeção ortogonal sobre  $V$  pode ser vista como a **transformação linear** associada à matriz  $P = A (A^T A)^{-1} A^T$ ,

$$\begin{aligned} \mathbb{R}^m &\rightarrow \mathbb{R}^m \\ b &\mapsto \text{proj}_V(b) = Pb, \end{aligned}$$

o que motiva a definição do próximo slide.

## Matriz de projeção

### Definição da matriz de projeção sobre um subespaço vetorial

Sejam  $V$  subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$ ,  $\{v_1, \dots, v_n\}$  uma base para  $V$  e  $A = [v_1 \ \dots \ v_n]$  a matriz dessa base. A **matriz de projeção sobre  $V$**  é a matriz quadrada de ordem  $m$ ,

$$P = A(A^T A)^{-1} A^T,$$

tendo-se, para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$ ,

$$\text{proj}_V(b) = P b.$$

### Observação

Nas condições da definição anterior, tem-se ainda para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$ ,

$$\text{proj}_{V^\perp}(b) = b - \text{proj}_V(b) = b - Pb = (I_m - P)b,$$

onde  $I_m$  denota a **matriz identidade de ordem  $m$** , donde se conclui que  **$(I_m - P)$  é a matriz de projeção sobre  $V^\perp$** .

## Propriedades da matriz de projeção

A matriz de projeção  $P$  sobre um subespaço  $V$  de  $\mathbb{R}^m$  não depende da escolha da base de  $V$  e verifica as seguintes propriedades:

- ▶  $P^T = P$  (simétrica).
- ▶  $P^2 = P$  (idempotente).

(exercício 33.6 da sebenta de exercícios)

A demonstração das seguintes propriedades decorre do facto da projeção ortogonal definir uma transformação linear associada a uma matriz e fica como exercício para os alunos.

## Linearidade da projeção ortogonal

Para todo o  $u, v \in \mathbb{R}^m$  e  $\alpha \in \mathbb{R}$  tem-se:

- ▶  $\text{proj}_V(u + v) = \text{proj}_V(u) + \text{proj}_V(v)$ .
- ▶  $\text{proj}_V(\alpha u) = \alpha \text{proj}_V(u)$ .

# Matriz de projeção ortogonal sobre uma reta (dimensão 1)

## Observação

Se  $V = \langle v \rangle$  é a reta com vetor diretor  $v \neq \vec{0}$ , a matriz da base de  $V$  reduz-se a  $v$  e obtém-se a expressão muito elegante para a matriz de projeção sobre  $V$ ,

$$P = v(v^T v)^{-1} v^T = \frac{v v^T}{v^T v}.$$

## Exemplo

A matriz de projeção sobre a reta  $V = \langle (-1, -1, 1) \rangle$ , que passa na origem com vetor diretor  $(-1, -1, 1)$ , é a matriz

$$P = \frac{v v^T}{v^T v} = \frac{\begin{bmatrix} -1 \\ -1 \\ 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} -1 & -1 & 1 \end{bmatrix}}{\begin{bmatrix} -1 & -1 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} -1 \\ -1 \\ 1 \end{bmatrix}} = \frac{1}{3} \begin{bmatrix} 1 & 1 & -1 \\ 1 & 1 & -1 \\ -1 & -1 & 1 \end{bmatrix}.$$

**TPC:** qual a projeção ortogonal do vetor genérico  $b = (b_1, b_2, b_3)$  sobre  $V$ ?

## Matriz de projeção ortogonal sobre um subespaço de dimensão 2

Se  $V$  é subespaço vetorial de  $\mathbb{R}^m$  de dimensão 2 e  $A_{m \times 2}$  é a matriz de uma base de  $V$ , a matriz de projeção sobre  $V$ ,

$$P = A(A^T A)^{-1} A^T,$$

envolve a inversa da matriz quadrada de ordem 2,  $A^T A$ , que pode ser facilmente obtida usando a seguinte mnemónica.

Mnemónica para calcular a inversa de uma matriz  $2 \times 2$

“Switch diagonally, negate the wings and divide by a cross” (\*):

$$\begin{bmatrix} a & b \\ c & d \end{bmatrix}^{-1} = \frac{1}{ad - bc} \begin{bmatrix} d & -b \\ -c & a \end{bmatrix}.$$

(\*) [https://www.dam.brown.edu/people/mchb/la/matrix\\_algebra.pdf](https://www.dam.brown.edu/people/mchb/la/matrix_algebra.pdf)

Nota: a matriz é invertível  $\Leftrightarrow ad - bc \neq 0$ , que se designa por **determinante** da matriz.

Exercício na aula

Determinar as matrizes de projeção sobre  $V = \langle (1, 0, 1), (1, 1, 2) \rangle$  e  $V^\perp$ .

## Resolução do exercício na aula

Uma base de  $V$  é  $\{v_1, v_2\} = \{(1, 0, 1), (1, 1, 2)\}$  (justifique) e tem-se, designando por  $A = [v_1 \ v_2]$  a matriz desta base,

$$A^T A = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ 3 & 6 \end{bmatrix}.$$

Usando a mnemónica anterior para calcular  $(A^T A)^{-1}$  e determinando a matriz de projeção  $P$  sobre  $V$  obtém-se,

$$\begin{aligned} P &= A(A^T A)^{-1} A^T = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ 3 & 6 \end{bmatrix}^{-1} \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \\ &= \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} \frac{1}{2 \times 6 - 3 \times 3} \begin{bmatrix} 6 & -3 \\ -3 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \\ &= \frac{1}{3} \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \\ 1 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 3 & -3 & 0 \\ -1 & 2 & 1 \end{bmatrix} = \frac{1}{3} \begin{bmatrix} 2 & -1 & 1 \\ -1 & 2 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix}. \end{aligned}$$

A matriz de projeção sobre  $V^\perp$  é  $I_3 - P$ , em que  $I_3$  é a matriz identidade de ordem 3, e portanto vem dada por

$$\begin{aligned} I_3 - P &= \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 1 \end{bmatrix} - \frac{1}{3} \begin{bmatrix} 2 & -1 & 1 \\ -1 & 2 & 1 \\ 1 & 1 & 2 \end{bmatrix} \\ &= \frac{1}{3} \begin{bmatrix} 1 & 1 & -1 \\ 1 & 1 & -1 \\ -1 & -1 & 1 \end{bmatrix}. \end{aligned}$$

**TPC:** calcule  $V^\perp$  e confirme esta matriz com o resultado obtido no exercício do slide 178.

## Aplicação ao famoso conjunto de dados dos lírios de Fisher

Consideremos o conjunto  $X_{150 \times 4}$  dos dados dos 150 lírios de 3 espécies, *Setosa*, *Versicolor* e *Virginica* do slide 2 que origina uma nvem de 150 pontos em  $\mathbb{R}^4$  e denotemos por  $y_i \in \mathbb{R}^4$  o vetor dos comprimentos e diâmetros das pétalas e sépalas do lírio  $i$  e por  $Y = [y_1 \ y_2 \ \cdots \ y_{150}]_{4 \times 150} = X^T$  a matriz destes vetores.

Usando certos resultados de Álgebra Linear determinamos a base  $\{u, v\}$ , com

$$\begin{aligned} u &= (0.36138659, -0.08452251, 0.85667061, 0.35828920), \\ v &= (0.65658877, 0.73016143, -0.17337266, -0.07548102), \end{aligned}$$

do subespaço vetorial  $V$  de dimensão 2, que permite obter o melhor retrato bidimensional (projeção ortogonal sobre  $V$ ) dos lírios, no sentido em que melhor preserva a informação (variabilidade) dos dados originais.

Os vetores  $u$  e  $v$  são unitários e ortogonais entre si e obtém-se  $A^T A = I_2$ , onde  $A = [u \ v]$  denota a matriz da base  $\{u, v\}$  de  $V$ . Logo a matriz de projeção  $P = A(A^T A)^{-1} A^T$  sobre  $V$  vem dada simplesmente por  $P = AA^T$  e tem-se,

$$P = \begin{bmatrix} 0.56170908 & 0.44887050 & 0.1957547 & 0.07992092 \\ 0.44887050 & 0.54027978 & -0.1989980 & -0.08539683 \\ 0.19575473 & -0.19899799 & 0.7639426 & 0.32002217 \\ 0.07992092 & -0.08539683 & 0.3200222 & 0.13406853 \end{bmatrix}_{4 \times 4}.$$

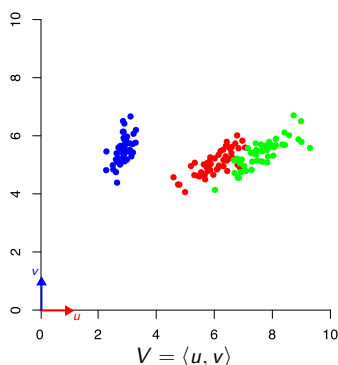
# Aplicação ao famoso iris dataset

A projeção da nuvem dos 150 lírios no subespaço  $V$  é então dada pela matriz,

$$Y' = PY = [y'_1 \ y'_2 \ \dots \ y'_{150}] = \begin{bmatrix} 4.7258039 & 4.3890268 & \dots & 5.802902 \\ 3.8845422 & 3.5246282 & \dots & 3.100571 \\ 1.4353802 & 1.4957283 & \dots & 5.030106 \\ 0.5835525 & 0.6102668 & \dots & 2.088779 \end{bmatrix}_{150 \times 4},$$

onde cada vetor  $y'_i = Py_i$  representa a projeção do  $i$ -ésimo lírio no subespaço vetorial  $V$ . Note que  $\text{car}(Y') = 2$  uma vez que  $y'_i \in V = \langle u, v \rangle$  para todo o  $i$ .

Para cada  $i = 1, \dots, 150$ , existem escalares  $\alpha_i, \beta_i \in \mathbb{R}$  tais que  $y'_i = \alpha_i u + \beta_i v$ . Projetando no referencial ortonormado definido por  $u$  e  $v$ , cada lírio  $y_i$  no ponto de coordenadas  $(\alpha_i, \beta_i)$ , obtém-se o retrato abaixo da nuvem dos 150 lírios.



# Conjunto ortogonal de vetores

## Definição de conjunto ortogonal de vetores

Sejam  $v_1, \dots, v_k \in \mathbb{R}^m$ . Diz-se que  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é um **conjunto ortogonal** se os vetores forem **2 a 2 perpendiculares entre si**, isto é, se  $v_i \cdot v_j = 0, \forall i, j = 1, \dots, k, i \neq j$ .

## Exemplos

- ▶ A base canónica de  $\mathbb{R}^m$  é um **conjunto ortogonal de vetores**
- ▶  $\{v_1, v_2, v_3\} = \{(0, 1, 1), (1, 2, -2), (4, -1, 1)\}$  é um **conjunto ortogonal** de vetores de  $\mathbb{R}^3$ . De facto,

$$v_1 \cdot v_2 = (0, 1, 1) \cdot (1, 2, -2) = 0, \text{ isto é, } v_1 \perp v_2,$$

$$v_1 \cdot v_3 = (0, 1, 1) \cdot (4, -1, 1) = 0, \text{ isto é, } v_1 \perp v_3,$$

$$v_2 \cdot v_3 = (1, 2, -2) \cdot (4, -1, 1) = 0, \text{ isto é, } v_2 \perp v_3.$$

# Ortogonalidade e independência linear

Consideremos novamente o conjunto ortogonal de vetores

$\{v_1, v_2, v_3\} = \{(0, 1, 1), (1, 2, -2), (4, -1, 1)\}$ . Tem-se:

- ▶  $v_3 \perp v_1, v_2 \Rightarrow v_3 \in \langle v_1, v_2 \rangle^\perp \Rightarrow v_3 \notin \langle v_1, v_2 \rangle$  ( $v_3 \neq \vec{0}$ ).  
Logo  $v_3$  não é CL de  $v_1$  e  $v_2$ .
- ▶  $v_2 \perp v_1, v_3 \Rightarrow v_2 \in \langle v_1, v_3 \rangle^\perp \Rightarrow v_2 \notin \langle v_1, v_3 \rangle$  ( $v_2 \neq \vec{0}$ ).  
Logo  $v_2$  não é CL de  $v_1$  e  $v_3$ .
- ▶  $v_1 \perp v_2, v_3 \Rightarrow v_1 \in \langle v_2, v_3 \rangle^\perp \Rightarrow v_1 \notin \langle v_2, v_3 \rangle$  ( $v_1 \neq \vec{0}$ ).  
Logo  $v_1$  não é CL de  $v_2$  e  $v_3$ .

Como nenhum dos vetores é CL dos restantes vetores do conjunto concluímos que  $\{v_1, v_2, v_3\}$  é **linearmente independente** (ver o slide 113).

Em geral, tem-se o seguinte resultado.

## Teorema

Todo o **conjunto ortogonal de vetores não nulos** de  $\mathbb{R}^m$  é **linearmente independente**.

# Base ortogonal = base + conjunto ortogonal

## Definição de base ortogonal

Uma **base ortogonal** de um subespaço vetorial  $V$  é uma **base de  $V$**  que é simultaneamente um **conjunto ortogonal**.

Por exemplo, o conjunto ortogonal considerado anteriormente,

$$\{v_1, v_2, v_3\} = \{(0, 1, 1), (1, 2, -2), (4, -1, 1)\},$$

define uma **base ortogonal** de  $\mathbb{R}^3$  porque é um conjunto linearmente independente formado por 3 vetores de  $\mathbb{R}^3$ .

Do teorema do slide 185 e da definição de base deduz-se o seguinte.

## Teorema

Seja  $V = \langle v_1, \dots, v_k \rangle$  tal que  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é um conjunto **ortogonal de vetores não nulos** de  $\mathbb{R}^m$ . Então  $\{v_1, \dots, v_k\}$  é uma **base ortogonal** de  $V$ .

A projeção sobre um subespaço vetorial munido de uma base ortogonal é **direta e estende a fórmula da projeção sobre uma reta**.

# Projeção sobre um espaço munido de uma base ortogonal

## Teorema

Seja  $\{v_1, \dots, v_k\}$  uma base **ortogonal** de um subespaço vetorial  $V$  de  $\mathbb{R}^m$ . Para todo o  $b \in \mathbb{R}^m$  tem-se,

$$\text{proj}_V(b) = \text{proj}_{v_1}(b) + \dots + \text{proj}_{v_k}(b) = \frac{b \cdot v_1}{v_1 \cdot v_1} v_1 + \dots + \frac{b \cdot v_k}{v_k \cdot v_k} v_k.$$

**Muito importante:** o resultado é falso se a base não for ortogonal (!!!)

## Exercício na aula

Calcular  $\text{proj}_V(b)$  em que  $V = \langle (0, 1, 1), (1, 2, -2) \rangle$  e  $b = (-1, 0, 4)$ .

**Resolução:** Sejam  $v_1 = (0, 1, 1)$  e  $v_2 = (1, 2, -2)$ . Como  $v_1 \cdot v_2 = 0$  com  $v_1$  e  $v_2$  não nulos,  $\{v_1, v_2\}$  é uma base **ortogonal** de  $V$  (ver o slide 186) e obtém-se,

$$\begin{aligned} \text{proj}_V(b) &= \text{proj}_{v_1}(b) + \text{proj}_{v_2}(b) = \frac{b \cdot v_1}{v_1 \cdot v_1} v_1 + \frac{b \cdot v_2}{v_2 \cdot v_2} v_2 \\ &= \frac{(-1, 0, 4) \cdot (0, 1, 1)}{(0, 1, 1) \cdot (0, 1, 1)} (0, 1, 1) + \frac{(-1, 0, 4) \cdot (1, 2, -2)}{(1, 2, -2) \cdot (1, 2, -2)} (1, 2, -2) \\ &= \frac{4}{2} (0, 1, 1) + \frac{-9}{9} (1, 2, -2) = (-1, 0, 4). \end{aligned}$$

# Como obter bases ortogonais de um subespaço vetorial?

O seguinte algoritmo permite construir base ortogonais para subespaços vetoriais a partir de bases não ortogonais desses mesmos subespaços vetoriais.

## Algoritmo - Método de ortogonalização de Gram-Schmidt

**Input:** Base "original"  $\{u_1, \dots, u_n\}$  de um subespaço vetorial  $V$ .

**Objectivo:** Determinar uma **base ortogonal** de  $V$ ,  $\{v_1, \dots, v_n\}$

▶  $v_1 = u_1.$

▶  $v_2 = u_2 - \text{proj}_{v_1}(u_2) = u_2 - \frac{v_1 \cdot u_2}{v_1 \cdot v_1} v_1.$

▶  $v_3 = u_3 - \text{proj}_{v_1}(u_3) - \text{proj}_{v_2}(u_3) = u_3 - \frac{v_1 \cdot u_3}{v_1 \cdot v_1} v_1 - \frac{v_2 \cdot u_3}{v_2 \cdot v_2} v_2.$

⋮

▶  $v_n = u_n - \text{proj}_{v_1}(u_n) - \text{proj}_{v_2}(u_n) - \dots - \text{proj}_{v_{n-1}}(u_n)$   
 $= u_n - \frac{v_1 \cdot u_n}{v_1 \cdot v_1} v_1 - \frac{v_2 \cdot u_n}{v_2 \cdot v_2} v_2 - \dots - \frac{v_{n-1} \cdot u_n}{v_{n-1} \cdot v_{n-1}} v_{n-1}.$

Note-se que no caso em que a base original  $\{u_1, \dots, u_n\}$  já é ortogonal, o método de Gram-Schmidt devolve a própria base!

## Observações

- ▶ Podemos multiplicar cada vetor  $v_i$  da base ortogonal por um escalar **não nulo** que ainda obtemos uma base ortogonal de  $V$ .
- ▶ Em particular, tomando os versores dos vetores  $v_1, \dots, v_n$  da base ortogonal obtém-se a base ortogonal em que todos os vetores são **unitários**, dita base **ortonormada** (o.n.) de  $V$ ,  $\left\{ \frac{v_1}{\|v_1\|}, \dots, \frac{v_n}{\|v_n\|} \right\}$ .

## Exercício na aula

- ▶ A partir da base não ortogonal de  $\mathbb{R}^3$ ,

$$\{u_1, u_2, u_3\} = \{(1, -1, 1), (1, 0, 1), (1, 1, 2)\},$$

obtenha uma **base ortogonal** de  $\mathbb{R}^3$  usando Gram-Schmidt.

- ▶ Transforme a base ortogonal anterior numa base ortonormada de  $\mathbb{R}^3$ .

## Exercício na aula (resolução)

Aplicando o método de Gram-Schmidt à base  $\{u_1, u_2, u_3\}$  obtém-se:

- ▶  $v_1 = u_1 = (1, -1, 1)$

- ▶  $v_2 = u_2 - \text{proj}_{v_1}(u_2) = u_2 - \frac{u_2 \cdot v_1}{v_1 \cdot v_1} v_1 =$   
 $(1, 0, 1) - \frac{(1, 0, 1) \cdot (1, -1, 1)}{(1, -1, 1) \cdot (1, -1, 1)} (1, -1, 1) = (1, 0, 1) - \frac{2}{3}(1, -1, 1) =$   
 $\frac{1}{3}(1, 2, 1) \rightsquigarrow (1, 2, 1)$

- ▶  $v_3 = u_3 - \text{proj}_{v_1}(u_3) - \text{proj}_{v_2}(u_3) = u_3 - \frac{u_3 \cdot v_1}{v_1 \cdot v_1} v_1 - \frac{u_3 \cdot v_2}{v_2 \cdot v_2} v_2 =$   
 $(1, 1, 2) - \frac{(1, 1, 2) \cdot (1, -1, 1)}{(1, -1, 1) \cdot (1, -1, 1)} (1, -1, 1) - \frac{(1, 1, 2) \cdot (1, 2, 1)}{(1, 2, 1) \cdot (1, 2, 1)} (1, 2, 1) =$   
 $(1, 1, 2) - \frac{2}{3}(1, -1, 1) - \frac{5}{6}(1, 2, 1) = \frac{1}{2}(-1, 0, 1) \rightsquigarrow (-1, 0, 1)$

Obteve-se a **base ortogonal** de  $\mathbb{R}^3$ ,

$$\{v_1, v_2, v_3\} = \{(1, -1, 1), (1, 2, 1), (-1, 0, 1)\}.$$

Normalizando esta base ortogonal, dividindo cada vetor pela sua norma, obtém-se a **base ortonormada** de  $\mathbb{R}^3$ ,

$$\{\text{vers}(v_1), \text{vers}(v_2), \text{vers}(v_3)\} = \left\{ \frac{(1, -1, 1)}{\sqrt{3}}, \frac{(1, 2, 1)}{\sqrt{6}}, \frac{(-1, 0, 1)}{\sqrt{2}} \right\}.$$

## Observação

- ▶ Se  $\{v_1, \dots, v_n\}$  for uma base ortogonal de um subespaço vetorial  $V \subset \mathbb{R}^m$  e  $\{w_1, \dots, w_{m-n}\}$  uma base ortogonal de  $V^\perp$  então  $\{v_1, \dots, v_n, w_1, \dots, w_{m-n}\}$  é uma base ortogonal de  $\mathbb{R}^m$ .

Note-se que se tem  $v_i \perp w_j$ , para todo o  $i$  e  $j$ , uma vez que por definição  $V^\perp$  é constituído pelos vetores que são ortogonais a todos os vetores de  $V$  (e vice-versa).

## Exercício na aula

- ▶ Calcule a projeção ortogonal de  $b = (1, 1, 3)$  sobre  $V = \langle (1, -1, 1), (1, 0, 1) \rangle$  ortogonalizando uma base de  $V$ .
- ▶ Estenda a base ortogonal de  $V$  determinada na alínea anterior de modo a obter uma base ortogonal de  $\mathbb{R}^3$  usando a observação acima.

## Exercício na aula (resolução)

- ▶ Uma base (não ortogonal) de  $V$  é  $\{u_1, u_2\} = \{(1, -1, 1), (1, 0, 1)\}$  (justifique!).
- ▶ Aplicando o método de Gram-Schmidt à base anterior (ver o slide 154 - os vetores são os mesmos) obtém-se:

$$v_1 = u_1 = (1, -1, 1)$$

$$v_2 = u_2 - \text{proj}_{v_1}(u_2) = u_2 - \frac{u_2 \cdot v_1}{v_1 \cdot v_1} v_1 = \frac{1}{3}(1, 2, 1) \rightsquigarrow (1, 2, 1)$$

Uma base ortogonal de  $V$  é portanto  $\{v_1, v_2\} = \{(1, -1, 1), (1, 2, 1)\}$ , tendo-se (ver o teorema do slide 187),

$$\begin{aligned} \text{proj}_V(b) &= \text{proj}_{v_1}(b) + \text{proj}_{v_2}(b) = \frac{v_1 \cdot b}{v_1 \cdot v_1} v_1 + \frac{v_2 \cdot b}{v_2 \cdot v_2} v_2 \\ &= \frac{3}{3}(1, -1, 1) + \frac{6}{6}(1, 2, 1) = (2, 1, 2). \end{aligned}$$

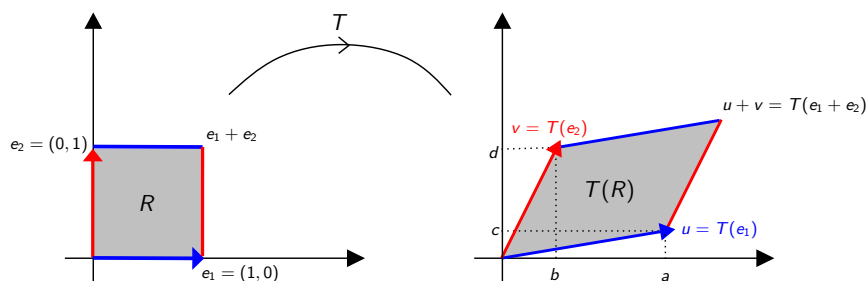
- ▶ Calculando  $V^\perp = \mathcal{C}(A)^\perp = \mathcal{N}(A^T)$  com  $A = [u_1 \ u_2]$  (também se pode considerar  $A = [v_1 \ v_2]$ ), obtém-se  $V^\perp = \langle (-1, 0, 1) \rangle$ . Tem-se portanto a base ortogonal<sup>13</sup>  $\{w\} = \{(-1, 0, 1)\}$  de  $V^\perp$ .
- ▶ Reunindo a base ortogonal de  $V$  com a base ortogonal de  $V^\perp$  obtém-se a base ortogonal de  $\mathbb{R}^3$  que estende a base ortogonal de  $V$ ,

$$\{v_1, v_2, w\} = \{(1, -1, 1), (1, 2, 1), (-1, 0, 1)\}.$$

<sup>13</sup>Uma base de um subespaço vetorial de dimensão um é sempre ortogonal.

## Motivação do determinante: caso das matrizes $2 \times 2$

- ▶ Consideremos uma transformação linear  $T : \mathbb{R}^2 \rightarrow \mathbb{R}^2$ , definida por uma matriz  $A_{2 \times 2} = [u \ v] = \begin{bmatrix} a & b \\ c & d \end{bmatrix}$ , isto é,  $T(x) = Ax$ .
- ▶ Tem-se  $T(e_1) = u = \begin{bmatrix} a \\ c \end{bmatrix}$ ,  $T(e_2) = v = \begin{bmatrix} b \\ d \end{bmatrix}$  e pode-se mostrar que  $T$  envia o quadrado unitário  $R$  no paralelogramo  $T(R)$  definido por  $u$  e  $v$ ,



- ▶ O **determinante** da matriz  $A$  é como veremos,

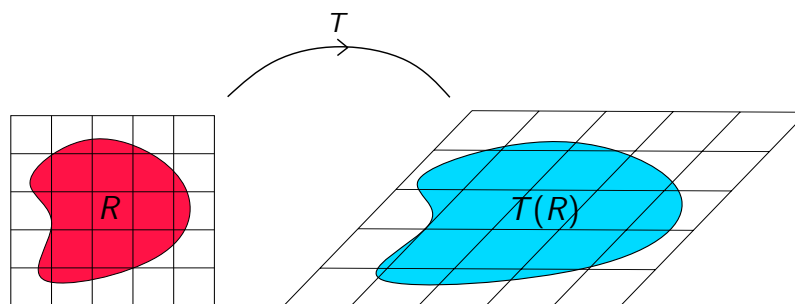
$$\det(A) = ad - bc,$$

e verifica a propriedade (ver o exercício 36 da sebenta),

$$\boxed{\text{área de } T(R) = |\det(A)| \times \text{área de } R = |\det(A)|.}$$

## Extensão a outras de regiões do plano

- ▶ A propriedade anterior estende-se a outras regiões  $R$  do plano com “boas propriedades”:



- ▶ Aproximando sucessivamente a área de uma região  $R$  usando uma grelha cada vez mais fina e aplicando a fórmula do slide 193 às áreas das imagens dos quadrados dessa grelha, mostra-se que se tem

$$\boxed{\text{área de } T(R) = |\det(A)| \times \text{área de } R.}$$

### Desafio

A partir da área do círculo de raio 1 deduza a fórmula da área da elipse de semi-eixos  $a$  e  $b$ , aplicando uma transformação linear conveniente.

## Motivação do determinante: caso das matrizes $3 \times 3$

- ▶ Considerando agora a transformação linear  $T : \mathbb{R}^3 \rightarrow \mathbb{R}^3$ , definida por uma matriz  $A_{3 \times 3} = [u \ v \ w]$ , tem-se que o valor absoluto do determinante de  $A$  verifica a relação análoga,

$$\text{volume de } T(R) = |\det(A)| \times \text{volume de } R = |\det(A)|,$$

onde  $R$  é o cubo unitário definido pelos vetores da base canónica de  $\mathbb{R}^3$  (cujo volume é 1) e  $T(R)$  o paralelepípedo definido pelos vetores  $u$ ,  $v$  e  $w$ , obtido como imagem por meio de  $T$  de  $R$ .

- ▶ Esta relação pode ser estendida a regiões do espaço  $R$  mais gerais com “boas propriedades”, tendo-se ainda

$$\text{volume}(T(R)) = |\det(A)| \times \text{volume}(R).$$

- ▶ A expressão para o determinante de uma matriz quadrada  $A$  de ordem 3 é mais complicada e será dada mais adiante no slide 198.

## Determinante de matrizes de ordem $\leq 2$

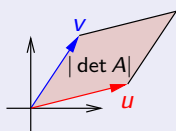
- ▶ Se  $n = 1$ , define-se,

$$\det [a] = a.$$

- ▶ Se  $n = 2$ , define-se,

$$\det \begin{bmatrix} a & b \\ c & d \end{bmatrix} = ad - bc.$$

### Interpretação geométrica do determinante de matrizes $2 \times 2$



Recordemos que o **valor absoluto do determinante** de

$$A = \begin{bmatrix} a & b \\ c & d \end{bmatrix} = [u \ v], \text{ com } u = (a, c) \text{ e } v = (b, d),$$

corresponde à **área do paralelogramo** definido por  $u$  e  $v$ . Esta área é **não nula** se e só se  $u$  e  $v$  são **não colineares**!

## Determinante de matrizes de ordem 2 - exemplo

Por exemplo, o determinante da matriz  $A = \begin{bmatrix} 1 & 2 \\ 3 & 4 \end{bmatrix}$  é,

$$\det(A) = \begin{bmatrix} 1 & 2 \\ 3 & 4 \end{bmatrix} = 1 \times 4 - 2 \times 3 = -2 \neq 0$$

e em particular, o paralelogramo definido pelos vetores  $u = (1, 3)$  e  $v = (2, 4)$  tem área 2.

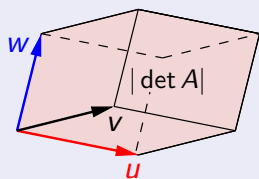
## Determinante de matrizes $3 \times 3$ : regra de Sarrus

$$\det(A) = \det \begin{bmatrix} a & b & c \\ d & e & f \\ g & h & i \end{bmatrix} = aei + bfg + cdh - (ceg + afh + bdi)$$

Por exemplo,

$$\det A = \det \begin{bmatrix} 1 & 0 & -2 \\ 2 & 1 & 1 \\ -1 & 3 & 1 \end{bmatrix} = 1 \times 1 \times 1 + 0 \times 1 \times (-1) + (-2) \times 2 \times 3 - ((-2) \times 1 \times (-1) + 1 \times 1 \times 3 + 0 \times 2 \times 1) = 1 + 0 - 12 - (2 + 3 + 0) = -16 \neq 0$$

## Interpretação geométrica do determinante de matrizes $3 \times 3$



Recordemos que o **valor absoluto do determinante** da matriz  $A = [u \ v \ w]_{3 \times 3}$  com  $u, v, w \in \mathbb{R}^3$  corresponde ao **volume do paralelepípedo** definido por  $u, v$  e  $w$ , tendo-se que este volume é não nulo se e só se o paralelepípedo for **não degenerado**, ou seja,  $u, v, w$  forem **não coplanares**.

- ▶ Por exemplo, o paralelepípedo definido pelas 3 colunas da matriz  $A$  do slide anterior,  $u = (1, 2, -1)$ ,  $v = (0, 1, 3)$  e  $w = (-2, 1, 1)$ , tem volume 16.
- ▶ A regra de Sarrus **só se aplica a matrizes 3x3!**
- ▶ **E no caso geral de matrizes  $n \times n$ , com  $n$  arbitrário?**

# Menores e co-factores

## Definições de menor complementar e co-factor

Sejam  $A$  uma matriz quadrada de ordem  $n$  e  $1 \leq i, j \leq n$ .

- ▶ Chama-se **menor complementar da entrada  $(i, j)$** , denotado por  $A_{ij}$ , ao determinante da submatriz que se obtém **eliminando a linha  $i$  e a coluna  $j$**  de  $A$ .
- ▶ Chama-se **complemento algébrico ou co-factor da entrada  $(i, j)$**  a

$$\Delta_{ij} = (-1)^{i+j} A_{ij}.$$

Por exemplo, o menor complementar da entrada  $(1, 2)$  de  $A = \begin{bmatrix} 1 & -2 & 3 \\ 0 & 2 & 3 \\ -1 & 2 & 1 \end{bmatrix}$ , é o determinante da submatriz que se obtém **eliminando a linha 1 e coluna 2 de  $A$** , isto é,

$$A_{12} = \det \begin{bmatrix} 0 & 3 \\ -1 & 1 \end{bmatrix} = 0 \times 1 - 3 \times (-1) = 3,$$

e o co-factor da entrada  $(1, 2)$  é  $\Delta_{12} = (-1)^{1+2} A_{12} = (-1) \times 3 = -3$ .

## Teorema (Regra de Laplace)

Seja  $A = [a_{ij}]$  uma matriz quadrada de ordem  $n \geq 2$ . Então

- ▶ Para qualquer  $i = 1, \dots, n$ , tem-se

$$\det A = a_{i1}\Delta_{i1} + a_{i2}\Delta_{i2} + \dots + a_{in}\Delta_{in}.$$

(Expansão do determ.  
em co-factores ao  
longo da linha  $i$ )

- ▶ Para qualquer  $j = 1, \dots, n$ , tem-se

$$\det A = a_{1j}\Delta_{1j} + a_{2j}\Delta_{2j} + \dots + a_{nj}\Delta_{nj}.$$

(Expansão do determ.  
em co-factores ao  
longo da coluna  $j$ )

- ▶ A regra de Laplace reduz o cálculo do determinante de uma matriz  $n \times n$  ao cálculo de  $n$  determinantes de matrizes  $(n-1) \times (n-1)$ .
- ▶ Devem escolher-se linhas ou colunas com o maior número possível de zeros.
- ▶ O resultado não depende da escolha da linha ou da coluna.

## Regra de Laplace: exemplo $3 \times 3$

Consideremos a matriz  $A = \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & -2 & 3 \\ 0 & 2 & 3 \\ -1 & 2 & 1 \end{bmatrix}$ .

- ▶ Expandindo o determinante ao longo da 2<sup>a</sup> linha tem-se,

$$\begin{aligned} \det A &= a_{21}\Delta_{21} + a_{22}\Delta_{22} + a_{23}\Delta_{23} = 0(-1)^{2+1} \det \begin{bmatrix} -2 & 3 \\ 2 & 1 \end{bmatrix} + \\ & 2(-1)^{2+2} \det \begin{bmatrix} 1 & 3 \\ -1 & 1 \end{bmatrix} + 3(-1)^{2+3} \det \begin{bmatrix} 1 & -2 \\ -1 & 2 \end{bmatrix} \\ &= 0 + 2 \times (1 + 3) - 3 \times 0 = 8. \end{aligned}$$

- ▶ Expandindo o determinante ao longo da 1<sup>a</sup> coluna tem-se,

$$\begin{aligned} \det A &= a_{11}\Delta_{11} + a_{21}\Delta_{21} + a_{31}\Delta_{31} = 1(-1)^{1+1} \det \begin{bmatrix} 2 & 3 \\ 2 & 1 \end{bmatrix} + \\ & 0(-1)^{2+1} \det \begin{bmatrix} -2 & 3 \\ 2 & 1 \end{bmatrix} + (-1)(-1)^{3+1} \det \begin{bmatrix} -2 & 3 \\ 2 & 3 \end{bmatrix} \\ &= 1 \times (2 - 6) + 0 + (-1) \times (-6 - 6) = 8. \end{aligned}$$

# Regra de Laplace: exemplo $4 \times 4$

## Exercício na aula

Calcular o determinante de

$$A = \begin{bmatrix} -1 & 2 & -1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & 1 \\ 2 & 0 & 1 & 0 \\ 0 & 1 & 2 & -1 \end{bmatrix}$$

**Resolução:** aplicando a regra de Laplace ao longo da terceira linha que possui 2 zeros, obtém-se:

$$\begin{aligned} \det A &= a_{31}\Delta_{31} + a_{32}\Delta_{32} + a_{33}\Delta_{33} + a_{34}\Delta_{34} \\ &= 2(-1)^{3+1} \begin{vmatrix} 2 & -1 & 0 \\ 1 & -1 & 1 \\ 1 & 2 & -1 \end{vmatrix} + 0 + 1(-1)^{3+3} \begin{vmatrix} -1 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \\ 0 & 1 & -1 \end{vmatrix} + 0 \\ &= 2(-4) + 0 + 1 \cdot 2 + 0 = -6. \end{aligned}$$

**TPC:** confirme os valores dos 2 determinantes  $3 \times 3$  do cálculo anterior, usando a regra de Sarrus no primeiro e a regra de Laplace no segundo.

## Consequências da regra de Laplace

Tem-se (ver também o exercício 38 da setenta):

- ▶ Se  $A$  possui uma linha ou uma coluna de zeros então  $\det A = 0$ .
- ▶ Se  $A$  possui linhas ou colunas múltiplas entre si então  $\det A = 0$ .
- ▶ Se  $A$  é uma matriz triangular superior (ou inferior) então  $\det A =$  produto dos elementos da diagonal principal:

$$\det \begin{bmatrix} a_{11} & a_{12} & \cdots & a_{1n} \\ 0 & a_{22} & \cdots & a_{2n} \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 0 & 0 & \cdots & a_{nn} \end{bmatrix} = a_{11}a_{22} \cdots a_{nn}.$$

Em particular,

- ▶  $\det(\text{diag}(a_1, \dots, a_n)) = \det \begin{bmatrix} a_1 & 0 & \cdots & 0 \\ 0 & a_2 & \cdots & 0 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 0 & 0 & \cdots & a_n \end{bmatrix} = a_1 a_2 \cdots a_n.$
- ▶  $\det(\alpha I_n) = \det(\text{diag}(\alpha, \dots, \alpha)) = \alpha^n.$
- ▶  $\det I_n = 1.$

## Proposição

Sejam  $A$  e  $B$  matrizes quadradas de ordem  $n$  e  $\alpha \in \mathbb{R}$ . Tem-se:

- ▶  $\det(AB) = \det A \det B$ .
- ▶  $\det(A^T) = \det A$ .
- ▶  $\det(\alpha A) = \alpha^n \det A$  (atenção!)

Em geral,  $\det(A + B) \neq \det A + \det B$  (atenção!)

- ▶ O 3º ponto é consequência do 1º ponto e dos resultados do slide anterior:

$$\det(\alpha A) = \det(\alpha(I_n A)) = \det((\alpha I_n) A) = \det(\alpha I_n) \det A = \alpha^n \det A.$$

- ▶ Para termos uma ideia da justificação do 1º ponto vamos admitir que  $A$  e  $B$  têm ordem 2. Se  $T_A$  e  $T_B$  são as transformações lineares definidas por essas matrizes,  $R$  é o quadrado unitário definido pela base canónica de  $\mathbb{R}^2$  e  $S = T_B(R)$  a imagem desse quadrado por  $T_B$ , tem-se (ver os slides 193 e 78),

$$\begin{aligned} |\det(AB)| &= \text{área de } T_{AB}(R) = \text{área de } (T_A \circ T_B)(R) \\ &= \text{área de } T_A(T_B(R)) = \text{área de } T_A(S) \\ &= |\det A| \times \text{área de } S = |\det A| |\det B|. \end{aligned}$$

## Determinante e inversa

- ▶ Vimos antes que o valor absoluto do determinante de uma matriz  $2 \times 2$  [ $3 \times 3$ ] correspondia à **área do paralelogramo** [**volume do paralelepípedo**] definido pelas colunas dessa matriz.
- ▶ Logo o determinante dessa matriz é não nulo se e só se as suas colunas forem **não colineares** [**não coplanares**], isto é, definirem um conjunto linearmente independente de vetores, ou seja,  $A$  for invertível.
- ▶ Tem-se um resultado análogo para matrizes quadradas de ordem arbitrária, como veremos no próximo slide.

## Teorema

Seja  $A = [v_1 \ v_2 \ \cdots \ v_n]$ , com  $v_i \in \mathbb{R}^n$ , uma matriz quadrada de ordem  $n$ . As seguintes afirmações são equivalentes:

- ▶  $A$  é invertível.
- ▶  $\text{car}(A) = n$ .
- ▶  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é linearmente independente.
- ▶  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é base de  $\mathbb{R}^n$ .
- ▶  $\det(A) \neq 0$ .

Nas condições anteriores tem-se ainda,

$$\det(A^{-1}) = \frac{1}{\det A}.$$

Para deduzir  $\det(A^{-1})$  basta notar que pelo primeiro ponto do slide 205,

$$1 = \det I_n = \det(AA^{-1}) = \det A \det(A^{-1}).$$

## Valores e vetores próprios - motivação

Consideremos a matriz  $A = \begin{bmatrix} 1/2 & 3/2 \\ 0 & 2 \end{bmatrix}$ .

- ▶ Tem-se:

$$A \begin{bmatrix} x_1 \\ 0 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1/2 & 3/2 \\ 0 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ 0 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \frac{1}{2}x_1 \\ 0 \end{bmatrix} = \frac{1}{2} \begin{bmatrix} x_1 \\ 0 \end{bmatrix},$$

$$A \begin{bmatrix} x_1 \\ x_1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1/2 & 3/2 \\ 0 & 2 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} x_1 \\ x_1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} \frac{1}{2}x_1 + \frac{3}{2}x_1 \\ 2x_1 \end{bmatrix} = 2 \begin{bmatrix} x_1 \\ x_1 \end{bmatrix}.$$

- ▶ Logo a transformação linear definida por  $A$ ,  $T(x) = Ax$ , induz uma **contração de razão  $\lambda_1 = \frac{1}{2}$  na direção do eixo do  $x_1$**  e uma **dilatação de razão  $\lambda_2 = 2$  na direção da bissectriz dos quadrantes ímpares  $x_2 = x_1$** .
- ▶ Logo 1º eixo coordenado fica **invariante** por ação da transformação linear definida por  $A$  e qualquer vetor diretor  $u$  deste eixo (por exemplo  $u = (1, 0)$ ) verifica a relação  $Au = \frac{1}{2}u$ , dizendo-se nessa altura que  $u$  é um **vetor próprio** de  $A$  associado ao **valor próprio  $\lambda_1 = \frac{1}{2}$** .
- ▶ Analogamente, a bissectriz dos quadrantes ímpares é **invariante** por ação da transformação definida por  $A$  e qualquer vetor diretor  $v$  desta bissectriz (por exemplo,  $v = (1, 1)$ ), verifica a relação  $Av = 2v$ , dizendo-se nessa altura que  $v$  é um **vetor próprio** de  $A$  associado ao **valor próprio  $\lambda_2 = 2$** .

# Conceitos de vetor e valor próprio

## Definições de vetor próprio e valor próprio

Sejam  $A$  matriz quadrada de ordem  $n$ ,  $v \in \mathbb{R}^n$  com  $v \neq \vec{0}$ .  
Diz-se que  $v$  é um **vetor próprio** de  $A$  se existir  $\lambda \in \mathbb{R}$  tal que

$$Av = \lambda v$$

$\lambda$  designa-se por **valor próprio** associado ao vetor próprio  $v$ .

## Exemplo

Considerando  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$ , tem-se que  $v = (1, 1, 1)$  é vetor próprio de  $A$  associado ao valor próprio  $\lambda = 2$  uma vez que,

$$Av = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \\ 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 2 \\ 2 \\ 2 \end{bmatrix} = 2 \begin{bmatrix} 1 \\ 1 \\ 1 \end{bmatrix} = 2v$$

# Polinómio característico de uma matriz

## Observação

Se  $A$  é uma matriz quadrada de ordem  $n$  e  $\lambda$  uma variável então a expressão  $\det(A - \lambda I)$  define um polinómio de grau  $n$  na variável  $\lambda$ , que se designa por **polinómio característico de  $A$**  e se denota  $p_A(\lambda)$ .

A importância do polinómio característico fica evidente no próximo resultado.

## Teorema

Tem-se que  $\alpha \in \mathbb{R}$  é **valor próprio** de uma matriz quadrada  $A$  se e só se  $p_A(\alpha) = 0$ , isto é,  $\alpha$  **for raiz do polinómio  $p_A(\lambda)$** .

**Demonstração:**  $\alpha \in \mathbb{R}$  é **valor próprio de uma matriz  $A$**   $\Leftrightarrow$  existe um vetor próprio  $v \neq \vec{0}$  tal que  $Av = \alpha v \Leftrightarrow Av - \alpha v = \vec{0} \Leftrightarrow (A - \alpha I)v = \vec{0} \Leftrightarrow (A - \alpha I)x = \vec{0}$  admite uma solução  $v \neq \vec{0} \Leftrightarrow (A - \alpha I)$  **não invertível**  $\Leftrightarrow p_A(\alpha) = \det(A - \alpha I) = 0$ .  $\square$

## Exemplo

Consideremos  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$  e vejamos que  $\lambda = 2$  é valor próprio de  $A$  como se concluiu no slide 209. De facto, tem-se

$$\begin{aligned} p_A(2) &= \det(A - 2I) = \det \left| \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} - \begin{bmatrix} 2 & 0 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 0 & 2 \end{bmatrix} \right| \\ &= \begin{vmatrix} -1 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & -1 \end{vmatrix} = 0, \end{aligned}$$

uma vez que a matriz possui uma linha de zeros.

# Multiplicidade algébrica de um valor próprio

## Observação

Pelo teorema do slide 210 os valores próprios de uma matriz  $A$  de ordem  $n$  são as raízes (reais e complexas) de  $p_A(\lambda)$ , que podem ser repetidas.

## Definição de multiplicidade algébrica de um valor próprio

Chama-se **multiplicidade algébrica** de um valor próprio  $\lambda$ , denotada **m.a.(\lambda)**, ao número de vezes que  $\lambda$  aparece repetido como raiz na factorização de  $p_A(\lambda)$ .

## Exemplo

Consideremos a matriz  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ -4 & 5 \end{bmatrix}$ . Tem-se,

$$\begin{aligned} p_A(\lambda) &= \det(A - \lambda I) = \begin{vmatrix} 1 - \lambda & 1 \\ -4 & 5 - \lambda \end{vmatrix} \\ &= (1 - \lambda)(5 - \lambda) + 4 = \lambda^2 - 6\lambda + 9 = (\lambda - 3)^2. \end{aligned}$$

Logo  $p_A(\lambda)$  admite apenas raiz dupla  $\lambda = 3$  e portanto  $A$  tem apenas o valor próprio  $\lambda = 3$  com multiplicidade algébrica 2 (m.a.(3)=2).

# Subespaço próprio e multiplicidade geométrica

## Definição de subespaço próprio e multiplicidade geométrica

Sejam  $A$  matriz quadrada de ordem  $n$  e  $\lambda \in \mathbb{R}$  valor próprio de  $A$ .  
Chama-se **subespaço próprio** de  $A$  associado a  $\lambda$  ao subespaço vetorial,

$$E(\lambda) = \mathcal{N}(A - \lambda I).$$

A dimensão de  $E(\lambda)$  designa-se por **multiplicidade geométrica** de  $\lambda$  e denota-se por **m.g.(\lambda)**.

## Teorema

Os vetores próprios de  $A$  associados a um dado valor próprio  $\lambda$  de  $A$  são os vetores **não nulos** do subespaço próprio  $E(\lambda)$ .

**Demonstração:** de facto,

$$\begin{aligned} v \in \mathbb{R}^n \text{ é vetor próprio de } A \text{ associado a } \lambda &\Leftrightarrow Av = \lambda v, v \neq \vec{0} \\ &\Leftrightarrow (A - \lambda I)v = \vec{0}, v \neq \vec{0} \\ &\Leftrightarrow v \in \mathcal{N}(A - \lambda I) \setminus \{\vec{0}\}. \quad \square \end{aligned}$$

## Exemplo do slide 209 revisitado

Vamos aplicar os conceitos dos slides anteriores à matriz  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$ .

► Tem-se,

$$\begin{aligned} p_A(\lambda) &= \det(A - \lambda I) = \det \left( \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} - \begin{bmatrix} \lambda & & \\ & \lambda & \\ & & \lambda \end{bmatrix} \right) \\ &= \det \begin{bmatrix} 1 - \lambda & 1 & 0 \\ 0 & 2 - \lambda & 0 \\ 0 & 1 & 1 - \lambda \end{bmatrix} \\ &\quad \uparrow \\ &\quad \text{Laplace na 1ª coluna} \\ &= (1 - \lambda)(-1)^{1+1} \det \begin{bmatrix} 2 - \lambda & 0 \\ 1 & 1 - \lambda \end{bmatrix} + 0 + 0 \\ &= (1 - \lambda)(2 - \lambda)(1 - \lambda) = (1 - \lambda)^2(2 - \lambda). \end{aligned}$$

- Logo  $p_A(\lambda)$  admite a **raíz dupla**  $\lambda = 1$  uma vez que aparece repetida 2 vezes na factorização do polinómio e a **raíz simples**  $\lambda = 2$ .
- Portanto  $A$  admite valores próprios distintos,  $\lambda = 1, 2$ , com **m.a.(1) = 2** e **m.a.(2) = 1**.

## Exemplo do slide 209 revisitado (cont.)

Relativamente ao subespaço próprio  $E(1) = \mathcal{N}(A - I)$  tem-se:

- ▶ Aplicando o método de Gauss vem,

$$[A - I | \vec{0}] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \end{array} \right] \text{ e portanto,}$$

$$\begin{aligned} \mathcal{N}(A - I) &= \{(x_1, x_2, x_3) : x_2 = 0, x_1, x_3 \in \mathbb{R}\} \\ &= \{(x_1, 0, x_3) : x_1, x_3 \in \mathbb{R}\} = \langle (1, 0, 0), (0, 0, 1) \rangle. \end{aligned}$$

- ▶ Logo  $E(1) = \langle (1, 0, 0), (0, 0, 1) \rangle$ . Uma base para  $E(1)$  é portanto  $\{(1, 0, 0), (0, 0, 1)\}$ , tendo-se  $\text{m.g.}(1) = \dim E(1) = 2$ .
- ▶ Geometricamente  $E(1)$  define o plano de  $\mathbb{R}^3$  que passa na origem com vetores diretores  $(1, 0, 0)$  e  $(0, 0, 1)$ .
- ▶ Os vetores próprios de  $A$  associados ao valor próprio  $\lambda = 1$  são os vetores não nulos de  $E(1)$ . Por exemplo, tomando  $x_1 = 1$  e  $x_3 = -2$  obtém-se o vetor próprio  $(1, 0, 2)$  de  $A$  associado a  $\lambda = 1$ .

## Exemplo do slide 209 revisitado (concl.)

Relativamente ao subespaço próprio  $E(2) = \mathcal{N}(A - 2I)$  tem-se:

- ▶  $A - 2I = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} - \begin{bmatrix} 2 & & \\ & 2 & \\ & & 2 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} -1 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & -1 \end{bmatrix}$ .

- ▶ Aplicando o método de Gauss ao sistema  $[A - 2I | \vec{0}]$  obtém-se,

$$\left[ \begin{array}{ccc|c} -1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & 0 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & -1 & 0 \\ 0 & 1 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 0 \end{array} \right].$$

- ▶ Logo,  $E(2) = \mathcal{N}(A - 2I) = \{(x_3, x_3, x_3) : x_3 \in \mathbb{R}\} = \langle (1, 1, 1) \rangle$ , e uma base para  $E(2)$  é  $\{(1, 1, 1)\}$ , tendo-se  $\text{m.g.}(2) = \dim E(2) = 1$ .
- ▶ Geometricamente  $E(2)$  é a **reta que passa na origem com vetor diretor  $(1, 1, 1)$** .
- ▶ Os vetores próprios de  $A$  associados ao valor próprio  $\lambda = 2$  são os vetores não nulos de  $E(2)$ , isto é, os vetores da forma  $(a, a, a)$  com  $a \neq 0$ .

A informação dita **espectral** sobre a matriz  $A$  pode ser organizada numa tabela:

$\lambda$	m.a.( $\lambda$ )	m.g.( $\lambda$ )	base de $E(\lambda)$
1	2	2	$\{(1, 0, 0), (0, 0, 1)\}$
2	1	1	$\{(1, 1, 1)\}$

## Resumo

- ▶ Reconhecer / verificar que  $v \neq \vec{0}$  é vetor próprio de  $A$   
→ Mostrar que  $Av = \lambda v$  para algum  $\lambda \in \mathbb{R}$ .  
 $\lambda$  é o valor próprio associado a  $v$ .
- ▶ Reconhecer / verificar que  $\alpha \in \mathbb{R}$  é valor próprio de  $A$   
→ Mostrar que  $p_A(\alpha) = \det(A - \alpha I) = 0$ .
- ▶ Determinar os valores próprios de  $A$   
→ Determinar as raízes (reais e complexas) de  $p_A(\lambda) = \det(A - \lambda I)$ .  
A multiplicidade algébrica de cada valor próprio  $\lambda$ ,  $m.a.(\lambda)$ , é o número de vezes que  $\lambda$  aparece repetido como raiz na factorização do polinómio característico  $p_A(\lambda)$ .
- ▶ Determinar os vetores próprios de  $A$  associados ao valor próprio  $\lambda$   
→ Determinar os vetores não nulos de  $E(\lambda) = \mathcal{N}(A - \lambda I)$ .  
A multiplicidade geométrica de  $\lambda$  é  $m.g.(\lambda) = \dim E(\lambda)$ .

# Propriedades dos valores próprios

## Teorema

Seja  $A$  uma matriz quadrada de ordem  $n$ . Então:

- ▶ Para todo o valor próprio  $\lambda$  de  $A$  tem-se

$$1 \leq m.g.(\lambda) \leq m.a.(\lambda)$$

- ▶ A matriz  $A$  possui  $n$  valores próprios (reais e/ou complexos) **contando com repetições**, ou seja, a soma das multiplicidades algébricas dos valores próprios **distintos** de  $A$  é igual à ordem da matriz  $A$ .
- ▶ A soma dos valores próprios de  $A$ , **contando com repetições (m.a.)**, é igual ao **traço** de  $A$ ,  $\text{tr}(A)$ , que se define como a soma dos elementos da diagonal principal de  $A$ .
- ▶ O produto dos valores próprios de  $A$ , **contando com repetições (m.a.)**, é igual ao  $\det A$ .
- ▶  $\lambda = 0$  é valor próprio de  $A$  se e só se  $A$  é não invertível.

## Propriedades dos valores próprios - exemplo

Consideremos a matriz  $A$  do exemplo do slide 209 e a respectiva informação espectral do slide 216,

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$$

$\lambda$	m.a.( $\lambda$ )	m.g.( $\lambda$ )	base de $E(\lambda)$
1	2	2	$\{(1, 0, 0), (0, 0, 1)\}$
2	1	1	$\{(1, 1, 1)\}$

Constata-se que:

- ▶  $2 = \text{m.g.}(1) \leq \text{m.a.}(1) = 2$   
 $1 = \text{m.g.}(2) \leq \text{m.a.}(2) = 1$ .
- ▶  $\text{m.a.}(1) + \text{m.a.}(2) = 2 + 1 = 3 = n$  (ordem da matriz  $A$ ).
- ▶ A soma dos valores próprios de  $A$  contando com repetições (m.a.),  $1 + 1 + 2 = 4$ , coincide com  $\text{tr}(A) = 1 + 2 + 1 = 4$  (soma das entradas da diagonal principal).
- ▶ O produto dos valores próprios de  $A$ , contando com repetições (m.a.),  $1 \times 1 \times 2$  coincide com  $\det(A) = 2$  (verifique).
- ▶ Como  $\lambda = 0$  não é valor próprio a matriz  $A$  é invertível.

## Diagonalização de matrizes

### Definição de matriz diagonalizável

Uma matriz  $A$  de ordem  $n$  diz-se **diagonalizável** se existir uma **matriz invertível**  $P$  e uma **matriz diagonal**  $D$  tal que

$$P^{-1}AP = D.$$

A matriz  $P$  designa-se por **matriz de diagonalização** para  $A$ .

### Exemplo

Consideremos  $A = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 2 \end{bmatrix}$  e  $P = \begin{bmatrix} 1 & 1 \\ 0 & 1 \end{bmatrix}$ . Tem-se (verifique),

$$P^{-1}AP = \begin{bmatrix} 1 & 0 \\ 0 & 2 \end{bmatrix} = D.$$

Logo  $A$  é diagonalizável com matriz de diagonalização  $P$ .  
Como obter uma matriz  $P$  de diagonalização (caso exista)?

## Diagonalização e base própria

Seja  $A$  uma matriz quadrada de ordem  $n$  e  $D = \text{diag}(\lambda_1, \dots, \lambda_n)$  uma matriz diagonal. Dada uma matriz invertível  $P = [v_1 \ \dots \ v_n]$ , isto é, uma matriz de uma base  $\{v_1, \dots, v_n\}$  de  $\mathbb{R}^n$ , têm-se as equivalências

$$P^{-1}AP = D \Leftrightarrow P P^{-1}AP = PD \Leftrightarrow AP = PD.$$

Como se tem,

$$AP = A[v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n] = [Av_1 \ Av_2 \ \dots \ Av_n], \text{ e}$$
$$PD = [v_1 \ v_2 \ \dots \ v_n] \begin{bmatrix} \lambda_1 & 0 & \dots & 0 \\ 0 & \lambda_2 & \dots & 0 \\ \vdots & \vdots & \ddots & \vdots \\ 0 & 0 & \dots & \lambda_n \end{bmatrix} = [\lambda_1 v_1 \ \lambda_2 v_2 \ \dots \ \lambda_n v_n],$$

conclui-se que  $AP = PD$  se e só se  $Av_i = \lambda_i v_i$ , para todo o  $i = 1, \dots, n$ .

Logo  $A$  é diagonalizável com matriz de diagonalização  $P = [v_1 \ \dots \ v_n]$  tal que

$$P^{-1}AP = D = \text{diag}(\lambda_1, \dots, \lambda_n),$$

se e só se  $\{v_1, \dots, v_n\}$  for uma base de  $\mathbb{R}^n$  formada por vetores próprios de  $A$  associados aos valores próprios  $\lambda_1, \dots, \lambda_n$ .

## Propriedades dos vetores próprios

### Observação

Sejam  $A$  matriz quadrada de ordem  $n$  e  $\lambda'_1, \dots, \lambda'_k$  os valores próprios **distintos** de  $A$ .

- ▶ Pode-se mostrar que existe uma base de  $\mathbb{R}^n$  formada por vetores próprios de  $A$  se e só se

$$\text{m.g.}(\lambda'_1) + \dots + \text{m.g.}(\lambda'_k) = n.$$

Esta base é obtida reunindo bases dos subespaços próprios  $E(\lambda'_1), \dots, E(\lambda'_k)$ .

- ▶ Uma vez que soma das mult. alg. dos valores próprios distintos de  $A$  é igual à ordem da matriz  $A$  e que a multiplicidade geométrica de qualquer valor próprio é sempre inferior ou igual à sua multiplicidade algébrica, a condição anterior é equivalente à condição

$$\text{m.g.}(\lambda'_i) = \text{m.a.}(\lambda'_i), \quad i = 1, \dots, k.$$

## Teorema

Seja  $A$  uma matriz quadrada de ordem  $n$ . As seguintes afirmações são equivalentes:

- (i)  $A$  é diagonalizável.
- (ii) Existe uma base de  $\mathbb{R}^n$  formada por vetores próprios de  $A$ .
- (iii) A soma das multiplicidades geométricas dos valores próprios distintos de  $A$  é  $n$ .
- (iv)  $m.g.(\lambda) = m.a.(\lambda)$  para qualquer valor próprio  $\lambda$  de  $A$ .

Nas condições equivalentes anteriores a matriz  $P = [v_1 \ \dots \ v_n]$ , onde  $\{v_1, \dots, v_n\}$  é uma base de  $\mathbb{R}^n$  formada por vetores próprios de  $A$ , obtida reunindo bases de todos os subespaços próprios de  $A$ , é uma matriz de diagonalização para  $A$ , tendo-se

$$P^{-1}AP = \text{diag}(\lambda_1, \dots, \lambda_n),$$

com  $\lambda_i$ ,  $i = 1, \dots, n$ , valor próprio de  $A$  associado ao vetor próprio  $v_i$ .

## Exemplo de uma matriz diagonalizável

Consideremos novamente a matriz  $A$  do exemplo do slide 209 e a respectiva informação espectral do slide 216,

$A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$	$\lambda$	$m.a.(\lambda)$	$m.g.(\lambda)$	base de $E(\lambda)$
	<b>1</b>	2	2	$\{(1, 0, 0), (0, 0, 1)\}$
	<b>2</b>	1	1	$\{(1, 1, 1)\}$

- Uma vez que  $m.g.(1) = m.a.(1) = 2$  e a  $m.g.(2) = m.a.(2) = 1$ , a matriz  $A$  é **diagonalizável** e o conjunto

$$\{u_1, u_2, u_3\} = \{(1, 0, 0), (0, 0, 1), (1, 1, 1)\},$$

obtido reunindo a base  $\{(1, 0, 0), (0, 0, 1)\}$  de  $E(1)$  com a base  $\{(1, 1, 1)\}$  de  $E(2)$  é uma **base de  $\mathbb{R}^3$  formada por vetores próprios de  $A$** .

- Logo a matriz desta base própria,  $P = [u_1 \ u_2 \ u_3] = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix}$  é uma matriz de diagonalização para  $A$ , tendo-se (verifique),

$$P^{-1}AP = \begin{bmatrix} 1 & -1 & 0 \\ 0 & -1 & 1 \\ 0 & 1 & 0 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 0 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 1 & 0 & 1 \\ 0 & 0 & 1 \\ 0 & 1 & 1 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 1 & 0 & 0 \\ 0 & 1 & 0 \\ 0 & 0 & 2 \end{bmatrix}.$$

## Exemplo de uma matriz não diagonalizável

- ▶ Consideremos agora a matriz  $D = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 \\ 0 & 2 & 2 \\ 0 & 2 & 5 \end{bmatrix}$  do exercício 44, cujos valores próprios distintos são  $\lambda = 1$  e  $\lambda = 6$ , tendo-se  $m.a.(1) = 2 > m.g.(1) = 1$  e  $m.a.(6) = m.g.(6) = 1$  (ver a solução do exercício 44.)
- ▶ Como  $m.g.(1) \neq m.a.(1)$  não existe uma base de  $\mathbb{R}^3$  formada por vetores próprios de  $D$  e portanto  $D$  não é diagonalizável.
- ▶ Neste caso a **cardinalidade** (número de vetores) **máxima** de um conjunto linearmente independente formado por vetores próprios de  $D$  é  $m.g.(1) + m.g.(6) = 2 < 3 = \dim \mathbb{R}^3$ .

## Introdução à Programação Linear (PL)

### Problema 1

Uma exploração agrícola **dispõe de 80 ha de terreno** para produzir tomate e trigo. Para além do terreno, os recursos susceptíveis de limitar a produção das duas culturas são a **água** e a **mão de obra**: sabe-se que **cada hectare de tomate** necessita de **8000 m<sup>3</sup> de água** e de **40 h de mão de obra** e que **cada hectare de trigo** requer apenas **20 h de mão de obra**. A exploração agrícola **dispõe de 320000 m<sup>3</sup> de água** e **2000 horas de mão de obra**. **As receitas, por cada hectare de tomate e trigo cultivados são, respetivamente, 300 € e 200 €**. Pretende-se determinar a **área a destinar a cada cultura** por forma a **maximizar a receita total**.

**Dados do problema:**

	Utilização de recursos		Receita (max)
	Água	Mão de obra	
Tomate	8000 m <sup>3</sup> /ha	40 h/ha	300 €/ha
Trigo		20 h/ha	200 €/ha
Disponibilidades	≤ 320000 m <sup>3</sup>	≤ 2000 h	
Terreno	≤ 80 ha		

# Construção do modelo matemático

## Variáveis de decisão

Vamos considerar duas variáveis,  $x$  e  $y$ , que representam as áreas (em hectares) a destinar ao cultivo do tomate e do trigo, respetivamente.

## Função objetivo

A função objetivo (f.o.) traduz a relação entre o valor da receita total (em €) e as receitas obtidas pelo cultivo de  $x$  hectares de tomate e  $y$  hectares de trigo:

$$z = 300x + 200y.$$

## Restrições funcionais

As restrições funcionais traduzem as limitações dos recursos disponíveis:

- ▶ A área total de terreno cultivado não pode exceder 80 ha  $\rightarrow x + y \leq 80$ .
- ▶ O consumo de água não pode exceder 320000 m<sup>3</sup>  $\rightarrow 8000x \leq 320000$ .
- ▶ A mão de obra utilizada não pode exceder 2000 h  $\rightarrow 40x + 20y \leq 2000$ .

## Restrições de sinal

Pela sua natureza as variáveis não podem tomar valores negativos  $\rightarrow x, y \geq 0$ .

# Formulação do Problema 1 em PL

O Problema 1 pode então ser formulado em PL como,

$$\begin{aligned} \max \quad & z = 300x + 200y \\ \text{s.a} \quad & x + y \leq 80 \quad (\text{T}) \\ & 8000x \leq 320000 \quad (\text{A}) \\ & 40x + 20y \leq 2000 \quad (\text{MO}) \\ & x, y \geq 0 \end{aligned}$$

em que

- ▶  $x$  = área (em ha) destinada à cultura de tomate,
- ▶  $y$  = área (em ha) destinada à cultura de trigo.

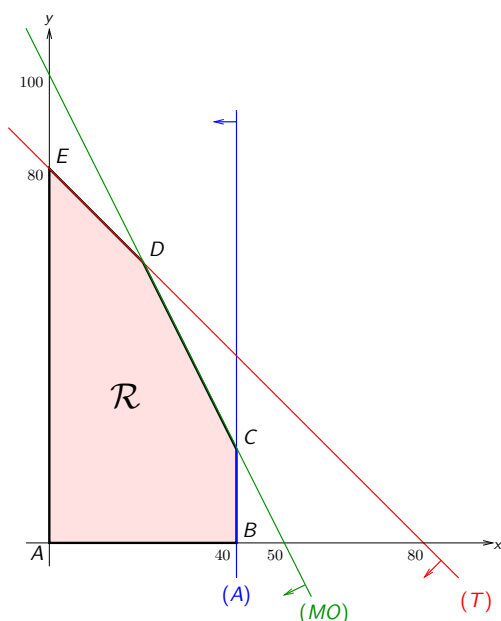
Repare-se que apesar da cultura de trigo não necessitar de água e requerer menos horas de mão de obra que a cultura de tomate, também gera menos receita, pelo que não é óbvia qual a área a destinar a cada uma das culturas de modo a maximizar a receita.

# Solução e região admissível de um problema em PL

- ▶ A **região admissível** de um problema em PL é o conjunto das suas **soluções admissíveis**, isto é, o conjunto das soluções que satisfazem **todas as restrições funcionais e de sinal**.
- ▶ Dividindo a segunda restrição da formulação do slide anterior do Problema 1 do slide anterior por 8000 e a terceira por 20 obtêm-se restrições lineares mais simples, passando a região admissível  $\mathcal{R}$  do Problema 1 a ser definida por:

$$\begin{aligned}x + y &\leq 80 \\x &\leq 40 \\2x + y &\leq 100 \\x, y &\geq 0\end{aligned}$$

## Região admissível do problema em PL



- ▶ A inequação linear  $x + y \leq 80$  define o semi-plano (assinalado por meio de  $\rightarrow$ ) que contém a origem (porque  $0 + 0 \leq 80$ ) e cuja fronteira é a reta de suporte (a **vermelho**) de equação  $x + y = 80$ . Se  $y = 0$  nesta equação, obtém-se  $x = 80$  e se  $x = 0$  então  $y = 80$ , concluindo-se que a reta de suporte intersecta os eixos coordenados nos pontos  $(80, 0)$  e  $(0, 80)$ .
- ▶ A inequação  $x \leq 40$  define o semi-plano (assinalado por meio de  $\rightarrow$ ) com fronteira dada pela reta vertical de suporte  $x = 40$  (a **azul**).
- ▶ A inequação  $2x + y \leq 100$  define o semi-plano (assinalado por meio de  $\rightarrow$ ), que contém a origem e cuja fronteira é a reta de suporte (a **verde**) de equação  $2x + y = 100$ , que intersecta os eixos coordenados em  $(50, 0)$  e  $(0, 100)$ .

A região admissível  $\mathcal{R}$  obtém-se **intersectando os 3 semi-planos descritos acima com o primeiro quadrante definido pelas restrições de sinal  $x, y \geq 0$** , e define o polígono  $[ABCDE]$ .

# Conjuntos de nível da função objetivo

- ▶ Dado  $k \in \mathbb{R}$  define-se o **conjunto de nível  $k$**  da função objetivo (f.o.)  $z = 300x + 200y$ , como

$$C_k = \{(x, y) : 300x + 200y = k\},$$

que representa o conjunto dos pontos do plano em que a f.o. toma o valor  $k$ . Os conjuntos  $C_k$ ,  $k \in \mathbb{R}$ , definem retas paralelas entre si, uma vez que são todas perpendiculares ao mesmo vetor normal  $(300, 200)$ .

- ▶ O **conjunto das soluções que geram uma dada receita  $k \in \mathbb{R}$**  é a parte do conjunto de nível  $C_k$  contida na região admissível  $\mathcal{R}$ , ou seja,

$$\{(x, y) \in \mathcal{R} : 300x + 200y = k\},$$

que pode obviamente ser vazia.

- ▶ Por exemplo, **cultivar 20 hectares de tomate e 20 hectares de trigo** corresponde à solução admissível  $(20, 20) \in \mathcal{R}$  e gera uma receita de  $k = 300 \times 20 + 200 \times 20 = 10000 \text{€}$ .
- ▶ O conjunto das soluções admissíveis que geram a mesma receita que a solução  $(20, 20)$  é o conjunto

$$\{(x, y) \in \mathcal{R} : 300x + 200y = 10000\},$$

que corresponde à parte da reta de nível  $C_{10000}$  contida em  $\mathcal{R}$ .

# Resolução gráfica do problema de PL

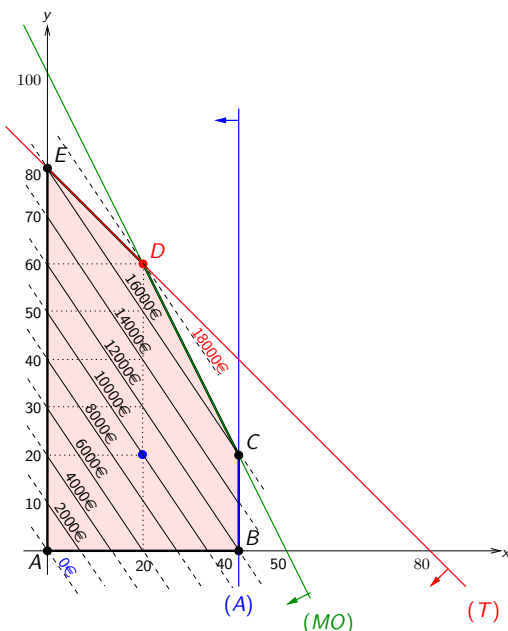
Representam-se na figura abaixo a solução admissível  $(20, 20) \in \mathcal{R}$  e as retas de nível da f.o. para diferentes valores de receita  $k \in \mathbb{R}$ , com a parte fora da região admissível a tracejado.

Torna-se evidente pela figura que o valor **máximo da receita** é atingido no **vértice  $D$** , cujas coordenadas podem ser obtidas intersectando as retas de suporte  $x + y = 80$  e  $2x + y = 100$ , isto é, como solução do sistema,

$$\begin{cases} x + y = 80 \\ 2x + y = 100 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} x = 20 \\ y = 60 \end{cases}$$

O vértice  $D = (20, 60)$  designa-se por **solução ótima** do problema de PL e corresponde a **cultivar 20 hectares de tomate e 60 ha de trigo, originando uma receita máxima de 18000€**.

A solução ótima  $D = (20, 60)$  utiliza a **totalidade da mão de obra e do terreno disponíveis**, uma vez que está na interseção das retas de suporte das correspondentes restrições funcionais, e portanto estas 2 restrições são **satisfeitas com igualdade** ( $x + y = 20 + 60 = 80$  e  $2x + y = 40 + 60 = 100$ ), dizendo-se que estão **saturadas**.



# Vértices do polígono de admissibilidade e solução ótima

- ▶ As coordenadas de cada vértice da região admissível  $\mathcal{R}$  do Problema 1 obtêm-se **intersectando as retas de suporte que contêm o vértice**. Por exemplo, as coordenadas do vértice  $C$  obtêm-se como

$$C : \begin{cases} x = 40 \\ 2x + y = 100 \end{cases} \Leftrightarrow \begin{cases} x = 40 \\ y = 20 \end{cases}$$

- ▶ Veremos a seguir que **uma solução ótima** do problema de PL ocorre num **vértice do polígono de admissibilidade  $\mathcal{R}$** , uma vez que a região admissível  $\mathcal{R}$  é **não vazia e limitada**.
- ▶ Calculando o valor da função objectivo em cada vértice de  $\mathcal{R}$  constata-se que o valor mais elevado é obtido no vértice  $D$ , concluindo-se novamente que **uma solução ótima ocorre no vértice  $D$** :

vértice $(x, y)$	$z = 300x + 200y$
$A = (0, 0)$	0€
$B = (40, 0)$	12000€
$C = (40, 20)$	16000€
<b><math>D = (20, 60)</math></b>	<b>18000€ (máx.)</b>
$E = (0, 80)$	16000€

## Formulação de um problema de PL: caso geral

- ▶ Num problema de PL, pretende-se determinar o(s) valor(es) de um conjunto de variáveis de decisão  $x_1, \dots, x_k$  que otimizam (maximizam ou minimizam), uma função linear **designada por função objectivo** (f.o.), e que satisfazem um conjunto de **restrições funcionais** (restrições lineares) (1), ..., (m) e **de sinal** (m+1):

max / min	$z = c_1 x_1 + c_2 x_2 + \dots + c_k x_k$	(f.o.)
s.a	$a_{11} x_1 + a_{12} x_2 + \dots + a_{1k} x_k \geq, \leq \text{ ou } = b_1$	(1)
	$a_{21} x_1 + a_{22} x_2 + \dots + a_{2k} x_k \geq, \leq \text{ ou } = b_2$	(2)
	⋮	
	$a_{m1} x_1 + a_{m2} x_2 + \dots + a_{mk} x_k \geq, \leq \text{ ou } = b_m$	(m)
	$x_1 \geq 0, \leq 0 \text{ ou livre}, \dots, x_k \geq 0, \leq 0 \text{ ou livre}$	(m+1)

- ▶  $c_j$ ,  $a_{ij}$  e  $b_i$ , com  $i = 1, \dots, m$  e  $j = 1, \dots, k$ , são os **parâmetros** do problema.
- ▶ O conjunto de pontos que satisfazem as **restrições funcionais** (1), ..., (m) e as **restrições de sinal** (m+1) designa-se por **região admissível** do problema, denotada  $\mathcal{R}$  e define um poliedro de  $\mathbb{R}^k$  chamado **poliedro de admissibilidade**.
- ▶ Cada ponto da região admissível  $\mathcal{R}$  designa-se por **solução admissível**.
- ▶ Uma solução admissível que optimize (maximize ou minimize) a f.o. designa-se por **solução ótima**.
- ▶ A cada restrição linear do tipo  $a_{j1} x_1 + a_{j2} x_2 + \dots + a_{jk} x_k \leq (\geq) b_j$  associamos a equação linear  $a_{j1} x_1 + a_{j2} x_2 + \dots + a_{jk} x_k = b_j$  que se designa por **hiperplano de suporte** da região admissível  $\mathcal{R}$  se interseccionar a fronteira de  $\mathcal{R}$ .

## Teorema fundamental

Consideremos o problema  $\mathcal{P}$  de programação linear,

$$\begin{array}{ll} \max \text{ (ou min)} & z = c_1 x_1 + c_2 x_2 + \cdots + c_k x_k \\ \text{s. a} & (x_1, x_2, \dots, x_k) \in \mathcal{R}, \end{array}$$

com  $c_1, \dots, c_k \in \mathbb{R}$  e  $\mathcal{R}$  região admissível definida por restrições funcionais e de sinal como descrito no slide 234. Se  $\mathcal{R}$  for **limitada e não vazia** tem-se:

1. Existe um vértice de  $\mathcal{R}$  que é solução ótima do problema  $\mathcal{P}$ .
2. Se  $q$  vértices  $v_1, \dots, v_q$  são soluções ótimas do problema  $\mathcal{P}$  então qualquer **combinação convexa** de  $v_1, \dots, v_q$ ,

$$\lambda_1 v_1 + \cdots + \lambda_q v_q,$$

em que  $\lambda_1, \dots, \lambda_q \geq 0$  com  $\lambda_1 + \cdots + \lambda_q = 1$ , é ainda solução ótima de  $\mathcal{P}$

## Observações

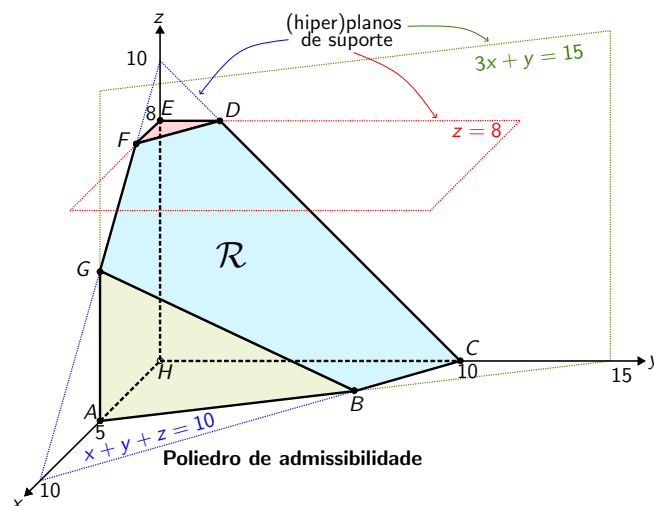
- ▶ O 1º ponto do teorema anterior **reduz** o problema de determinar uma solução ótima de um problema de PL com região admissível **limitada e não vazia**  $\mathcal{R}$ , ao problema de **determinar os vértices de  $\mathcal{R}$**  (que são em número finito) e **identificar o(s) vértice(s) onde a função objectivo atinge o maior ou menor valor**, consoante o problema seja de maximização ou minimização.
- ▶ As combinações convexas de 2 vértices  $v_1$  e  $v_2$  são os pontos do segmento de reta que une  $v_1$  a  $v_2$ . Logo pelo 2º ponto do teorema anterior se  $v_1$  e  $v_2$  são soluções ótimas de  $\mathcal{P}$ , **qualquer ponto desse segmento de reta é ainda uma solução ótima de  $\mathcal{P}$** , que se designa por **solução ótima alternativa**.
- ▶ De modo análogo se conclui que se  $v_1$ ,  $v_2$  e  $v_3$  são soluções ótimas **não colineares** de  $\mathcal{P}$  então **qualquer o ponto do triângulo de vértices  $v_1$ ,  $v_2$  e  $v_3$  é uma solução ótima alternativa de  $\mathcal{P}$** .
- ▶ ...

# Aplicação a um problema em PL com 3 variáveis

Consideremos o problema de PL,

$$\begin{aligned} \max \quad & 2x + y + z \\ \text{s. a} \quad & x + y + z \leq 10 \\ & 3x + y \leq 15 \\ & z \leq 8 \\ & x, y, z \geq 0 \end{aligned}$$

A região admissível é o poliedro  $\mathcal{R}$  representado na seguinte figura.



## Valores da f.o. nos vértices do poliedro de admissibilidade

Como  $\mathcal{R}$  é não vazia e limitada para obter uma solução ótima basta determinar o(s) vértice(s) de  $\mathcal{R}$  onde a função objetivo atinge o valor máximo. Ora tem-se,

Vértice de $\mathcal{R}$ ( $x, y, z$ )	Valor da f.o. $2x + y + z$
$A = (5, 0, 0)$	10
$B = (2.5, 7.5, 0)$	12.5
$C = (0, 10, 0)$	10
$D = (0, 2, 8)$	10
$E = (0, 0, 8)$	8
$F = (2, 0, 8)$	12
$G = (5, 0, 5)$	15 (máx.)
$H = (0, 0, 0)$	0

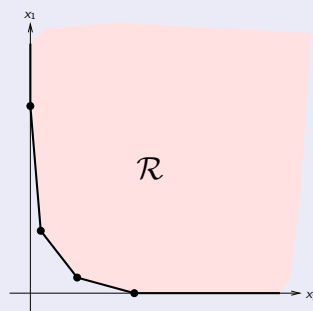
Logo uma solução ótima do problema ocorre no vértice  $(5, 0, 5)$  com valor ótimo 15.

- ▶ Se no problema de PL do slide 237 alterarmos a f.o. para  $0x + 0y + z$  (cota) e recalcularmos os valores da f.o. nos vértices do poliedro de admissibilidade  $\mathcal{R}$ , concluimos que o máximo (de valor 8) ocorre nos vértices  $D$ ,  $E$  e  $F$  (verifique).
- ▶ Logo pelas observações do slide 236, tem-se que qualquer ponto do triângulo  $[DEF]$ , que é uma combinação convexa dos vértices  $D$ ,  $E$  e  $F$ , é uma **solução ótima alternativa** do problema de PL do slide 237 para nova f.o.  $0x + 0y + z$ , o que é **geometricamente evidente**, uma vez que todos os pontos desse triângulo estão à cota máxima 8.

## Regiões admissíveis não limitadas

### Observação

Se a região admissível de um problema de PL for **não limitada** (como na região da figura abaixo) **pode não existir um vértice onde ocorra uma solução ótima**.



Por exemplo, no exercício 59 da sebenta de exercícios existe um vértice onde ocorre o mínimo da f.o., mas não existe um vértice onde ocorra o máximo (uma vez que este é  $+\infty$ ).

## Resolução de problemas de PL no caso geral?

- ▶ Problemas de PL usados em contextos mais realistas podem chegar a envolver milhões de variáveis de decisão!
- ▶ Nos casos em que a dimensão do problema é relativamente pequena podemos usar o [suplemento Solver que vem incluído no programa de folha de cálculo Excel](#), que permite especificar até 200 variáveis (células de valor ajustável). Veremos nas aulas práticas como implementar e resolver problemas em PL usando o suplemento Solver (consultar também os ficheiros disponibilizados no separador **Material de Apoio** no Fénix).
- ▶ Embora não seja, em geral, viável representar graficamente regiões admissíveis de problemas de PL com 3 ou mais variáveis de decisão, podemos [determinar ou reconhecer os vértices dessas regiões de forma indireta](#), como veremos a seguir. Mas para isso temos primeiro que converter a formulação do problema para uma certa forma canónica. . .

## Problema de PL na forma *standard*

### Definição de problema de PL na forma *standard*

Um problema de PL diz-se na **forma *standard*** se as todas as restrições funcionais forem [equações lineares](#) e as variáveis de decisão [tomarem valores não negativos](#).

- ▶ No que se segue iremos sempre considerar problemas de PL em que as [variáveis de decisão  \$x\_1, \dots, x\_k\$  tomam valores não negativos](#), ou seja, vamos assumir desde o início que as restrições de sinal são todas do tipo  $x_1, \dots, x_k \geq 0$ .
- ▶ Acrescentando novas variáveis auxiliares, ditas [variáveis de folga](#), podemos converter um problema em PL para a forma *standard*, como explicado no próximo slide.

# Conversão de um problema de PL para a forma *standard*

- ▶ Substituímos cada restrição funcional do tipo,

$$a_1x_1 + a_2x_2 + \dots + a_kx_k \leq b,$$

pela restrição,

$$a_1x_1 + a_2x_2 + \dots + a_kx_n + f = b,$$

onde  $f = b - a_1x_1 + a_2x_2 + \dots + a_kx_n$  é uma nova variável de folga e acrescentamos a restrição de sinal dessa variável,  $f \geq 0$ .

- ▶ Substituímos cada restrição funcional do tipo,

$$a'_1x_1 + a'_2x_2 + \dots + a'_{ik}x_k \geq b',$$

pela restrição,

$$a'_1x_1 + a'_2x_2 + \dots + a'_kx_n - f' = b',$$

onde  $f' = a'_1x_1 + a'_2x_2 + \dots + a'_kx_n - b'$  é uma nova variável de folga e acrescentamos a restrição de sinal dessa variável,  $f' \geq 0$ .

- ▶ As restrições funcionais do tipo,

$$a''_1x_1 + a''_2x_2 + \dots + a''_kx_k = b'',$$

as restrições de sinal das variáveis de decisão e a f.o. ficam **inalteradas**.

## Exemplo: conversão do Problema 1 para a forma *standard*

### Problema original

$$\begin{array}{ll} \max & z = 300x + 200y \\ \text{s.a} & x + y \leq 80 \\ & 8000x \leq 320000 \\ & 40x + 20y \leq 2000 \\ & x, y \geq 0 \end{array}$$

### Problema na forma *standard*

$$\begin{array}{ll} \max & z = 300x + 200y \\ \text{s.a} & x + y + f_1 = 80 \\ & 8000x + f_2 = 320000 \\ & 40x + 20y + f_3 = 2000 \\ & x, y, f_1, f_2, f_3 \geq 0 \end{array}$$

em que,

- ▶  $f_1 = 80 - (x + y)$  representa a área de terreno disponível (em ha) que não foi utilizada.
- ▶  $f_2 = 320000 - 8000x$  representa a água disponível (em m<sup>3</sup>) e não utilizada.
- ▶  $f_3 = 2000 - (40x + 20y)$  representa as horas de mão-de-obra disponíveis e não utilizadas.

## Problema 2

### Problema 2

Uma empresa produz três tipos de fertilizantes, A, B e C. Cada tonelada de fertilizante A, B e C gera 50, 40 e 60 unidades de resíduos tóxicos e origina um lucro de 10, 5 e 10 euros, respetivamente. A empresa tem capacidade para produzir 15 mil toneladas de fertilizantes por mês. Compromissos já assumidos obrigam a empresa a entregar mensalmente 5 mil toneladas de fertilizante A a um cliente. Pretende-se determinar o plano de produção mensal que gera a menor quantidade possível de resíduos tóxicos de modo a obter-se um lucro mensal de pelo menos 100 mil euros e uma produção mensal nunca inferior a 80% da capacidade de produção da empresa.

Dados do problema:

	Resíduos	Lucro	
Fertilizante A	50 unid./t	10 €/t	$\geq 5000$ t/mês
Fertilizante B	40 unid./t	5 €/t	
Fertilizante C	60 unid./t	10 €/t	
	min	$\geq 100000$ €	
Capacidade mensal	$\leq 15000$ t		
Produção mensal	$\geq .80 \times 15000$ t		

Álgebra Linear 2025/26 - Pedro C Silva - Instituto Superior de Agronomia / ULisboa

245

## Formulação do Problema 2 em PL

O Problema 2 pode então ser formulado em PL como,

$$\begin{aligned} \min \quad & z = 50x_A + 40x_B + 60x_C \\ \text{s.a} \quad & x_A + x_B + x_C \leq 15000 \quad (1) \\ & x_A \geq 5000 \quad (2) \\ & 10x_A + 5x_B + 10x_C \geq 100000 \quad (3) \\ & x_A + x_B + x_C \geq 12000 \quad (4) \\ & x_A, x_B, x_C \geq 0 \end{aligned}$$

em que

- $x_A$ ,  $x_B$  e  $x_C$  representam, respetivamente, as quantidades, em toneladas, de fertilizante dos tipos A, B e C a produzir mensalmente.

Vamos converter esta formulação para a forma *standard* aplicando as regras do slide 243.

## Conversão do Problema 2 para a forma *standard*

$$\begin{aligned}
 \min \quad & z = 50x_A + 40x_B + 60x_C \\
 \text{s.a} \quad & x_A + x_B + x_C + f_1 = 15000 \quad (1) \\
 & x_A - f_2 = 5000 \quad (2) \\
 & 10x_A + 5x_B + 10x_C - f_3 = 100000 \quad (3) \\
 & x_A + x_B + x_C - f_4 = 12000 \quad (4) \\
 & x_A, x_B, x_C, f_1, f_2, f_3, f_4 \geq 0
 \end{aligned}$$

em que as variáveis de folga,  $f_1$ ,  $f_2$ ,  $f_3$  e  $f_4$  têm o seguinte significado:

- ▶  $f_1 = 15000 - (x_A + x_B + x_C)$  que representa a capacidade de produção mensal de fertilizantes (em toneladas) não utilizada.
- ▶  $f_2 = x_A - 5000$  que representa a quantidade de fertilizante A produzida (em toneladas) para além do compromisso assumido.
- ▶  $f_3 = 10x_A + 5x_B + 10x_C - 100000$  que representa o lucro obtido (em €) acima do lucro mínimo pretendido de 100000€.
- ▶  $f_4 = x_A + x_B + x_C - 12000$  que representa a produção mensal de fertilizantes (em toneladas) produzida acima de 80% da capacidade mensal de produção.

## Região admissível $\mathcal{F}$ do problema na forma *standard*

Dado um problema de PL na forma *standard*, com  $k$  variáveis de decisão  $x_1, \dots, x_k$  e  $s$  variáveis de folga  $f_1, \dots, f_s$ , vamos denotar por  $\mathcal{F}$  a respetiva região admissível, que podemos descrever matricialmente como,

$$\mathcal{F} = \{ \bar{x} = (x_1, \dots, x_k, f_1, \dots, f_s) \in \mathbb{R}^{k+s} : A\bar{x} = b, \bar{x} \geq 0 \},$$

isto é,  $[A|b]$  é a matriz ampliada do sistema que define as restrições funcionais na forma *standard*, com  $A$  matriz do tipo  $m \times n$ , onde  $m$  é número de restrições funcionais do problema e  $n = k + s$  o número de variáveis, contando com variáveis de folga<sup>14</sup>,  $b \in \mathbb{R}^m$  e  $\bar{x} \geq 0$  significa  $x_1, \dots, x_k, f_1, \dots, f_s \geq 0$ .

- ▶ Por exemplo, a região admissível na forma *standard* do Problema 2 do slide anterior pode ser escrita usando notação matricial como,

$$\mathcal{F} = \{ \bar{x} = (x_A, x_B, x_C, f_1, f_2, f_3, f_4) : A\bar{x} = b, \bar{x} \geq 0 \}, \quad \text{em que}$$

$$[A|b] = \left[ \begin{array}{cccccccc|c}
 x_A & x_B & x_C & f_1 & f_2 & f_3 & f_4 & & \\
 1 & 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 & & 15000 \\
 1 & 0 & 0 & 0 & -1 & 0 & 0 & & 5000 \\
 10 & 5 & 10 & 0 & 0 & -1 & 0 & & 100000 \\
 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 & -1 & & 12000
 \end{array} \right].$$

<sup>14</sup>Iremos sempre assumir que a  $\text{car}(A)$  é igual ao número de restrições funcionais  $m$ , condição que é verificada para todos os exercícios da sebenta.

## Vértice de $\mathcal{R} \leftrightarrow$ s.b.a. de $\mathcal{F}$

Tem-se o seguinte resultado fundamental que permite reconhecer se um dado vetor é vértice da região admissível de um problema de PL.

### Teorema

Com as notações do slide anterior tem-se que um vetor  $x = (x_1, \dots, x_k)$  é **vértice de  $\mathcal{R}$**  se e só se o vetor  $\bar{x} = (x_1, \dots, x_k, f_1, \dots, f_s)$ , obtido acrescentando os valores das variáveis de folga, verifica as 4 condições:

1. Todas as componentes de  $\bar{x}$  são **não negativas**.
2. O número de componentes nulas de  $\bar{x}$  é **superior ou igual** a  $n - m$ , onde  $n = k + s$  é o número de variáveis (contando com variáveis de folga) e  $m$  o número de restrições funcionais do problema.
3.  $\bar{x}$  verifica as restrições funcionais na forma standard, isto é,  $A\bar{x} = b$ .
4. As colunas de  $A$  associadas às componentes não nulas de  $\bar{x}$  formam um conjunto **linearmente independente** de vetores.

Nas condições acima, diz-se que  $\bar{x} = (x_1, \dots, x_k, f_1, \dots, f_s)$  é uma **solução básica admissível (s.b.a.)** de  $\mathcal{F}$  (associada ao vértice  $x$ ).

## Como reconhecer se uma solução admissível é vértice ?

- ▶ Consideremos a solução do Problema 2 que consiste em produzir 5000 toneladas de fertilizante A, nenhuma de fertilizante B e 10000 de fertilizante C.
- ▶ A solução anterior,

$$x = (x_A, x_B, x_C) = (5000, 0, 10000),$$

verifica todas as **restrições funcionais**,

$$x_A + x_B + x_C = 15000 \leq 15000, \quad (1)$$

$$x_A = 5000 \geq 5000, \quad (2)$$

$$10x_A + 5x_B + 10x_C = 150000 \geq 100000, \quad (3)$$

$$x_A + x_B + x_C = 15000 \geq 12000, \quad (4)$$

e de  **sinal**  $x_A, x_B, x_C \geq 0$  e é portanto uma solução admissível do problema.

- ▶ Será que  $x = (x_A, x_B, x_C) = (5000, 0, 10000)$  corresponde a um vértice da região admissível do problema?

## Averiguar se $x = (5000, 0, 10000)$ é vértice. . .

Vamos averiguar se a solução  $x = (x_A, x_B, x_C) = (5000, 0, 10000)$  do Problema 2, que consiste em produzir 5000 toneladas de fertilizante A, nenhuma de fertilizante B e 10000 de fertilizante C, é um vértice da região admissível  $\mathcal{R}$  usando o teorema do slide 249.

Calculando os valores das variáveis de folga (ver o slide 247) obtém-se,

$$f_1 = 15000 - (x_A + x_B + x_C) = 15000 - 15000 = 0,$$

$$f_2 = x_A - 5000 = 5000 - 5000 = 0,$$

$$f_3 = 10x_A + 5x_B + 10x_C - 100000 = 150000 - 100000 = 50000,$$

$$f_4 = x_A + x_B + x_C - 12000 = 15000 - 12000 = 3000.$$

Tem-se então que  $x = (x_A, x_B, x_C) = (5000, 0, 10000)$  é **vértice de  $\mathcal{R}$**  se e só se a solução ampliada com as respetivas folgas,

$$\bar{x} = (x_A, x_B, x_C, f_1, f_2, f_3, f_4) = (5000, 0, 10000, 0, 0, 50000, 3000),$$

é uma **s.b.a. da região admissível  $\mathcal{F}$**  do problema na forma *standard*, ou seja, verifica as 4 condições do slide seguinte:

## Exemplo (cont.)

1. Todas as componentes de  $\bar{x}$  são **não negativas**, o que se verifica. ✓
2. O número de componentes nulas de  $\bar{x}$  é superior ou igual ao **número de variáveis** (contando com variáveis de folga) menos o **número de restrições funcionais**:  
 $3 \geq 7 - 4$ . ✓
3.  $\bar{x}$  verifica as restrições funcionais do problema na forma standard, isto é, **verifica  $A\bar{x} = b$** , onde  $[A | b]$  é a matriz do slide 248, que define a região admissível  $\mathcal{F}$ .  
De facto,

$$A\bar{x} = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 \\ 1 & 0 & 0 & 0 & -1 & 0 & 0 \\ 10 & 5 & 10 & 0 & 0 & -1 & 0 \\ 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 & -1 \end{bmatrix} \begin{bmatrix} 5000 \\ 0 \\ 10000 \\ 0 \\ 0 \\ 50000 \\ 3000 \end{bmatrix} = \begin{bmatrix} 15000 \\ 5000 \\ 100000 \\ 12000 \end{bmatrix} = b. \quad \checkmark$$

4. O conjunto das colunas de  $A$  associadas às componentes não nulas de  $\bar{x} = (5000, 0, 10000, 0, 0, 50000, 3000)$ , isto é, o conjunto das colunas de  $A$  assinaladas a vermelho,

$$A = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 \\ 1 & 0 & 0 & 0 & -1 & 0 & 0 \\ 10 & 5 & 10 & 0 & 0 & -1 & 0 \\ 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 0 & -1 \end{bmatrix},$$

é **linearmente independente**.

## Exemplo (concl.)

De facto, aplicando o método de eliminação de Gauss à matriz formada por esse conjunto de colunas obtém-se,

$$B = \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 & 0 \\ 1 & 0 & 0 & 0 \\ 10 & 10 & -1 & 0 \\ 1 & 1 & 0 & -1 \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} 1 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & -1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & -1 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & -1 \end{bmatrix} = B'.$$

Como todas as colunas da matriz em escada  $B'$  têm pivot, o conjunto formado pelas 1<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> colunas de  $A$  é linearmente independente. ✓

(Pode-se provar que o conjunto formado pelas 4 colunas é linearmente independente mostrando alternativamente que  $\det B \neq 0$ , o que fica como exercício para os alunos.)

Uma vez que as 4 condições são verificadas concluímos que  $\bar{x}$  é uma s.b.a. de  $\mathcal{F}$ , o que significa que  $x$  é de facto um vértice de  $\mathcal{R}$ .

UFF !!

## Definição equivalente de solução básica admissível

### Definição de solução básica admissível

Consideremos um sistema linear  $A\bar{x} = b$  com  $A_{m \times n}$  tal que  $\text{car}(A) = m < n$ , e seja  $B$  um subconjunto linearmente independente de  $m$  colunas de  $A$ . Vamos designar as variáveis associadas às colunas de  $B$ ,  $x_\beta$ ,  $\beta \in B$ , por **variáveis básicas** e as restantes  $n - m$  variáveis por **variáveis não básicas ou livres**.<sup>(15)</sup>

- ▶ Chama-se **solução básica** associada a  $B$  denotada por  $x_B$ , à solução de  $A\bar{x} = b$  que é obtida resolvendo o sistema  $[B|b]$  em ordem às  $m$  variáveis básicas  $x_\beta$ ,  $\beta \in B$  (sistema PD), e acrescentando as restantes  $n - m$  variáveis não básicas com o valor zero.
- ▶ Se todas as componentes da solução básica  $x_B$  forem não negativas,  $x_B$  diz-se uma **solução básica admissível** e denota-se por **s.b.a.** Caso contrário  $x_B$  diz-se **não admissível** e denota-se por **s.b.n.a.**

### Observação

Como existem  $\binom{n}{m}$  formas distintas de escolher  $m$  colunas de um conjunto de  $n$ , o número de soluções básicas de  $A\bar{x} = b$  não pode ultrapassar  $\binom{n}{m}$ .

<sup>15</sup> Por abuso de linguagem, denotamos ainda por  $B$  o subconjunto dos índices das colunas de  $A$ .

## Exercício na aula

Determinar as soluções básicas admissíveis e não admissíveis do sistema  $A\bar{x} = b$  com

$$[A | b] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 1 & 1 & 4 \\ 1 & -2 & -5 & -2 \end{array} \right].$$

**Resolução:** A matriz  $A$  tem  $n = 3$  colunas e  $m = 2$  linhas, tendo-se  $\text{car}(A) = m = 2$  e portanto existem  $\binom{3}{2} = 3$  maneiras distintas de escolher 2 colunas (var. básicas) em 3:

- ▶ Considerando  $B$  o conjunto **linearmente independente** formado pela 1ª e 2ª colunas de  $A$ , tem-se  $[B|b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & 4 \\ 1 & -2 & -2 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 0 & 2 \\ 0 & 1 & 2 \end{array} \right]$ . Logo  $x_1 = x_2 = 2$ . Fazendo  $x_3 = 0$  obtém-se a s.b.a.  $\bar{x}_{1,2} = (2, 2, 0)$ .
- ▶ Considerando  $B$  o conjunto **linearmente independente** formado pela 1ª e 3ª colunas de  $A$ , tem-se  $[B|b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & 4 \\ 1 & -5 & -2 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 0 & 3 \\ 0 & 1 & 1 \end{array} \right]$ . Logo  $x_1 = 3$  e  $x_3 = 1$ . Fazendo  $x_2 = 0$  obtém-se a s.b.a.  $\bar{x}_{1,3} = (3, 0, 1)$ .
- ▶ Considerando  $B$  o conjunto **linearmente independente** formado pela 2ª e 3ª colunas de  $A$ , tem-se  $[B|b] = \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 1 & 4 \\ -2 & -5 & -2 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cc|c} 1 & 0 & 6 \\ 0 & 1 & -2 \end{array} \right]$ . Logo  $x_2 = 6$  e  $x_3 = -2$ . Fazendo  $x_1 = 0$  obtém-se a s.b.n.a.  $\bar{x}_{2,3} = (0, 6, -2)$  (uma vez que possui uma componente negativa).

## Problema 1 revisitado

Aplicando as mesmas ideias do slide anterior ao sistema  $A\bar{x} = b$  onde

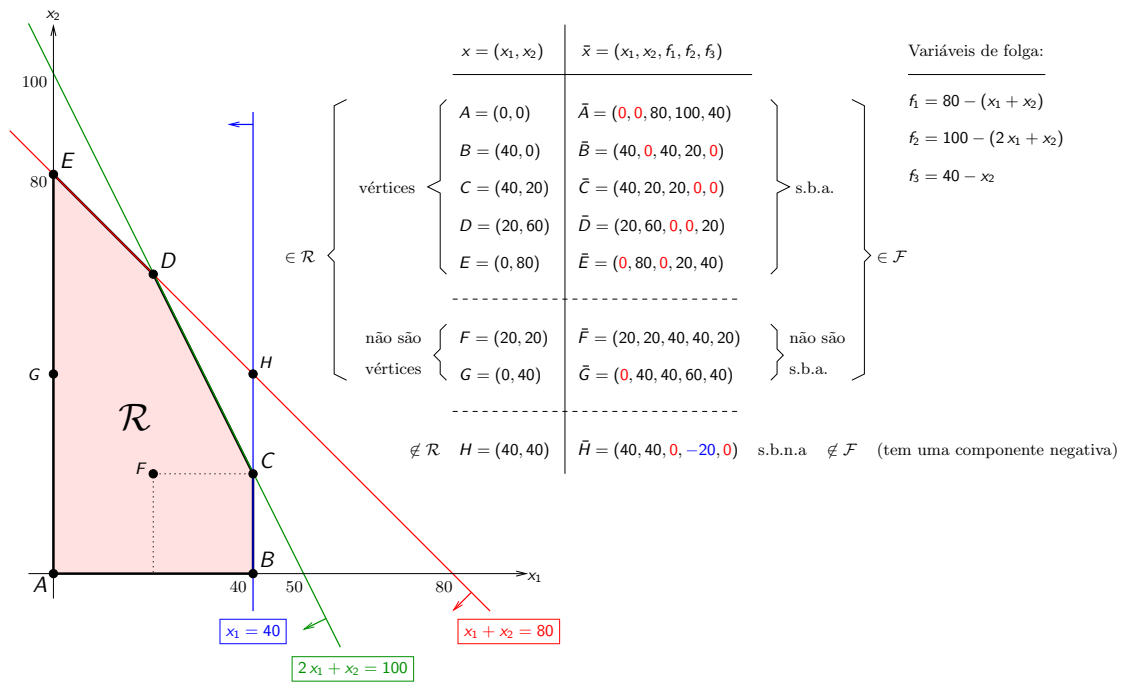
$$[A | b] = \left[ \begin{array}{ccccc|c} 1 & 1 & 1 & 0 & 0 & 80 \\ 2 & 1 & 0 & 1 & 0 & 100 \\ 1 & 0 & 0 & 0 & 1 & 40 \end{array} \right],$$

é a matriz ampliada que define a região admissível do Problema 1 na forma standard,

$$\begin{aligned} \max \quad & z = 300x_1 + 200x_2 \\ \text{s.a} \quad & x_1 + x_2 + f_1 = 80 \\ & 2x_1 + x_2 + f_2 = 100 \\ & x_1 + f_3 = 40 \\ & x_1, x_2, f_1, f_2, f_3 \geq 0 \end{aligned}$$

podemos determinar **todas as s.b.a. da região admissível  $\mathcal{F}$**  do problema na forma standard e consequentemente **todos os vértices da região admissível  $\mathcal{R}$**  e as relações de adjacência entre esses vértices, uma vez que **2 vértices são adjacentes se e só forem definidos a partir conjuntos de variáveis básicas que apenas diferem entre si de uma variável básica.**

# Problema 1 revisitado



Var. básicas	1,2,3	1,2,4	1,2,5	1,3,4	1,3,5	1,4,5	2,3,4	2,3,5	2,4,5	3,4,5
s.b.a de $\mathcal{F}$	$\bar{C}$		$\bar{D}$	$\bar{B}$			-		$\bar{E}$	$\bar{A}$
vértice de $\mathcal{R}$	C		D	B			-		E	A
s.b.n.a.		$\bar{H}$			TPC	(80,0,0,-60,-40)	-	TPC		
"pseudo vértice"		H			TPC	(80,0)	-	TPC		

## Problema 1 revisitado: identificação dos vértices A e C

A título de exemplo vamos detalhar como se obtiveram, na tabela do slide anterior, os vértices A e C da região admissível  $\mathcal{R}$  do Problema 1:

- ▶ Considerando o conjunto linearmente independente  $B$  formado pelas 3<sup>a</sup>,

4<sup>a</sup> e 5<sup>a</sup> colunas de  $A$  vem  $[B|b] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 80 \\ 0 & 1 & 0 & 100 \\ 0 & 0 & 1 & 40 \end{array} \right]$ , obtendo-se para

as variáveis básicas,  $f_1 = 80$ ,  $f_2 = 100$  e  $f_3 = 40$ . Fazendo as variáveis não básicas  $x_1 = x_2 = 0$ , tem-se  $\bar{x}_{3,4,5} = (0, 0, 80, 100, 40) = \bar{A}$  que define uma s.b.a de  $\mathcal{F}$ . Esquecendo as folgas obtém-se o vértice  $A = (0, 0)$  de  $\mathcal{R}$ .

- ▶ Considerando agora  $B$  constituído pelas 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> colunas de  $A$ , e aplicando o método de Gauss vem

$$[B|b] = \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 1 & 1 & 80 \\ 2 & 1 & 0 & 100 \\ 1 & 0 & 0 & 40 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{ccc|c} 1 & 0 & 0 & 40 \\ 0 & 1 & 0 & 20 \\ 0 & 0 & 1 & 20 \end{array} \right].$$

Uma vez que o sistema é PD,  $B$  é linearmente independente e obtêm-se os valores das variáveis básicas,  $x_1 = 40$ ,  $x_2 = 20$  e  $f_1 = 20$ . Fazendo as variáveis não básicas  $f_2 = f_3 = 0$  obtém-se  $\bar{x}_{1,2,3} = (40, 20, 20, 0, 0) = \bar{C}$ , que define uma s.b.a. de  $\mathcal{F}$ . Esquecendo os valores das variáveis de folga obtém-se o correspondente vértice  $C = (40, 20)$  da região admissível  $\mathcal{R}$ .

## Problema 2 revisitado e vértices adjacentes

- ▶ Vimos no slide 251 que  $x = (5000, 0, 10000)$  era um vértice da região admissível  $\mathcal{R}$  associado à s.b.a.  $\bar{x} = (5000, 0, 10000, 0, 0, 50000, 3000)$ .
- ▶ A solução  $x$  está associada ao conjunto de variáveis básicas 1, 3, 6, 7 (uma vez que as restantes 3 variáveis têm valor zero) e denota-se  $x_{1,3,6,7}$ .

Vejamus se trocando no conjunto  $B$  a coluna 3 pela coluna 2 ainda se obtém um vértice de  $\mathcal{R}$ . Ora tem-se,

$$[B|b] = \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 1 & 0 & 0 & 15000 \\ 1 & 0 & 0 & 0 & 5000 \\ 10 & 5 & -1 & 0 & 100000 \\ 1 & 1 & 0 & -1 & 12000 \end{array} \right] \rightarrow \dots \rightarrow \left[ \begin{array}{cccc|c} 1 & 0 & 0 & 0 & 5000 \\ 0 & 1 & 0 & 0 & 10000 \\ 0 & 0 & 1 & 0 & 0 \\ 0 & 0 & 0 & 1 & 3000 \end{array} \right].$$

Daqui resulta que  $x_{1,2,6,7} = (5000, 10000, 0)$  é vértice de  $\mathcal{R}$  associado à s.b.a. degenerada (<sup>16</sup>)  $\bar{x} = (5000, 10000, 0, 0, 0, 0, 3000)$ .

O vértice  $x_{1,2,6,7}$  é adjacente ao vértice  $x_{1,3,6,7}$  uma vez que os respectivos conjuntos de variáveis básicas apenas diferem numa variável básica, tendo-se ainda que melhora (isto é, baixa) o valor da f.o.  $z = 50x_A + 40x_B + 60x_C$ .

---

<sup>16</sup>Porque o número de componentes nulas é estritamente superior ao número de variáveis menos o número de restrições.

## Método do simplex

“O **método do simplex** foi desenvolvido em 1949 pelo matemático americano George B. Dantzig para resolver problemas de PL. A ideia central do método **consiste em mover-se de uma s.b.a. para s.b.a. adjacente enquanto o valor da f.o. for melhorando, até se atingir uma solução ótima, em que as soluções adjacentes já não melhoram esse valor da f.o. [...]**”

(Retirado da página 159 do Texto de Apoio)

BOM  $\mathcal{N}(A^TAL)$ !

com  $A_{25 \times 12}$  e  $L_{12 \times 2024}$